

SUMÁRIO

Introdução	3
Capítulo I: Conceição Evaristo no panorama da literatura afro-brasileira.....	5
1.1 Vida e obra da autora.....	7
Capítulo II: A coletânea <i>Olhos d'Água</i> : aspectos iniciais do texto, temáticas abordadas e análise da linguagem.....	11
Capítulo III – Os contos e as traduções:	
3.1 Olhos d'água.....	14
3.2 Ana Davenga.....	22
3.3 Duzu-Querença.....	38
3.4 Maria.....	48
3.5 Quantos Filhos Natalina teve?.....	54
3.6 Beijo na face.....	66
3.7 Luamanda.....	78
3.8 O <i>Cooper</i> da Cida.....	86
3.9 Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos.....	94
3.10 Di Lixão.....	104
3.11 Lumbiá.....	110
3.12 Os amores de Kimbá.....	118
3.13 Ei, Ardoca.....	130
3.14 A gente combinamos de não morrer.....	134
3.15 Ayoluwa, a alegria do nosso povo.....	150
Capítulo IV: Considerações finais.....	159
Referências bibliográficas	161

INTRODUÇÃO

Em 2009, quando terminei o meu curso do ensino médio na Itália, decidi passar um mês no Brasil numa favela de São Paulo chamada Heliópolis, em contato direto com as famílias que lá viviam. Nesse período trabalhei com crianças carentes e passava o dia com elas desenvolvendo projetos educacionais. Foi graças à essa experiência que decidi inscrever-me neste programa de pós-graduação, porque as emoções que provei naquele período foram tão fortes que embora eu tivesse voltado para Itália, não poderia mais esquecer aqueles dias e nem fechar meus olhos para aquela realidade. Tornou-se importante para mim conscientizar as pessoas acerca do que acontece do outro lado do Atlântico, isto é, de como vivem essas famílias, sobretudo as crianças e essas mulheres.

Ao terminar os exames na faculdade, apresentei-me ao sector de literatura portuguesa e brasileira para conversar sobre a minha proposta de escritura da tese. Queria traduzir um texto, mas ainda não o havia escolhido, não sabia exatamente o que queria. A minha única certeza era que eu deveria divulgar o que tinha vivido no Brasil, naquele ano. Então fui apresentada à escritora Conceição Evaristo e à sua obra, particularmente, ao livro *Olhos d'água*. Portanto, aqui estou com o meu trabalho de tradução e com este livro descoberto quase por magia e pelo qual me apaixonei. Trata-se de uma “poesia brutal” entre-linhas.

De fato a obra *Olhos d'água* é uma coletânea de contos, em que a autora nos mostra, com toda sua humanidade, o que a população afro-brasileira, em particular, as mulheres, enfrentam e suportam. Conceição Evaristo, com a sua imensa sabedoria e domínio das palavras, apresenta-nos histórias que tocam a nossa alma: ela consegue, com esta obra, transformar a dor daquelas mulheres em sofrimento compartilhado, ao dar voz àqueles que durante anos foram afastados ou literalmente arrancados da cena social. A autora aborda a violência em suas diversas formas, manifestadas por meio do preconceito racial, de gênero e de classes, tão evidentes no dia-a-dia das cidades e das periferias brasileiras. Portanto, este trabalho de tradução do livro *Olhos d'água* tem como objetivo apresentar ao leitor italiano esta escritora como sujeito feminino negro capaz de denunciar as mazelas sociais nas quais estão inseridas as mulheres negras

brasileiras.

Dividi o meu trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentarei a autora Conceição Evaristo inserida no panorama da literatura afro-brasileira e a sua importância para todo o movimento negro. Através da literatura, Conceição conseguiu romper com alguns paradigmas sociais que durante anos foram responsáveis pelos estigmas negativos em relação às mulheres negras. O segundo capítulo tratará dos aspectos iniciais do livro, da linguagem utilizada, incluindo alguns neologismos criados pela própria autora e dos temas abordados nos quinze contos. O terceiro capítulo apresentará a minha proposta de tradução dos contos, em ordem: *Olhos d'Água*; *Ana Davenga*; *Duzu-Querença*; *Maria*; *Quantos filhos Natalina teve?*; *Beijo na face*; *Luamanda*; *O cooper de Cida*; *Záita esqueceu de guardar os brinquedos*; *Di Lixão*; *Lumbiá*; *Os amores de Kimbá*; *Ei, Ardoca*; *A gente combinamos de não morrer*; *Ayoluwa, a alegria de nosso povo*. E, por último, no quarto capítulo, farei as minhas considerações finais sobre o meu trabalho e sobre as dificuldades encontradas nesta tradução.

CAPÍTULO I

Conceição Evaristo no panorama da literatura afro-brasileira

Nomear o que seria a literatura afro-brasileira é uma questão que tem suscitado diferentes reflexões por parte de algumas vozes críticas acadêmicas. Há muito os afro-descendentes buscam seu espaço na cultura e na literatura do Brasil. Em particular, um grupo de escritores(as) afro-brasileiros(as) vem afirmando a existência de um *corpus* literário específico constituído por textos de autoria de homens e mulheres negros brasileiros. A consolidação da literatura afro-brasileira dá-se com a publicação da série *Cadernos Negros* pelo grupo *Quilombhoje*¹, em 1978. Mas no século XVIII com Domingos Caldas Barbosa, já se podia encontrar várias publicações sobre o assunto. Depois, nos meados do século XX, autores mestiços e mulatos como Lima Barreto, Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus, Oswaldo de Camargo e Jorge Lima começam a representar os negros de uma maneira diferente na literatura e na arte.

A diferença entre as primeiras publicações e as do século XX é bem definida por Luiza Lobo:

o negro deixa de ser objeto e passa a sujeito da literatura e da própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereótipo) para ser autor, com uma visão de mundo própria. Assim poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afro-descendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (LOBO, 2007).

Sujeitos tratados como objetos durante o período de escravidão tentam, com a literatura, promover uma desconstrução dos estereótipos que os envolvem. Sem dúvida,

¹ Quilombhoje é um coletivo cultural e uma editora de São Paulo, responsável pela publicação da série *Cadernos Negros*.

um outro fator que impulsiona o interesse por essa literatura dá-se pela instituição da Lei no 10639/2003, que obriga as instituições de ensino, oficiais ou não, a incluírem no currículo história e cultura afro-brasileira. A instituição da Lei, juntamente com a criação do dia da Consciência Negra, marca um avanço importante para conhecer a verdadeira história do povo brasileiro e para a construção de um ambiente favorável a uma presença mais significativa das artes marcadas pelo pertencimento étnico afro-descendente.

Em particular, a publicação dos *Cadernos Negros* contribuiu muito para a configuração discursiva do conceito de literatura afro-brasileira. A série vem mantendo, desde 1978, uma produção marcada predominantemente pelo protesto contra o racismo e, ao lado dessa perspectiva, sobressai o tema do negro, enquanto individualidade e coletividade, inserção social e memória cultural.

Mas, se o homem negro já está numa posição de exclusão, marginalização e submissão, se o preconceito de cor já é sentido de forma cruel por eles, as mulheres negras se enquadram em um nível ainda mais bárbaro, por sofrerem também o preconceito de gênero. Numa sociedade brasileira principalmente patriarcal as mulheres foram sempre consideradas frágeis e indefesas e, por essa razão, deveriam ficar em casa e dedicar-se exclusivamente à família. Portanto se, além de ser vítima do preconceito devido as questão de gênero, a mulher era negra, a segregação tornava-se ainda maior porque carregava também as questões da cor da pele.

O papel das mulheres na literatura reflete perfeitamente o que elas tinham na sociedade: sempre submissas ao pai e ao marido. Além disso, à personagem feminina negra é negada a imagem de mulher-mãe e, nos raros casos em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário daquela que cuida dos filhos dos brancos.

É tornando-se consciente do seu valor como afro-brasileiros e graças à consolidação da literatura afro-brasileira que muitas mulheres começam a escrever.

A escritora Florentina Souza afirma que:

dos seus lugares desprestigiados, mulheres, afro-brasileiras/os, homossexuais, analfabetos, juntamente com a cultura de massa e a cultura popular, atacaram o campo literário e reivindicaram para si a possibilidade de tematizar, no interior deste campo, questões e problemas sociais e passaram a conferir qualificações de etnia e gênero, por exemplo, à literatura.

Dessa forma, a literatura produzida por mulheres negras engajadas,

protagonistas de suas histórias e memórias, assume uma posição política de luta por uma nova visão da mulher negra enquanto sujeito social. É próprio nesse cenário que aparece a escritora Conceição Evaristo.

1.1 Vida e obra da autora

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasce no dia 29 de novembro de 1946 numa favela da cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais) e, desde muito cedo, teve que lidar com a dura realidade de ser mulher, negra e moradora de favela.

Conceição Evaristo é filha de Joana Josefina Evaristo que, além de Conceição Evaristo, possui ainda três filhas e cinco filhos; Conceição, por conta das dificuldades financeiras da mãe, foi morar com a tia aos sete anos de idade, com o intuito de ser para a mãe “uma boca a menos para alimentar”. Graças à nova condição de vida, um pouco melhor, que ela desfrutava em casa da tia, teve a oportunidade de estudar.

A autora costuma dizer que não foi ela quem escolheu a literatura, ao contrário, a literatura a escolheu, a perseguiu desde cedo. Sua mãe e suas tias trabalharam em casa de muitos escritores renomados da cidade de Belo Horizonte portanto sempre tinha em casa livros velhos, jornais e revistas. Sem acesso a muitos meios de comunicação (televisão, rádio), Conceição, passou a adolescência e juventude lendo. Assim, a leitura virou um vício. A tia se tornou servente da biblioteca de Belo Horizonte e, com isso, passou a ter acesso fácil aos mais variados livros, fazendo da biblioteca sua morada.

Sua mãe sempre deu valor à educação, fazendo com que os filhos frequentassem uma das melhores escolas públicas da cidade em que viviam; mesmo que para tal tivessem que andar muito, pois a escola era distante do local em que moravam. Entretanto, devido à iniciação precoce no mercado de trabalho, aos oito anos de idade, Conceição Evaristo só conseguiu concluir o curso normal no ano de 1971, aos 25 anos de idade. Depois de ter sido aprovada em um concurso de professora do primário em 1973, partiu de Belo Horizonte para a cidade do Rio de Janeiro. Anos mais tarde, Evaristo concluiu o mestrado em *Literatura Brasileira* pela PUC do Rio de Janeiro, em 1996; e, posteriormente, o doutorado em *Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense* (2011).

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra, estreou na

literatura em 1990, no volume 13 da série *Cadernos Negros*, publicando seis poemas, entre os quais o já celebre *Vozes Mulheres*. Como obra individual, publicou seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, em 2003 e *Becos da memória*, em 2005.

Em 2008, publicou *Poemas de recordação e outros movimentos*, reunião dos textos já divulgados nos *Cadernos negros* e em outras antologias. Em 2011, lançou o livro de contos inéditos *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Por fim, no final do 2014, publicou seu segundo livro de contos, *Olhos d'Água*. Em cerimonia ocorrida a 3 de dezembro de 2015, em São Paulo, a autora recebeu o *Prêmio Jabuti de literatura*² na categoria contos e crônicas, com *Olhos d'água* objeto desse trabalho.

No contexto histórico da produção literária brasileira, a obra de Conceição Evaristo, sejam romances ou contos, revela o compromisso e a identificação da intelectual afrodescendente com os sujeitos colocados às margens, e permite resgatar as vozes de vários escritores negros silenciados ao longo dos séculos. Ela fala em diversos depoimentos sobre a importância que a obra da escritora Carolina Maria de Jesus exerceu sobre ela e sobre a sua família. Ela conta que sua família lia a obra de Carolina “não como leitores comuns, mas como personagens das páginas de Carolina. A história de Carolina era nossa história.”

Além de identificar-se com a experiência de Carolina de Jesus por ser uma mulher negra e moradora de favela que escreveu literatura, Conceição ressalta o significado por trás dessa escrita:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite.

Portanto, é também graças a esta escritora que Conceição levanta a voz e começa a escrever. Escrever para que os excluídos e os marginalizados possam ter uma voz. Ela consegue transformar as duras vivências da população negra em matéria de suas histórias ficcionais. Não há dúvida de que a sua origem de afro-discendentes influencia o seu estilo de produção literária. Num trecho de entrevista com o jornalista

² O Prêmio Jabuti é o mais importante prêmio literário do Brasil. Lançado em 1959, foi idealizado por Edgard Cavalheiro quando presidiu a Câmara Brasileira do Livro.

Luis Nassif, do jornal *GGN* (Grupo Gente Nova), ela declara:

Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também — diz Conceição.

A partir desse conceito, a autora cria o termo "escrevivência". Mas o que significa o termo "escrevivência"? É a própria autora que nos explica:

seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência.

Fala-se do amor, das empregadas domésticas, das prostitutas e de muitos tabus sociais: aborto, prostituição, trabalho infantil, homossexualidade, violência contra a mulher, entre outros.

Olhos d'água apresenta uma coletânea de contos escritos por Conceição Evaristo entre os anos 1990 e 2010. Dos quinze contos publicados no livro supracitado, apenas quatro, de acordo com a própria autora, são lançamentos: *Os amores de Kimbá*, *Luamanda*, *O cooper de Cida* e *A gente combinamos de não morrer*. Os demais já haviam sido publicados anteriormente, principalmente, nos *Cadernos Negros*.

CAPÍTULO II:

2. A coletânea *Olhos d'Água*: aspectos iniciais do texto, temáticas abordadas e análise da linguagem.

Como já foi dito anteriormente, *Olhos d'Água* é uma coletânea de quinze contos que constitui uma visão crítica da sociedade. A autora tenta transformar a sua obra em arma de denúncia e combate social. Entrelaçando temas como miséria, criminalidade, violência, brutalidade, discriminação racial, desigualdade etc., nos convida a refletir a respeito de nosso lugar no mundo enquanto cidadãos participativos e nos convida a abrir os olhos para aqueles que são menos afortunados do que nós.

No livro estão presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Conceição, sem quaisquer idealizações, recria com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira. Os personagens diferem em idade e em conjunturas de experiências mas compartilham da mesma vida de ferro, equilibrando-se na “frágil vara” que, lemos no conto “O *Cooper* de Cida”, é a “corda bamba do tempo”.

O ponto-chave do livro, que também é o que me fez apaixonar pela leitura, está na forma como as histórias são apresentadas. Conceição Evaristo é direta, brutal, usa uma linguagem acessível, simples, coloquial mas nunca banal, algumas vezes sutil. Graças ao seu talento com as palavras, o leitor pode imaginar tudo o que está lendo e é como se se pudessem realmente ver os personagens. Frequente é o uso das metáforas (como os já citados “corda bamba”, “fios de ferro”, “frágil vara” etc.) e duma outra figura retórica em particular: a hifenização. Também os nomes escolhidos para seus personagens são criados a partir da aglutinação de palavras, “Luamanda” por exemplo seria formado pelo substantivo lusa e o verbo mandar. Com um “brutalismo poético” muito preciso, Conceição guia o leitor através de um caminho de identificação imediata.

As narrativas do livro, a partir do título *Olhos d'Água*, são costuradas e umedecidas pelo choro dos personagens que tentam enfrentar situações de crise, de luta pela sobrevivência, de medo e de desesperança.

Mergulhada neste caleidoscópio de emoções, comecei meu trabalho de tradução, que certamente não foi fácil, por tudo o que expliquei antes, mas que, ao contrario, me permitiu descobrir novas técnicas de escrita e alargar o meu conhecimento. A parte mais difícil do trabalho de tradução foi precisamente a do estilo de Conceição Evaristo, um estilo único com uma sintaxe não convencional, uma polifonia de vozes e narradores e com palavras tão perfeitas que traduzi-las em italiano nem sempre “assegurava” o significado original.

CAPÍTULO III – OS CONTOS E AS TRADUÇÕES

3.1 Olhos d'Água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em eu que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe?

Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe? Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio uma cabeleira crespa e bela...

Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho.

Occhi d'acqua

Una notte, anni fa, mi sono svegliata bruscamente perché una strana domanda mi era balenata in testa: di che colore erano gli occhi di mia madre? Stordita, ho fatto persino fatica a riconoscere la camera della nuova casa in cui abitavo e non riuscivo a ricordare come ero arrivata lì. E insistentemente la domanda continuava a martellarmi: di che colore erano gli occhi di mia madre?

Quella domanda, confesso, mi era venuta in mente giorni prima, mesi prima. Tra una cosa e l'altra, mi ero trovata a pensare al colore degli occhi di mia madre. E quello che all'inizio era stato un semplice pensiero, quella notte si era trasformato in una domanda dolorosa carica di un tono accusatorio. Davvero non sapevo di che colore fossero gli occhi di mia madre?

Essendo la prima delle sette figlie, fin da giovane, ho cercato di raccontare le mie difficoltà, sono cresciuta velocemente, vivendo una breve adolescenza. Restando sempre al fianco di mia madre, ho imparato a conoscerla. Ho decifrato il suo silenzio nelle ore difficili, così come sapevo riconoscere nei suoi gesti il preludio di possibili gioie. In quel momento, però, mi sono scoperta colpevole, non ricordando il colore dei suoi occhi. Ho trovato tutto molto strano, perché ricordavo distintamente vari dettagli del suo corpo, dall'unghia incarnita del mignolo del piede sinistro alla verruca nascosta in mezzo a una chioma bella e riccia...

Un giorno, nostra madre, smettendo per qualche istante di lavare e stirare i vestiti degli altri, si era trasformata in una grande bambola nera per le sue figlie concedendoci di pettinarle i capelli: fu così che scoprimmo una piccola palla nascosta nel suo cuoio capelluto. Avevamo pensato che fossero pidocchi. Nostra madre dormicchiava e una delle mie sorelle, annoiata, volendo liberare la madre-bambola da quella sofferenza, cacciò rapidamente l'animaletto.

A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas.

Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço.

Ridacchiammo insieme e ridemmo ancora del nostro inganno. Nostra madre rise così forte che le scesero le lacrime. Ma di che colore erano i suoi occhi?

Ricordavo anche alcune storie della sua infanzia. Era nata in un posto sperduto all'interno dello stato di Minas Gerais. Lì, i bambini camminavano nudi anche quando erano più grandicelli. Le ragazze, non appena i seni cominciavano a svilupparsi, indossavano vestiti prima dei ragazzi. A volte le storie d'infanzia di mia madre si confondevano con quelle della mia infanzia. Ricordo che spesso, quando mia madre cucinava, dalla pentola non proveniva alcun odore. Era come se stesse cucinando soltanto il nostro disperato desiderio di cibo. Le fiamme, sotto l'acqua solitaria che bolliva nella padella piena di fame, sembravano imitare il vuoto dei nostri stomaci, ignorando le nostre bocche infantili in cui le nostre lingue giocavano ad un sogno salivante di cibo. Ed era proprio in quei giorni di poco o nessun cibo che lei giocava ancor di più con le sue figlie. In quelle occasioni il gioco preferito era quello in cui nostra madre era la Signora, la Regina. Si sedeva sul suo trono, un piccolo sgabello di legno. Felici, raccoglievamo fiori cresciuti su un piccolo pezzo di terra che circondava la nostra baracca. I fiori venivano poi distribuiti solennemente fra i capelli, le braccia e il grembo. E davanti a lei facevamo le riverenze alla Signora. Ci coricavamo sul pavimento e sbattevamo le nostre teste contro la Regina. Noi, principesse, intorno a lei, cantavamo, ballavamo, sorridevamo. Nostra madre rideva in una maniera triste e con un sorriso umido... ma di che colore erano gli occhi di mia madre? Io sapevo, già da allora, che nostra madre inventava questo e altri giochi per distrarre la nostra fame. E la nostra fame veniva distratta. A volte, nel tardo pomeriggio, prima che la notte prendesse il sopravvento, si sedeva sulla porta d'ingresso e insieme guardavamo le forme delle nuvole nel cielo. Alcune si trasformavano in pecore; altre in cagnolini; alcune sembravano giganti addormentati, e poi c'erano quelle che erano solo nuvole, zucchero filato. La madre poi allungava il braccio fino ad arrivare al cielo, ne raccoglieva una, la divideva in piccoli pezzettini e la infilava rapidamente nella bocca di ognuna di noi. Tutto doveva essere molto veloce, prima che la nuvola si sciogliesse e con essa i nostri sogni sarebbero spariti. Ma di che colore erano gli occhi di mia madre? Ricordo ancora la paura di mia madre nei giorni di forte pioggia. Sul letto, stretta a noi, ci proteggeva con il suo abbraccio.

E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? E naquela noite a pergunta continuava me atormentando.

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas.

Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água.

E con i suoi occhi colmi di lacrime, recitava preghiere a Santa Barbara balbettando, temendo che la nostra fragile baracca crollasse su di noi. E io non so se era il pianto-lamento di mia madre, se era il rumore della pioggia...so solo che tutto mi faceva credere che la nostra casa oscillasse nel vento. In quei momenti gli occhi di mia madre si confondevano con gli occhi della natura. Pioveva, piangeva! Piangeva, pioveva! E allora perché non riesco a ricordarmi il colore dei suoi occhi? E quella sera la domanda continuava a tormentarmi.

Erano anni che ero lontana dalla mia città natale. Avevo lasciato la mia casa in cerca di migliori condizioni di vita per me e per la mia famiglia: mi ero lasciata alle spalle mia madre e le mie sorelle, ma mia madre non l'avevo mai dimenticata. Riconoscevo la sua importanza nella mia vita, non solo la sua, ma anche delle mie zie e di tutte le donne della mia famiglia. E anche allora, intonavo canti di lode a tutti i nostri antenati, che erano venuti dall'Africa arando la terra della vita con le loro mani, le loro parole e il loro sangue. No, non dimentico queste Signore, le nostre *Yabás*³, portatrici di così tante saggezze. Ma di che colore erano gli occhi di mia madre? Ed è stato proprio in quel momento che, presa dalla disperazione poiché non riesco a ricordare il colore degli occhi di mia madre, decisi di lasciare tutto e, il giorno dopo, di tornare nella città in cui sono nata. Avevo bisogno di osservare il volto di mia madre, guardarla dritta negli occhi, per non dimenticarne mai più il colore. E così ho fatto. Sono tornata a casa, sofferente, ma soddisfatta. Mi sembrava di compiere un rituale in cui l'offerta per le *Orixás*⁴ doveva essere la scoperta del colore degli occhi di mia madre.

E quando, dopo lunghi giorni di viaggio per arrivare alla mia terra natale, ho potuto contemplare estasiata gli occhi di mia madre, sapete cosa ho visto? Sapete cosa ho visto? Ho visto solo lacrime e lacrime. Tuttavia, lei mi sorrise felicemente. Ma c'erano talmente tante lacrime che mi chiedevo se mia madre avesse occhi o grandi fiumi sul volto. E solo allora capii: Mia madre portava con sé serenamente acqua corrente.

Perciò lacrime e lacrime incorniciavano il suo volto. Il colore degli occhi di mia madre era il colore degli occhi dell'acqua.

³ Iabás, Yabás o Iyabás, termine di origine africana il cui significato è Madre Regina, è il termine dato agli orixás femminili Yemanjá e Oxum, ma in Brasile questo termine è usato per definire tutti gli orixás (divinità) femminili in generale.

⁴ Orixás sono le divinità appartenenti originariamente alla mitologia dei popoli africani.

Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra.

E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: —Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

Le acque di madre *Oxum*⁵! Fiumi tranquilli ma profondi e ingannevoli per coloro che contemplan la vita solo in superficie. Sì, le acque di mamma *Oxum*. Ho abbracciato mia madre, ho appoggiato il mio viso sul suo e le ho chiesto protezione. Ho sentito le sue lacrime mescolarsi alle mie. Oggi, quando finalmente ho scorto il colore degli occhi di mia madre, ho cercato di scoprire il colore degli occhi di mia figlia. Mi diverto a pensare che gli occhi di una diventino lo specchio degli occhi dell'altra. E un giorno la mia bambina mi ha sorpreso con un gesto: quando entrambe stavamo facendo un tenero gioco, lei mi ha toccato dolcemente il viso, fissandomi con attenzione. E mentre cercavo il suo sguardo nel mio, mi ha fatto una domanda ponendola però in un modo così delicato che sembrava fosse una domanda per se stessa o che stesse cercando e trovando la rivelazione di un mistero o di un grande segreto. Ho ascoltato quando, sussurrando, mia figlia mi ha detto: "Mamma, qual è il colore così umido dei tuoi occhi?".

⁵ Oxum divinità femminile dei fiumi, dell'acqua, dell'oro e dell'amore, protettrice dei bambini e delle madri.

3.2 Ana Davenga

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. Ana Davenga reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas, dizia de algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não prenunciava desgraça alguma. Se era assim, onde andava o seu, já que os das outras estavam ali? Por onde andava o seu homem? Por que Davenga não estava ali?

Davenga não estava ali. Os homens rodearam Ana com cuidado, e as mulheres também. Era preciso cuidado. Davenga era bom. Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo. Todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo.

O barraco de Davenga era uma espécie de quartel-general, e ele, o chefe. Ali se decidia tudo. No princípio, os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança. O homem morava sozinho. Ali armava e confabulava com os outros todas as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam. E quando o desejo aflorava ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles. O desejo abaixava então, esvanecendo, diluindo a possibilidade de ereção, do prazer. E Ana passou a ser quase uma irmã que povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delitos e dos crimes de Davenga.

Ana Davenga

Il bussare alla porta echeggiò come un preludio di samba. Il cuore di Ana Davenga, così tormentato, intorno a quella mezzanotte, si calmò un poco. Quindi tutto divenne pace, una pace relativa. Balzò fuori dal letto e aprì la porta. Entrarono tutti, tranne il suo uomo. Gli altri uomini la circondavano. Anche le donne, sentendo il trambusto proveniente dalla baracca di Ana, accorsero. Improvvisamente, in quel piccolo spazio c'era tutto il mondo. Ana Davenga aveva riconosciuto il modo di bussare. Non aveva confuso il segnale. Il tocco, preludio di samba o di macumba, indicava che tutto andava bene. Tutto era tranquillo, per quanto possibile. Un tocco diverso, fatto di colpi veloci, avrebbe significato qualcosa di brutto, di cattivo, di pericoloso nell'aria. Il bussare che aveva sentito prima non presagiva alcuna disgrazia. Se fosse stato così, dov'era il suo uomo, dato che quelli delle altre erano lì? Dov'era il suo uomo? Perché Davenga non c'era? Davenga non c'era. Gli uomini attorniavano Ana con attenzione e anche le donne. Bisognava stare attenti. Davenga era buono. Aveva un cuore d'oro, ma, se provocato, era il diavolo in persona. Tutti avevano imparato a guardare Ana. La guardavano cercando di non lasciarsi incantare dalla vitalità e dal piacere che tutto il suo corpo emanava. La baracca di Davenga era una sorta di quartier generale e lui il capo. Lì si decideva tutto. All'inizio, i compagni di Davenga guardavano Ana con gelosia, cupidigia e diffidenza. L'uomo viveva da solo. Lì preparava e cospirava con gli altri tutte le bravate. Ed improvvisamente, senza consultare i suoi compagni, mise una donna lì dentro. Avevano anche pensato di scegliere un altro capo e un'altra sede come quartier generale, ma non ne avevano avuto il coraggio. Dopo un po' di tempo, Davenga informò tutti che quella donna sarebbe rimasta con lui ma che nulla sarebbe cambiato. Era cieca, sorda e muta relativamente ai loro affari. Nel frattempo aggiunse anche una cosa: chiunque si fosse messo contro di lei sarebbe morto dissanguato nelle sue mani come un maiale castrato. Gli amici compresero. E quando il desiderio li sfiorava al solo vedere il seno prosperoso della donna, qualcosa di simile a un dolore profondo li feriva nelle parti più basse. Il desiderio pertanto diminuiva, svaniva, stemperando la possibilità di erezione e di piacere. E Ana divenne quasi una sorella che popolava i sogni incestuosi dei compari criminali e dei crimini di Davenga.

O peito de Ana Davenga doía de temor. Todos estavam ali, menos o dela. Os homens rodeavam Ana. E as mulheres, como se estivessem formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. Ana olhou todos e não percebeu tristeza alguma. O que seria aquilo? Estariam guardando uma dor profunda e apenas mascarando o sofrimento para que ela não sofresse? Seria alguma brincadeira de Davenga? Ele estaria escondido por ali? Não! Davenga não era homem de tais modos! Ele até brincava, porém, só com os companheiros. Assim mesmo, de uma brincadeira bruta. Socos, pontapés, safanões, tapas, seus filhos da puta... Mais parecia briga. Onde estava Davenga? Teria se metido em alguma confusão? Sim, seu homem só tinha tamanho. No mais era criança em tudo. Fazia coisas que ela nem gostava de pensar.

Às vezes ficava dias e dias, meses até, foragido, e quando ela menos esperava dava com ele dentro de casa. Pois é, Davenga parecia ter mesmo o poder de se tornar invisível. Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga, Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga, que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança, soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada. Depois então, ele ainda de corpo nu e ela também, ficavam ali. Ela enxugando as lágrimas dele. Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor! Um dia pensou em se negar para não ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava. Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozopranto de seu homem. Todos continuavam parados olhando Ana Davenga.

Ela recordou que há uns tempos atrás nenhum deles era amigo. Eram inimigos quase. Eles detestavam Ana. Ela não os amava nem os odiava. Ela não sabia onde eles estavam na vida de Davenga. E quando percebeu, viu que não poderia ter por eles indiferença. Teria de amá-los ou odiá-los. Optou por amá-los, então. Foi difícil. Eles não a queriam.

Ad Ana Davenga faceva male il cuore per la paura. Tutti erano lì, tutti tranne il suo uomo. Gli uomini circondavano Ana e le donne, come se stessero formando coppie per una danza, attorniavano i loro compagni fermandosi dietro l'uomo giusto: il loro. Ana li guardò tutti ma non percepì tristezza alcuna. Che diavolo significava questo? Stavano forse nascondendo un profondo dolore e mascheravano la loro sofferenza in modo che lei non soffrisse? Era uno scherzo di Davenga? Stava nascosto lì da qualche parte? No! Davenga non era quel tipo di uomo! Lui scherzava solo con i suoi comparì. Inoltre, era uno scherzo di cattivo gusto. Pugni, calci, spintoni, schiaffi, bastardi... sembrava più una rissa. Dov'era Davenga? Si era messo in qualche casino? Era chiaro che il suo uomo ormai non era più un bambino ma un adulto. Faceva cose a cui lei non voleva nemmeno pensare.

A volte rimaneva per giorni e giorni, persino mesi, latitante e quando lei ormai non lo aspettava più, lui compariva in casa. Già, Davenga sembrava avere il potere di diventare invisibile. A volte, quando usciva per stendere i vestiti sullo stendino o parlava un po' con i suoi amici e poi rientrava, lo ritrovava steso sul letto. Nudo come un verme. Che bello che era il Davenga "vestito" con la pelle che Dio gli aveva dato. Una pelle nera, tesa, liscia, lucida. Lei chiudeva appena la porta ma si "apriva" completamente per il suo uomo. Davenga, Davenga! E poi accadeva quello che lei non riusciva a spiegarsi: Davenga che era così grande, così forte ma così ragazzino, aveva il piacere inondato di lacrime. Piangeva come un bambino, singhiozzava e la inumidiva tutta. Il suo viso e il suo corpo erano bagnati dalle lacrime di lui. E ogni volta che lo vedeva piangere era un intenso dolore. Era come se Davenga stesse davvero male e lei ne fosse responsabile. Poi, ancora nudi sul letto, restavano lì. Lei gli asciugava le lacrime. Era tutto così dolce, così gioioso, così doloroso! Un giorno pensò di non presentarsi per non vedere Davenga piangere così tanto ma lui la chiamava, la cercava, la prendeva. Non c'era nulla da fare, se non asciugare il pianto del suo uomo. Tutti restavano immobili a fissare Ana.

Ad un certo punto si ricordò che qualche tempo prima nessuno di loro era suo amico. Erano quasi nemici e la odiavano. Lei non li amava né li odiava e non sapeva che posto occupassero nella vita di Davenga. E quando si rese conto che non poteva essere indifferente con loro e che avrebbe dovuto amarli o odiarli, scelse di amarli. Era stato difficile perché loro non la volevano.

Não era do agrado de nenhum deles aquela mulher dentro do quartel-general do chefe, sabendo de todos os segredos. Achavam que Davenga iria se dar mal e comprometer todo o grupo. Mas Davenga estava mesmo apaixonado pela mulher. Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela. Naqueles dias ele andava com um temor no peito. Era preciso cuidado. Os homens estavam atrás dele. Tinha havido um assalto a um banco e o caixa descrevera alguém parecido com ele. A polícia já tinha subido o morro e entrado em seu barraco várias vezes. O pior é que ele não estava metido naquela merda. Seria burro de assaltar um banco ali mesmo no bairro, tão perto dele? Fazia os seus serviços mais longe, e além do mais não gostava de assaltos a bancos. Já até participara de alguns, mas achava o servicinho sem graça. Não dava tempo de ver as feições das vítimas. O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e nos modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor.

Adorava ver os chefões, os manda-chuvas cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia. Foi a maior comédia. Ficou na ronda perto da casa do homem. Quando ele chegou e saltou do carro, Davenga se aproximou. – Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como o senhor defendendo a gente, os pobres. – Era mentira. – Doutor, eu votei no senhor. – Era mentira também. – E não me arrependi. Veio visitar a família? Eu também tou indo ver a minha e quero levar uns presentinhos. Quero chegar bem vestido, como o senhor. O homem não deu trabalho algum. Pressentiu a arma que Davenga nem tinha sacado ainda. E quando isto aconteceu, o próprio deputado já tinha adiantado o serviço entregando tudo. Davenga olhou a rua. Tudo ermo, tudo escuro. Madrugada e frio. Mandou que o homem abrisse o carro e pediu as chaves. O deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio, contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele tirasse a roupa e foi recolhendo tudo.

Nessuna donna all'interno del quartier generale del capo sarebbe stata ben voluta perché avrebbe saputo tutti i loro segreti. Pensavano che Davenga si sarebbe comportato in modo scorretto e avrebbe compromesso l'intero gruppo ma lui era veramente innamorato di sua moglie. Quando Davenga incontrò Ana ad una “roda de samba⁶”, lei era lì, appariscente, che ballava in modo sensuale. Davenga amava i movimenti del suo corpo. Lei accennò una mossa sexy col sedere. Era così concentrata nella danza che non aveva nemmeno notato che lui la stava fissando. Proprio in quei giorni Davenga camminava con un peso sul cuore. Doveva stare attento: degli uomini gli stavano alle calcagna. C'era stata una rapina in banca e il cassiere aveva descritto qualcuno somigliante a lui. La polizia era già salita sulla collina ed era entrata più volte nella sua baracca. Il peggio però era che lui non era coinvolto in quella merda. Non sarebbe stato stupido rubare in una banca proprio lì nel quartiere così vicino? Gestiva i suoi affari lontano da lì e per di più non amava le rapine in banca. Aveva anche preso parte ad alcune di esse ma trovava quel “lavoro” noioso. Non aveva tempo per vedere le reazioni delle vittime. Quello che gli piaceva era vedere la paura, il terrore, lo sgomento nei loro volti segnati e nelle loro reazioni. Più forte era il soggetto, meglio era. Amava vedere i capi, i pezzi grossi che se la facevano sotto com'era successo a quel deputato che aveva aggredito un giorno. Fu la più grande commedia. Si appostò vicino alla casa dell'uomo. Quando arrivò e uscì dalla macchina, Davenga gli si avvicinò. - Eh, dottore, la vita non è facile! È una fortuna che ci sia un uomo come lei che difende noi poveri! - Era una bugia. - Dottore, ho votato per lei! - Anche questa era una bugia. - E non mi sono pentito! E' venuto a trovare la sua famiglia? Anch'io vedrò la mia a breve e voglio portarle dei regali. Voglio presentarmi vestito bene, come lei, signore! - L'uomo non si scompose minimamente. Fiutò l'arma che Davenga non aveva ancora estratto. E quando questo accadde, il deputato, che aveva già capito, lo aveva avvantaggiato consegnando tutto. Davenga guardò la strada. Tutto deserto, tutto buio. Alba e freddo. Ordinò all'uomo di aprire la macchina e gli chiese le chiavi. Il deputato tremava e le chiavi gli tintinnavano in mano. Davenga si morse il labbro trattenendo una risata. Osservò il politico attentamente negli occhi, poi gli ordinò di togliersi i vestiti e raccolse tutto.

⁶ La “roda de samba” è una manifestazione molto comune a Rio de Janeiro, Salvador de Bahia e San Paolo. Di solito è formata da un gruppo di musicisti che conducono lo spettacolo intorno ad una tavola rotonda o un cerchio.

- Não, doutor, a cueca, não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença ou se tá com o cu sujo!

Quando arrecadou tudo, empurrou o homem para dentro do carro. Olhou para ele e balançou as chaves. Deu um adeus ao deputado, que correspondeu ao gesto. Davenga tinha o peito explodindo em gargalhadas, mas conteve o riso. Apertou o passo, tinha de abreviar. Eram três e quinze da madrugada. Daí a pouco passaria por ali uma patrulhinha. Dias atrás ele havia estudado o ambiente. Foi por aqueles dias do assalto ao deputado que Davenga conheceu Ana. A venda do relógio lhe havia rendido algum dinheiro, fora o que estava na carteira. E de cabeça leve resolveu ir com os amigos para o samba. Sabia porém que devia ficar atento. Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana. Só quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras para o banheiro. Davenga assistia a tudo. Na volta ela passou por ele, olhou-o e deu-lhe um longo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e convidou-a para uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água, e deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. Daquelas mulheres todas que ele não via há muitos anos, desde que começara a varar o mundo. Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele, ser dele na vida dele. Mas como? Ele queria uma mulher, uma só. Estava cansado de não ter pouso certo. E a mulher que lhe lembrava a bailarina nua havia mexido com ele, com alguma coisa lá dentro dele. Ela lhe trouxera saudade de um tempo paz, um tempo criança, um tempo Minas. Ia tentar, ia tentar... Ana, a bailarina de suas lembranças, bebeu água enquanto Davenga enamorado bebia a cerveja, sem sentir o gosto do líquido. Quando terminou, pegou a mão da mulher e saiu. Os amigos de Davenga viram quando ele, descuidado de qualquer perigo, atravessou o terreiro da roda de samba e caminhou feito namorado puxando a mulher pela mão, ganhando o espaço lá fora, quase esquecido do perigo. Desde aquele dia Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas.

- No, dottore, la biancheria intima, no! La sua biancheria intima no! Metta il caso che lei abbia qualche malattia o che abbia il culo sporco!

Una volta raccolto tutto, spinse l'uomo nella macchina. Lo guardò e scosse le chiavi. Salutò il deputato che rispose al gesto. Davenga stava morendo dalle risate ma cercò di contenersi. Accelerò il passo e si affrettò. Erano le tre e un quarto di mattina. Da lì a poco sarebbe passata una pattuglia. Giorni fa aveva perlustrato la zona. Era stato durante i giorni dell'assalto al deputato che Davenga aveva conosciuto Ana. La vendita dell'orologio gli aveva reso qualche soldo oltre a quelli che aveva già nel portafoglio. E senza pensarci troppo decise di andare con i suoi amici al "roda de samba". Sapeva comunque di dover stare attento. E lo era, certo che sì. Era attento alle movenze e alle danze della donna. Gli ricordava una ballerina nuda proprio uguale a quella che aveva visto un giorno in un film in tv. La ballerina ballava libera, sciolta, alla festa di un villaggio africano. Fu solo quando la batteria smise di suonare che Ana si fermò e si avviò con le altre verso il bagno. Davenga osservò tutto. Al suo ritorno, lei gli passò di fianco, lo guardò e gli fece un grande sorriso. Lui si fece coraggio. Ci vuole coraggio per conquistare una donna! Più coraggio che per fare un "lavoretto". Si avvicinò e la invitò per una birra. Lei lo ringraziò. Aveva sete, voleva dell'acqua e gli sorrise sinceramente. Davenga si emozionò. Si ricordò di sua madre, delle sue sorelle, delle zie, dei suoi cugini e persino della nonna, la vecchia Isolina. Di tutte quelle donne che non vedeva da molti anni dopo che aveva cominciato ad esplorare il mondo. Sarebbe così bello se quella donna volesse stare con lui, vivere con lui, essere sua nella vita. Ma come? Voleva una donna, una sola. Era stanco di non avere un luogo sicuro. E quella donna, che gli ricordava la ballerina nuda, lo aveva scosso: qualcosa dentro di lui si era smosso. Con lei aveva sentito nostalgia di un periodo di pace, di un tempo bambino, di quel periodo vissuto a Minas. Ana, la ballerina dei suoi ricordi, bevve dell'acqua mentre Davenga, innamorato, bevve la birra senza sentire il gusto della bevanda. Quando finì, prese la mano della donna e si allontanò. Gli amici di Davenga lo guardarono quando, senza badare al possibile pericolo, attraversò la piazza del "roda di samba" e camminò come un ragazzo innamorato che prende la sua donna per mano, facendosi spazio, quasi scordandosi del pericolo che stava correndo.

Da quel giorno Ana rimase per sempre nella baracca e nella vita di Davenga. Non chiese mai di cosa si occupasse l'uomo. Portava sempre i soldi e della roba a casa.

Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens voltariam. Davenga às vezes falava do regresso ou não. Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. E naquela noite primeira, no barraco de Davenga, depois de tudo, quando calmos e ele já de olhos enxutos, – ele havia chorado copiosamente no gozo-pranto – puderam conversar, Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome.

Davenga gostara de Ana desde o primeiro momento até sempre. Dera seu nome para Ana e se dera também. Fora com ela que descobrira e começara a pensar no porquê de sua vida. Fora com ela que começara a pensar nas outras mulheres que tivera antes. E uma lhe trazia um gosto de remorso. Ele havia mandado matar a Maria Agonia.

Conhecera a mulher ao visitar um companheiro na cadeia. O amigo armara uma e não se dera bem. A prisão devia ser horrível. Só em pensar tinha medo e desespero. Se um dia caísse preso e não conseguisse fugir, se mataria. E foi nessa única visita ao amigo que ficou conhecendo Maria Agonia. Ela vivia dizendo da agonia de uma vida sem o olhar do Senhor. Naquele dia, quando saíram da cadeia, ela veio conversando com Davenga. Era bonita, uma roupa abaixo do joelho, o cabelo amarrado para trás. Uma voz calma acompanhada de gestos tranquilos. Davenga estava gostando de ouvir as palavras de Maria Agonia.

Marcaram um encontro para o outro domingo na praça. Quando ele chegou, o pastor falava, e Maria Agonia estava com a Bíblia aberta na mão. Davenga observava os modos contritos da mulher. Ela, ao levantar os olhos e perceber o olhar dele, piedosamente abaixou a cabeça e voltou ao livro. Ele saiu e se encaminhou para o botequim em frente. Ao acabar a pregação, ela saiu do meio dos outros, passou por ele e fez um sinal. Ele foi atrás. Assim que todos se dispersaram, ela falou do desejo de estar com ele. Queria ir para algum lugar sozinhos. Foram e se amaram muito. Ele chorou como sempre.

Nei giorni in cui era lontano, erano i suoi compagni che, grazie alle loro donne, la aiutavano. Lei non lo trovava affatto strano. Molte volte Davenga le ordinava di dare soldi o “cose” alle donne dei suoi amici. Loro accettavano i doni e chiedevano quando e se i loro uomini sarebbero tornati. A volte Davenga parlava di un loro possibile ritorno, altre volte no. Ana era pienamente consapevole dell'attività del suo uomo: sapeva i rischi che correva restando accanto a lui ma pensava anche che qualunque vita potesse essere un rischio e il rischio maggiore era quello di non provare a godersi la vita. E durante la loro prima notte, nella baracca di Davenga, una volta che si erano calmati e lui aveva finalmente gli occhi asciutti dopo aver pianto abbondantemente, riuscirono a parlare e Ana decise di prendere il suo nome. Decise che da quel momento in poi si sarebbe chiamata Ana Davenga. Voleva un segno del suo uomo sul suo corpo ed anche nel nome. A Davenga Ana era piaciuta fin dal primo momento e per sempre. Avrebbe dato il suo nome ad Ana e si sarebbe dato lui in primis. Era stato grazie a lei che aveva scoperto e iniziato a pensare ai perché della sua vita. Era stato grazie a lei che aveva cominciato a pensare alle altre donne che aveva avuto prima. Una, in particolare, gli aveva procurato un senso di rimorso. Aveva ordinato di uccidere Maria Agonia. L'aveva conosciuta durante una visita in carcere ad un compagno. Il suo amico l'aveva combinata grossa ed era finita male: la prigione doveva essere terribile. Al solo pensiero provava paura e disperazione. Decise che se mai un giorno fosse stato arrestato senza possibilità di scappare, si sarebbe ucciso. E fu in questa unica visita all'amico che conobbe Maria Agonia. La donna diceva di vivere una vita abbandonata dal Signore. Quel giorno, quando uscirono dalla prigione, si mise a parlare con Davenga. Era bella, indossava un vestito lungo fin sotto il ginocchio, i capelli legati all'indietro, una voce calma accompagnata da gesti tranquilli. A Davenga piaceva ascoltare le parole di Maria Agonia. Stabilirono di incontrarsi la domenica successiva in piazza. Quando lui arrivò, Maria Agonia stava parlando con il pastore e aveva la Bibbia aperta tra le mani. Davenga osservava i modi contriti della donna. Quando lei alzò gli occhi e incrociò lo sguardo di lui, si chinò piegando la testa e tornò al libro. Lui si allontanò e si diresse verso la taverna. Alla fine della predica, lei uscì in mezzo agli altri, passò di fianco a lui e gli fece un segno. Lui la seguì. Quando la folla si disperse, lei parlò del desiderio di stare insieme. Voleva andare da qualche parte da sola con lui. Andarono e si amarono molto. Lui pianse come al solito.

Esses encontros aconteceram muitas e muitas vezes. Primeiro a praça, a pregação, a crença. Depois tudo no silêncio, na moita, tudo escondidinho. Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só, se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso?

Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? Mandou que a mulher se vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. Estava precisando do prazer que ele, só ele, era capaz de dar. Saíram juntos do motel, a uma certa altura, como sempre, ele desceu do carro e caminhou sozinho. Não havia de ser nada.

Tinha alguém que faria o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete apareceu nos jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus”.

Por mais que Ana Davenga se esforçasse, não conseguia atinar com o porquê da ausência de seu homem. Todos estavam ali. Isto significava que em qualquer lugar que Davenga estivesse naquele momento, ele estava só. E não era comum, em tempos de guerra como aqueles, eles andarem sozinhos. Davenga devia estar em perigo, em maus lençóis. As histórias e os feitos de Davenga vieram quentes e vivos em sua mente. Dentre eles havia o feito em que havia uma semelhante sua, morta. Nem no dia em que Davenga, de cabeça baixa, lhe contara o crime, ela tivera medo do homem. Buscou as feições de suas semelhantes, ali presentes. Encontrou calma. Seria porque os homens delas estavam ali? Não, não era. A ausência de um significava sempre perigo para todos. Por que estavam tão calmas, tão alheias assim?

Novas batidas ecoaram na porta e já não eram prenúncios de samba. Era samba mesmo. Ana Davenga quis romper o círculo em volta dela e se encaminhar para abrir a porta. Os homens fecharam a roda mais ainda e as mulheres em volta deles começaram a balançar o corpo. Cadê Davenga, cadê o Davenga, meu Deus?! O que seria aquilo? Era uma festa! Distinguiu vozes pequenas e havia as crianças. Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe, e às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais.

Questi incontri si ripeterono molte e molte volte. Prima la piazza, la predica, il credo. Poi tutto in silenzio, senza dare nell'occhio, tutto nascosto. Un giorno lui era stanco, le propose di salire a casa, di rimanere con lui, di correre con lui tutti i pericoli, di abbandonare la Bibbia e di lasciare tutto. Maria Agonia reagì. Ma guarda un po', se lei, una credente, figlia di un pastore, istruita, doveva lasciare tutto e vivere con un emarginato, un bandito?! Davenga s'infiammò. Ah! Quindi era così? Solo il piacere? Solo il bello? Solo quello che succedeva a letto? Uscita da lì tornava nuovamente alla Bibbia? Ordinò alla donna di vestirsi. Lei si rifiutò. Voleva di più. Aveva bisogno del piacere che lui, solo lui poteva darle. Ad un certo punto lasciarono il motel insieme, come al solito, lui uscì dalla macchina e si avviò da solo. Nulla era accaduto.

C'era qualcuno che avrebbe fatto il "servizietto" al suo posto. Giorni dopo sui giornali comparve il seguente titolo: "Figlia del pastore trovata nuda con il corpo perforato da proiettili. Accanto al suo corpo è stata trovata una Bibbia. La ragazza aveva l'abitudine di visitare le carceri per diffondere la parola di Dio".

Per quanto Ana Davenga si sforzasse, non riusciva a capire perché il suo uomo fosse assente. Tutti erano lì. Questo significava che ovunque Davenga fosse in quel momento, era solo. E non era normale, in tempi di guerra come questi, andare in giro da soli. Davenga doveva essere in pericolo, in guai seri. Le sue storie e le sue azioni divennero chiare e vivide nella mente di Ana. Tra loro c'era un segreto: una delle sue donne, una come lei, era morta. Nemmeno il giorno in cui Davenga, a testa bassa, le aveva confessato il delitto, aveva avuto paura dell'uomo. Cercò le reazioni delle sue simili lì presenti. Si calmò. Forse perché gli uomini delle altre erano lì? No, non era così. L'assenza di uno significava sempre pericolo per tutti. Perché erano così calmi e così indifferenti?

Un nuovo bussare echeggiò alla porta e non erano più preludi di samba. Era davvero samba. Ana voleva rompere il cerchio attorno a lei e andare ad aprire la porta. Gli uomini chiusero ancora il cerchio e le donne cominciarono a oscillare i loro corpi. Dov'è Davenga, dove è Davenga, mio Dio?! Che cos'era? Una festa! Distinse piccole voci: erano bambini. Ana si accarezzò la pancia. Lì dentro c'era il suo piccolo, ancora un bel sogno. Alcuni dei bambini seguivano a volte da lontano, a volte da vicino, le bravate dei loro genitori.

Algumas seguiriam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes? E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido.

O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. E o filho dela e de Davenga? Cadê Davenga, meu Deus? Davenga entra furando o círculo. Alegre, zambeiro, cabeça-sonho, nuvens. Abraça a mulher. No abraço, além do corpo de Davenga, ela sentiu a pressão da arma.

– Davenga, Davenga, que festa é esta? Por que isto tudo?

– Mulher, tá pancada? Parece que bebe? Esqueceu da vida? Esqueceu de você?

Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário. O barraco de Ana Davenga, como o seu coração, guardava gente e felicidades. Alguns se encostaram pelo pouco espaço do terreiro. Outros se amontoaram nos barracos vizinhos, de onde rolavam a cachaça, a cerveja e o mais e mais. Quando a madrugada afirmou, Davenga mandou que todos se retirassem, recomendando aos companheiros que ficassem alerta.

Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento. Davenga estava ali, na cama, vestido com aquela pele negra, brilhante, lisa, que Deus lhe dera. Ela também, nua. Era tão bom ficar se tocando primeiro. Depois haveria o choro de Davenga, tão doloroso, tão profundo, que ela ficava adiando o gozo-pranto. Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho.

Mandaram que Davenga vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda.

Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora, o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca!

Alcuni avrebbero seguito la loro stessa strada. Altri, forse, avrebbero intrapreso percorsi diversi? E il loro figlio, suo e di Davenga, che cammino avrebbe percorso? Ah, questo appartiene al futuro! Ma il futuro arriva veloce.

Il tempo per crescere è breve. Anche quello per uccidere o morire sarebbe arrivato presto. E il figlio suo e di Davenga? Dov'è Davenga, mio Dio? Davenga comparve nel cerchio. Felice, vagabondo, con la testa tra le nuvole. Abbracciò la donna. Nel suo abbraccio, oltre al suo corpo, lei sentì la pressione dell'arma.

- Davenga, Davenga, che festa è questa? Perché tutto ciò?

- Donna, hai preso una botta in testa? Sembra che tu abbia bevuto! Hai dimenticato la vita? Ti sei scordata di te?

No, Ana non aveva dimenticato ma non sapeva cosa ricordare. Era la prima volta nella sua vita che le facevano una festa di compleanno! La baracca di Ana, come il suo cuore, proteggeva la gente e la felicità. Alcuni si fermarono nel piccolo spazio del cortile. Altri si ammassarono nelle baracche vicine, da dove scorreva la *cachaça*, la birra e tanto altro. Quando l'alba finì, Davenga ordinò che tutti si ritirassero raccomandando i suoi compari di stare all'erta.

Ana era felice. Solo Davenga non lo era davvero. E lei, così dipendente dal dolore, sfruttò i momenti che precedettero la più grande gioia e una profonda sofferenza. Davenga era là, nel letto, vestito con quella pelle nera, lucida e liscia, quella pelle che Dio gli aveva dato. Anche lei era nuda. Era così bello fare l'amore prima toccandosi! Poi ci sarebbe stato il pianto di Davenga, così doloroso, così profondo, che lei continuava a ritardare la gioia per poter piangere con lui. Stavano per esplodere l'uno nell'altra quando la porta si aprì violentemente e due poliziotti entrarono impugnando le armi.

Ordinarono a Davenga di vestirsi rapidamente e di non fare il furbo perché la baracca era circondata. Un altro poliziotto dall'esterno spinse la finestra in legno. Una mitragliatrice puntò verso l'interno della casa proprio in direzione del letto, mirando Ana. Lei si ritrasse, portando la mano sul ventre, proteggendo il bambino, piccolo seme, ancora quasi un sogno.

Davenga mise lentamente i pantaloni. Sapeva di essere stato sconfitto. E adesso, qual era il valore della vita rispetto alla morte? Andare in prigione, mai!

A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino?

De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros. Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.

Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria.

La pistola era lì, sotto la camicia che stava per prendere. Avrebbe potuto prenderle insieme. Sapeva che quel gesto avrebbe significato la morte. Se Ana fosse sopravvissuta alla guerra, chi lo sa, avrebbe potuto avere un altro destino?

Con la testa bassa, senza guardare in faccia i due poliziotti davanti a lui, Davenga prese la camicia e subito dopo si udirono molti colpi. I notiziari successivamente riportarono la morte di un poliziotto in servizio. Nella favela, i compagni di Davenga piansero la morte del capo e di Ana, morti nel letto per colpa di una mitragliatrice, tentando di proteggere con le mani un sogno di vita che lei portava nel ventre.

In una bottiglia di birra piena d'acqua, si aprì un bocciolo di rosa, bocciolo che Ana aveva ricevuto dal suo uomo alla sua prima festa di compleanno, ventisette anni.

3.3 Duzu-Querença

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho. Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos. Agachou-se quieta. Ficou por algum tempo olhando o mundo.

Sentiu um início de cãibra nas pernas, ergueu-se pela metade, acorando-se de novo. Estava mesmo ficando velha, pensou. Levantou devagar. Olhou para trás, viu os companheiros seus estirados, depois do almoço, contemplando o meio-dia. Ensaiou e mudou os passos, cambaleante e insegura feito criança que começa a andar. Sorriu da verdeza e da cãibra que insistiam. É, a perna estava querendo falhar. Ela é que não ia ficar ali assentada. Se as pernas não andam, é preciso ter asas para voar. Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair.

A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã. O pai de Duzu tinha nos atos a marca da esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital.

Duzu ficou com na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas.

Duzu-Querença

Duzu si leccava le dita unte di cibo, approfittando degli ultimi pezzi di riso che si erano incastrati sotto le sue unghie sporche. Un uomo che passava di lì guardò la mendicante con uno sguardo di disgusto. Lei ricambiò lo sguardo facendo un ghigno. L'uomo affrettò il passo, temendo che lei si potesse alzare intralciandogli il cammino. Duzu guardò il fondo della scatola di latta, trovando solo spazio vuoto. Insistette ulteriormente. Molte volte infilava la mano là dentro e ne usciva con un cibo immaginario che si infilava piacevolmente in bocca. Quando ne aveva abbastanza di quel sogno, ruttava soddisfatta e, abbandonando la scatola di latta sui gradini della chiesa, si spostava più in là allontanandosi dagli altri mendicanti. Si accovacciava silenziosa e restava a contemplare il mondo per un po'. Sentì un principio di crampo nelle gambe, si tirò un po' su, accovacciandosi poi di nuovo. Stava invecchiando, pensò. Si alzò lentamente. Si guardò indietro, vide i suoi compagni coricati, dopo pranzo, che contemplavano il mezzogiorno. Si preparò e cambiò andatura, incerta e insicura come un bambino quando muove i primi passi. Sorrise sia per la lentezza sia per il crampo che non la lasciavano in pace. Già, la gamba stava cercando di venir meno. Il fatto è che lei non voleva rimanere seduta. Se le gambe non camminano, servono le ali per volare. Quando Duzu arrivò per la prima volta in città, era una bambina molto piccola. Era arrivata viaggiando in treno, giorni e giorni. Aveva attraversato terre e fiumi. I ponti sembravano fragili. Passava il tempo quasi aspettandosi che il treno cadesse. La madre era già stanca. Voleva scendere a metà del viaggio. Il papà voleva camminare verso il domani. Il padre di Duzu, nel suo agire, aveva dato un segno di speranza. Da pescatore qual era, sognava un nuovo mestiere: era necessario impararne diversi. Era anche necessario dare un'altra vita alla figlia. In città c'erano signore che assumevano ragazze. Poteva lavorare e studiare. Duzu era capricciosa ma aveva la testa per leggere. Un giorno sua figlia sarebbe stata una persona colta. La ragazza era fortunata. Era già sulla buona strada. Una signora che aveva trovato lavoro alla figlia di Zé Nogueira si sarebbe incontrata con loro nella capitale. Duzu rimase in quella casa per molti anni. Era una casa grande con molte stanze nelle quali abitavano delle donne che Duzu trovava davvero belle.

Gostava de ficar olhando para os rostos delas. Elas passavam muitas coisas no rosto e na boca. Ficavam mais bonitas ainda.

Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos. A senhora tinha explicado a Duzu que batesse nas portas sempre. Batesse forte e esperasse o pode entrar. Um dia Duzu esqueceu e foi entrando. A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa: por que aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. Estava engraçado. Estava bonito. Estava bom de olhar. Então resolveu que nem sempre ia bater nas portas dos quartos. Nem sempre ia esperar o pode entrar. Algumas vezes ia entrar-entrando. E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida. Em outros, era bem-aceita.

Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina? O homem parou. Levantou embrulhado no lençol. Duzu viu então que a moça estava nua. Ele pegou a carteira de dinheiro e deu uma nota para Duzu. Ela olhou timidamente para o homem. Voltou ali no outro dia no entrar-entrando. Não era o mesmo. Saiu desapontada e triste. Passados alguns dias voltou a entrar de supetão. Era ele. Era o homem que lhe havia feito um carinho e lhe dado um dinheiro. Era ele que estava lá. Estavam os dois nuzinhos. Ele em cima, parecendo dentro da mulher. Duzu ficou olhando tudo. Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois. Duzu voltava sempre. Vinha num entrar-entrando cheio de medo, desejo e desespero. Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. Ganhava mais e mais dinheiro. Voltava e a moça do quarto nunca estava.

Le piaceva guardare i loro volti. Si truccavano molto sia in viso che sulle labbra: diventavano ancora più belle! Duzu lavorava duramente. Aiutava a lavare e stirare. Era sempre lei che puliva le stanze. La signora aveva le spiegato di bussare sempre alle porte. Doveva battere forte e aspettare ad entrare. Un giorno Duzu se ne dimenticò ed entrò. La ragazza della camera stava dormendo. Sopra di lei stava dormendo un uomo. Duzu era confusa: perché quell'uomo dormiva sopra alla ragazza? Uscì lentamente, ma prima li guardò ancora un po'. Era divertente. Era bello. Era bello da guardare. Da quel momento decise che non avrebbe sempre bussato alle porte delle stanze. Non avrebbe sempre atteso il permesso per poter entrare.

A volte chiedeva il permesso quando già stava entrando. E nell'“entrare-entrando”, Duzu vide più e più volte uomini che dormivano addosso alle donne. Uomini che si svegliavano sopra le donne. Uomini che si muovevano sopra le donne. Uomini che si scambiavano di posto con le donne. Le piaceva vedere tutte quelle cose. In alcune camere la ragazza veniva rimproverata. In altre, era ben accetta.

C'era anche stata quella stanza in cui un uomo le aveva accarezzato la guancia e lentamente aveva abbassato la mano...La ragazza gli aveva detto di smetterla. Non aveva visto che era una ragazzina? L'uomo si era fermato e si era alzato, avvolto dal lenzuolo. Duzu nel frattempo notò che c'era anche una ragazza nuda. L'uomo prese il portafoglio e diede a Duzu una banconota. Lei lo guardò timidamente. Tornò in quella stanza un'altra volta e fece per entrare. Non era lo stesso uomo. Uscì delusa e triste. Dopo pochi giorni tornò ed entrò bruscamente. Era lui. Era l'uomo che l'aveva accarezzata e le aveva dato qualche soldo. Era lui che era lì. Entrambi erano nudi. Lui stava sopra una donna e sembrava dentro di lei. Duzu osservò tutto. Ci fu un momento in cui l'uomo la chiamò. Lentamente lei si avvicinò. Lui, stando sopra alla donna, con una mano le accarezzava il viso e con l'altra il seno. Duzu provava allo stesso tempo piacere e paura. Era strano, ma era bello. Guadagnò molti soldi in quel modo. Duzu ci tornava sempre. Continuava quel suo “entrare-entrando”, pieno di paura, di desiderio e di disperazione. Un giorno l'uomo era coricato nudo e solo. Prese la ragazza e la gettò sul letto. Duzu non conosceva ancora il ritmo del corpo, ma rapidamente e istintivamente imparò a ballare. Faceva sempre più soldi. Lei tornava e dell'altra ragazza della camera nessuna traccia.

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar.

Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama. Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois. Dentre os seus netos três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias.

Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido... Duzu entrou em desespero no dia em que soube da morte de Tático. Ele havia sido apanhado de surpresa por um grupo inimigo. Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino. Quando ele vinha estar com ela, passava às vezes a noite ali. Disfarçava. Pedia a benção. Ela sabia porém que ele possuía uma arma e que a cor vermelho-sangue já se derramava em sua vida. Com a morte de Tático, Duzu ganhou nova dor para guardar no peito.

Ficava ali, amuada, diante da porta da igreja. Olhava os santos lá dentro, os homens cá fora, sem obter consolo algum. Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos.

Un giorno quando aprì la porta all'improvviso trovò Dona Esmeraldina. Era arrabbiata. Se Duzu avesse voluto dormire con un uomo non era certo lei ad impedirlo. Solo una cosa lei non permetteva: che una donna stesse con un uomo sotto il suo tetto, utilizzando la sua camera e il suo letto guadagnando soldi da sola! Se la ragazza era scaltra, lei lo era ancora di più. Voleva tutti i soldi e subito! Duzu in quel momento capì perché l'uomo le dava i soldi. Capì il perché di così tante donne e di così tante stanze lì. Capì perché non aveva mai potuto rivedere sua madre e suo padre e perché Dona Esmeraldina non aveva mai mantenuto la sua promessa di lasciarla studiare. E capì quale sarebbe stata la sua vita. Sarebbe rimasta lì con il suo "entrare-entrando" senza sapere quando e perché smettere.

Dona Esmeraldina dispose una stanza per Duzu, che iniziò a ricevere degli uomini. Si creò dei clienti e una fama. Duzu visse lì per molti anni, e da lì si spostò in altre zone. Si abituò alle grida delle donne prese dagli uomini, al sangue delle donne uccise. Si abituò alle botte dei *cafetões*⁷, ai comandi e alle disobbedienze delle *cafetinas*. Si abituò anche alla morte come un modo di vivere. I figli di Duzu furono molti. Nove. Erano sparpagliati in varie case, in quei bordelli o in città. Tutti i figli avevano figli. Mai meno di due. Tra i suoi nipoti, tre occupavano uno spazio più grande nel suo cuore. Tre di loro rasserenavano le sue giornate: Angelico che piangeva perché non voleva essere un uomo ma voleva essere una guardia carceraria per poter far evadere il padre; Tático che non voleva essere niente e la ragazzina Querença che aveva custodito i sogni e i desideri di tanti altri che se n'erano già andati... Duzu si disperò il giorno in cui seppe della morte di Tático. Era stato colto di sorpresa da un gruppo nemico. Era così giovane! Tredici anni. Aveva ancora la voce e i modi di fare da ragazzino. Quando andava da lei, a volte trascorreva la notte lì. Si travestiva. Le chiedeva la benedizione. Lei sapeva che lui possedeva un'arma e che il colore rosso del sangue si stava già spargendo nella sua vita. Con la morte di Tático, Duzu ebbe un nuovo dolore da sopportare nel petto.

Lei si trovava lì, imbronciata, davanti alla porta della chiesa. Guardava i santi là dentro, gli uomini lì fuori, senza alcuna consolazione. Era necessario trovare un modo per ingannare il dolore. Pensando a questo, decise di tornare a casa: erano anni che era andata ad abitare lì con i suoi figli dopo aver lasciato il bordello.

⁷ *cafetões* e *cafetinas* stanno ad indicare i protettori e le prostitute.

Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias.

Duzu olhou em volta, viu algumas roupas no varal. Levantou com dificuldades e foi até lá. Com dificuldade maior ainda, ficou nas pontinhas dos pés abrindo os braços. As roupas balançavam ao sabor do vento. Ela, ali no meio, se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja.

Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real. Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval. E já havia até imaginado a roupa para o desfile da escola. Ela viria na ala das baianas. Estava fazendo uma fantasia linda.

Catava papéis brilhantes e costurava pacientemente em seu vestido esmolambado. Um companheiro mendigo havia-lhe dito que sua roupa, assim tão enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas, mais parecia roupa de fada do que de baiana. Duzu reagiu. Quem disse que estrela era só para as fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer.

Duzu continuava enfeitando a vida e o vestido. O dia do desfile chegou. Era preciso inaugurar a folia. Despertou cedo. Foi e voltou. Levantou voo e aterrizou. E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos. Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia.

Fu proprio quando tornò lì che Duzu si mise a giocare con l'immaginazione. E fu proprio immergendosi in questo delirio a cui si era aggrappata che riuscì a vivere il tempo dei suoi ultimi giorni.

Duzu si guardò intorno, vide alcuni vestiti sul filo da stendere. Si alzò con difficoltà e vi si avvicinò. Con ancor più difficoltà, si alzò sulle punte dei piedi, aprendo le braccia. I vestiti oscillavano nel vento. Lei, lì al centro, si sentiva come un uccello che attraversava tutto e tutti. Volava sopra la casa, il mare, la città. Le gambe le facevano male, ma aveva ali per volare. Duzu stava volando sopra la casa. Volava quando camminava per la città. Volava quando era seduta davanti alla porta della chiesa.

Era felice. Si era aggrappata alla sua immaginazione, intorpidendo il dolore. E mescolandosi ai vestiti del filo da stendere aveva guadagnato le ali, e così viaggiava, volava, allontanandosi quanto più possibile dal reale. Stava arrivando un periodo in cui star male era proibito: anche se tutta la dignità era stata oltraggiata, anche se avevano ucciso i suoi, anche con la fame che cantava nello stomaco di tutti, con il freddo che spaccava la pelle di molti, con la malattia che mangiava il corpo, con la disperazione di fronte a quel vivere-non vivere, per quanto grande fosse il dolore, era proibito soffrire! E a lei piaceva quel periodo! Era così felice! Era il carnevale! E aveva già immaginato l'abito per la sfilata scolastica. Lei avrebbe sfilato nella fila Bahiana. Stava preparando un bellissimo costume. Aveva preso delle stoffe scintillanti da cucire con pazienza sul suo vestito irregolare. Un mendicante, suo compagno, le aveva detto che i suoi vestiti, così tanto ornati da pezzi a forma di stella, sembravano più abiti fiabeschi che di Bahia. Duzu reagì. Chi ha detto che le stelle erano solo per le fate? Le stelle erano per lei, per Duzu. Le stelle erano per Tático, per Angélico. Le stelle erano per la bambina Querença, un nuovo rifugio, benedetto, dove sogni ancestrali e vitali avrebbero potuto prosperare e accadere.

Duzu continuava ad adornare la sua vita e il suo vestito. Arrivò il giorno della sfilata. Era necessario aprire le danze. Si svegliò presto. Andò e tornò. Si alzò in volo e atterrò. E mentre scivolava lentamente nei suoi sogni famelici, Duzu vide campi fertili e coltivazioni abbondanti. Stelle vicine e distanti esistevano e insistevano. I volti dei presenti si avvicinavano, i volti degli assenti ritornavano: Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, suo padre, sua madre, i suoi figli e i nipoti. La bambina Querença si faceva sempre più spazio. La sua immaginazione cresceva e cresceva.

Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho... Menina Querença, quando soube da passagem da Avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene... Escutou os assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia uns três meses que ele também tinha ido... Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja. E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias. Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro — lixo talvez — brilhavam no chão.

Duzu scivolava in visioni e sogni attraverso un percorso misterioso ed eterno... La bambina Querença, quando seppe della morte della nonna Duzu, era appena tornata da scuola. Improvvisamente si sentì affiancata e circondata da parenti che non aveva nemmeno conosciuto e di cui aveva solo sentito parlare. Le riaffiorarono nella mente alcuni di quei nomi: Alafaia, Kiliã, Bambene... Sentì i fischi del cugino Tático che la stava chiamando. Sorrise dispiaciuta, erano quasi tre mesi che lui se n'era andato... Querença uscì di casa, ricordandosi della storia della sua famiglia, della sua gente. La nonna Duzu le aveva insegnato il gioco delle ali, il volo. E adesso stava lì sui gradini della chiesa. E proprio con il delirio di sua nonna, con le allucinazioni dei suoi ultimi giorni, che lei, Querença, avrebbe per sempre "coltivato" i suoi sogni affinché i suoi parenti potessero "fiorire" e comparire come vivi e reali.

Era necessario reinventarsi la vita, trovare nuove strade. Ancora non sapeva come. Stava studiando, insegnava ai bimbi più piccoli della favela, partecipava al gruppo giovanile dell'associazione dei Residenti e all'associazione studentesca della Scuola. Sapeva che tutto questo era molto poco. La lotta doveva essere ancora più grande. La bambina Querença aveva tredici anni, come il suo primo cugino Tático che se n'era andato in quei giorni. Querença guardò di nuovo il corpo sottile e la fantasia della nonna. Distolse lo sguardo e contemplò la strada tra le lacrime. Il sole di mezzogiorno era alto nel cielo. I raggi di luce intaccavano l'asfalto: misteri colorati, come schegge di vetro - forse spazzatura - brillavano sul pavimento.

3.4 Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida! Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele.

Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? “E o menino, Maria? Como vai o menino?” cochichou o homem. “Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos?”

Maria

Maria era rimasta in piedi per più di mezz'ora alla fermata dell'autobus. Era stanca di aspettare. Se la distanza fosse stata inferiore, sarebbe andata a piedi. Anche se forse sarebbe stato utile abituarsi a camminare: il prezzo del biglietto stava aumentando così tanto! Oltre alla stanchezza, la borsa era pesante. Il giorno prima, domenica, c'era stata una festa a casa della sua padrona, e lei stava portando a casa gli avanzi: l'osso del cosciotto e la frutta che era servita per abbellire la tavola. Oltre alla frutta, aveva ricevuto anche una mancia. L'osso, la padrona, lo stava buttando via. Era felice, nonostante la stanchezza. La mancia era arrivata in un buon momento. I due bambini più piccoli erano molto ammalati. Aveva bisogno di comprare lo sciroppo e quel rimedio per liberare le narici. Poteva persino permettersi di comprare una confezione di *Toddy*! La frutta era ottima e c'era persino il melone. I bambini non lo avevano mai mangiato! Gli sarebbe piaciuto? Il palmo di una delle sue mani le faceva male. Si era tagliata proprio nel mezzo del palmo mentre tagliava il cosciotto per la sua padrona. Che roba! Il coltello a laser taglia persino la vita! Quando l'autobus spuntò dietro l'angolo, Maria si abbassò, prendendo dal marciapiede la borsa che teneva tra le gambe. L'autobus non era pieno, c'erano posti. Poteva riposare per un po', dormicchiare fino al momento della fermata. Mentre entrava, un uomo si alzò da dietro, dall'ultima fila di sedili, facendo segno al bigliettaio. Le passò davanti in silenzio e pagò sia il suo biglietto che quello di Maria. Lei riconobbe l'uomo. Da quanto tempo, quanto le era mancato! Com'era difficile affrontare la vita senza di lui!

Maria si sedette davanti. L'uomo si sedette accanto a lei. Lei si ricordò del passato, dell'uomo che giaceva con lei, della loro vita nella baracca, prima delle nausee, dell'enorme pancia al punto che tutti dicevano che sarebbero stati gemelli, e la gioia di lui. Che bello! Era nato! Era un bimbo! E sarebbe diventato un uomo. Maria riconobbe, anche senza guardarlo, che quello era il padre di suo figlio. Era ancora lo stesso. Bello, grosso, lo sguardo perso che non fissava niente e nessuno. Avvertì un groppo in gola. Perché le cose non sono andate diversamente? Perché non potevano essere felici? “E il bambino, Maria? Come sta crescendo il bambino?”. Sussurrò l'uomo. “Sai che mi manchi? Ho un buco nel petto e tanta nostalgia! Sono solo! Non ho fatto nulla, non ho voluto nessun'altro. Hai mai avuto altri...altri bambini?”.

A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha!

E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente.

O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro.

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto.

La donna abbassò gli occhi come a chiedere perdono. Eh...lei aveva avuto altri due figli, ma non aveva comunque nessuno. Occasionalmente andava con qualche altro uomo. Era così difficile stare da sola! E da queste improvvisate e folli notti di passione apparvero i due bambini più piccoli. Ma va! Lo stesso vale per gli uomini! Anche per gli uomini? Ma loro dovrebbero avere un'altra vita! Per loro tutto dovrebbe essere diverso! “Maria, non ti ho dimenticato! È tutto qui nel mio cuore...”

L'uomo parlava, ma continuava ad essere statico, rigido, immobile sul sedile. Bisbigliava parole a Maria, senza però voltarsi verso di lei. Lei sapeva cosa intendeva dire l'uomo. Lui parlava di dolore, di piacere, di gioia, di un figlio, della vita, della morte, di un addio. Del vuoto-saudade nel suo cuore... Questa volta lui sussurrò un po' più forte. Lei, senza averlo ancora sentito direttamente, indovinò il suo discorso: un abbraccio, un bacio, un amore per il figlio. E poi si alzò velocemente, tirando fuori una pistola. Un altro là dietro urlava che era una rapina. Maria era molto spaventata. Non dagli assalitori. Non dalla morte, piuttosto dalla vita. Aveva tre figli. Il più grande, undici anni, era il figlio dell'uomo che le stava davanti con la pistola in mano. Quello che stava in fondo stava arraffando tutto ciò che trovava. Il conducente proseguiva il tragitto. Tutti erano in silenzio sull'autobus. Si poteva sentire chiaramente solo la voce di quello che chiedeva ai passeggeri di consegnare tutto velocemente.

La paura per la propria vita in Maria stava aumentando. Mio Dio, come sarebbe stata la vita dei suoi figli? Era la prima volta che vedeva una rapina sull'autobus. Immaginava il terrore della gente. Il compare del suo ex-fidanzato passò davanti a lei ma non le chiese nulla. E se ci fossero stati altri ladri? Avrebbe potuto dar loro solo un sacchetto di frutta, un osso di cosciotto e una mancia di mille *cruzeiros*. Non aveva un orologio al polso. Nelle mani non portava un anello o una fede. In realtà l'aveva avuta, sì! Adesso aveva invece un taglio profondo provocato da un coltello laser che sembrava tagliare persino la vita. Gli assalitori scesero in fretta. Maria guardava il primo con occhi pieni di rimpianto e disperazione.

Fu allora che una voce risvegliò il coraggio degli altri. Qualcuno gridò che quella cagna là davanti conosceva i ladri. Maria si spaventò. Lei non conosceva alcun ladro! Lei conosceva il padre del suo primo figlio! Conosceva l'uomo che era stato suo e che amava ancora così tanto!

Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles , teria descido também . Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira , eu não fui e não sei porquê.

Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões ! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida , disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha! ...

Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: — Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha ! Lincha ! Lincha ! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos.

A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

Sentì una voce: "Bastarda nera, sta a vedere che era d'accordo con entrambi". Un'altra voce proveniente dal retro del bus aggiunse: "Calma, gente! Se fosse stata con loro, sarebbe scesa anche lei!". Qualcuno sosteneva che non era scesa solo per confondere. Era per forza loro complice: era stata l'unica a non essere stata derubata! Non è vero, non sono stata derubata ma non so perché.

Maria guardò nella direzione da cui proveniva quella voce e vide un ragazzino nero che le ricordava vagamente suo figlio. La prima voce, quella che aveva risvegliato il coraggio di tutti, diventò un grido: "Quella cagna, quella maledetta bastarda stava con i ladri!". Colui che gridava si alzò e si diresse verso Maria. La donna aveva paura e rabbia. Che cazzo! Non conosceva nessun ladro! Non doveva alcuna spiegazione a nessuno. "Guardala! 'Sta donna nera fa anche la sfacciata!" disse l'uomo, schiaffeggiandola in viso. Qualcuno gridò: "Picchiala! Picchiala! Picchiala!...".

Alcuni passeggeri scesero e altri si diressero verso Maria. Il conducente aveva fermato l'autobus per difendere la passeggera: "Calma! Che follia è mai questa? Conosco questa donna di vista. Ogni giorno, intorno a questa stessa ora, prende l'autobus con me. Viene dal lavoro, dalla lotta per sostenere i suoi bambini...".

"Picchiala! Picchiala! Picchiala!"

Maria perdeva sangue dalla bocca, dal naso e dalle orecchie. La borsa si era rotta e la frutta era rotolata sul pavimento. I ragazzi avrebbero gradito il melone? Tutto era stato così veloce, così breve, a Maria mancava il suo ex compagno. Perché le avevano fatto questo? L'uomo le aveva "consegnato" un abbraccio, un bacio, una carezza da dare a suo figlio. Doveva tornare a casa per trasmettere quel messaggio. Tutti erano armati con coltelli laser che tagliavano persino la vita. Quando il bus si svuotò, quando arrivò la polizia, il corpo della donna era tutto lacerato, tutto calpestato. Maria voleva tanto dire a suo figlio che suo padre gli aveva mandato un abbraccio, un bacio, una carezza.

3.5 Quantos filhos Natalina Teve?

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troco, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio. Enjoava e vomitava muito durante quase toda a gravidez. Na terceira, vomitou até na hora do parto. Foi a pior gravidez para Natalina. Pior até do que a primeira, embora fosse ainda quase uma menina quando pariu o primeiro filho. Brincava gostoso quase todas as noites com o seu namoradinho e quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga. A mãe desesperada perguntou se ela queria o filho e se Bilico queria também. Ela não sabia responder por ele. Sabia, porém, que ela, Natalina, não queria. Que a mãe a perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai. Que fizesse segredo até para o Bilico. Ela estava com ódio e vergonha. Bilico nunca mais brincaria com ela. Ele não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho. Que a mãe ficasse calada. Ela ia dar um jeito naquilo. Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes, não. Escutava a mãe comentar com as vizinhas: — Ei, fulana, o troço desceu! — E soltava uma gargalhada aliviada de quem conhecia o valor da vida e o valor da morte. Natalina preparou os chás e tomou durante vários dias. Ela ficava em casa cuidando dos irmãos menores. Ia fazer catorze anos. Uma coisa estava lá dentro da barriga dela e ia crescer, crescer até um dia arrebentar no mundo. Não, ela não queria, precisava se ver livre daquilo. A menina estava começando a ficar desesperada. Tomava os chás e não resolvia.

Um dia a mãe perguntou-lhe como estava indo tudo. Ela não respondeu. A mãe entendeu a resposta muda da filha. Agora ela mesma é quem ia preparar os chás.

Quanti figli ha avuto Natalina?

Natalina si accarezzava dolcemente la pancia, suo figlio scalpitava dal suo grembo rispondendo alla carezza. Lei sorrideva felice. Era la sua quarta gravidanza, ma il suo primo figlio. Solo suo. Di nessun uomo, di nessun'altra persona. Un figlio che lei aveva tanto desiderato, non come gli altri. Gli altri era come se fossero morti a metà strada. Erano stati dati via subito dopo o promessi prima della nascita. Le altre pance lei le aveva odiate. Non sopportava di vedersi lievitare e lievitare, di sentirsi appesantita, gonfia e con quella novità, con quella cosa che si muoveva dentro di lei. Il suo cuore era pieno di odio. Per quasi tutte le gravidanze aveva avuto la nausea e vomitato molto. Durante la terza aveva vomitato fino al momento del parto. Era stata la gravidanza peggiore per Natalina. Persino peggiore della prima, nonostante quando aveva dato luce il primo figlio fosse ancora quasi una bambina. "Giocava" felice quasi ogni notte con il suo fidanzatino fino a quando, senza accorgersene, il piacevole gioco si nascondeva dentro la pancia. La madre disperata le aveva chiesto se avesse voluto un figlio e se anche Bilico lo volesse. Non poteva rispondere per lui. Sapeva però che lei, Natalina, non lo voleva. Sperava che la madre la perdonasse, non la picchiasse, non dicesse nulla a suo padre e che mantenesse il segreto anche con Bilico. Lei provava odio e vergogna. Bilico non avrebbe mai più giocato più con lei. Non avrebbe voluto una ragazza che aspettava un bambino. La madre doveva tacere. Avrebbe risolto il problema. Natalina sapeva di certi infusi. Più volte aveva visto sua madre berli. Sapeva anche che talvolta i tè risolvevano, a volte no.

Ascoltava sua madre commentare con i suoi vicini: - Ehi, amica, il "problema" è risolto! E una risata si sollevava tra coloro che conoscevano il valore della vita e il valore della morte. Natalina preparò i tè e li prese per diversi giorni. Rimaneva a casa a prendersi cura dei suoi fratelli minori. Stava per compiere quattordici anni. C'era una cosa dentro la pancia che stava crescendo e sarebbe cresciuta fino al giorno in cui sarebbe venuta al mondo. No, lei non voleva, doveva liberarsene. La ragazzina stava cominciando a disperarsi. Prendeva i tè ma il problema non si risolveva. Un giorno la madre le chiese come stava andando la faccenda. Lei non rispose. La madre comprese la risposta silenziosa della figlia. D'ora in poi si sarebbe occupata anche lei di preparare i tè.

Como haveria de criar mais uma criança? O que fazer quando o filho da menina nascesse? Na casa já havia tanta gente! Ela, o marido e sete crianças. E agora teria o filho da filha? Ia tentar mais um pouco de beberagens, se não desse certo, levaria a menina a Sá Praxedes. A velha parteira cobraria um pouco, mas ficariam livres de tudo. Natalina segurou o temor em silêncio. Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mãos vazias. Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes, não. A mãe de Natalina e as outras mães sabiam que era só dizer para crianças que iam chamar a velha e os filhos ficavam quietos, obedeciam. Sá Praxedes comia criança! Natalina sabia disso. Ela também muitas vezes conseguia a obediência dos irmãos menores trazendo a velha parteira até o medo deles. A mãe devia estar mesmo com muita mágoa dela. Estava querendo levá-la a Sá Praxedes. A velha ia comer aquilo que estava na barriga dela. Ia conseguir fazer o que os chás não tinham conseguido. Natalina esperou. No outro dia, quando a mãe saiu cedo para a cozinha da madame, ela saiu logo atrás para lugar algum. Não sabia para onde ia. Ao descer o morro, em um dos becos passou em frente ao barraco de Bilico. Era ali que os dois brincavam prazerosos, sempre. Passou rápido, pisando levemente com medo de ser vista. Tinha de fugir de Sá Praxedes. Ganhou a avenida, ganhou outras ruas. Escondeu-se o mais longe possível de casa. Ganhou outros amigos também. Um dia, junto com outra menina-mulher que também esperava um filho, tomou um trem para mais longe ainda. E respirou aliviada. Sá Praxedes não a pegaria nunca. Na terceira barriga ela sabia de tudo que ia acontecer. Na primeira e na segunda fora apanhada de surpresa. Bilico, amigo de infância, crescera com ela. Os dois haviam descoberto juntos o corpo. Foi com ele que ela descobriu que, apesar de doer um pouco, o seu buraco abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria. Quando a criança nasceu era a cara de Bilico. Igual, igualzinha. Ela conseguira fugir de Sá Praxedes. Não queria o menino, mas também não queria que ele fosse comido pela velha.

Come si poteva mettere al mondo un altro figlio? Cosa avrebbe fatto quando il figlio della ragazzina sarebbe nato? C'erano già tante persone in casa! Lei, suo marito e i suoi sette figli. E adesso ci sarebbe stato anche il figlio di sua figlia? Avrebbe provato con alcune altre bevande, e se non avessero funzionato, avrebbe portato la ragazzina da Sá Praxedes. La vecchia levatrice le sarebbe costata un po' ma poi sarebbero state libere da tutto. Natalina, nonostante la paura, rimaneva in silenzio. Sá Praxedes, no! Era terrorizzata dalla vecchia! Si diceva in giro che mangiasse i bambini. Le donne incinte entravano nella sua baracca e alcune, quando uscivano, portavano i loro figli in braccio, altre entravano con il pancione e uscivano con le braccia libere e a mani vuote. Dove li metteva i bambini che restavano là dentro? Sá Praxedes, no! La madre di Natalina e le altre madri sapevano che era solo una diceria da raccontare ai bambini che avrebbero chiamato la vecchia cosicché questi si sarebbero messi tranquilli e avrebbero obbedito. Sá Praxedes mangiava i bambini! Natalina lo sapeva. Anche lei spesso riusciva a farsi obbedire dai suoi fratelli più piccoli usando la vecchia levatrice come minaccia. Sua madre doveva essere davvero molto preoccupata. Stava cercando di portarla da Sá Praxedes. La vecchia avrebbe mangiato quello che stava nella sua pancia. Sarebbe riuscita a fare quello che i tè non erano riusciti. Natalina aspettò. Il giorno dopo, quando sua madre uscì per andare nella cucina della padrona, lei la seguì fingendo di recarsi nel medesimo luogo. Non sapeva però dove stava andando. Mentre scendeva la collina, in uno dei vicoli passò davanti alla baracca di Bilico. Era lì che i due avevano sempre “giocato” piacevolmente. Passò in fretta per paura di essere vista. Doveva fuggire da Sá Praxedes. Raggiunse il viale e proseguì su altre strade. Si nascose il più lontano possibile da casa. Raggiunse anche altri amici. Un giorno, insieme ad un'altra ragazzina che aspettava anche lei un bambino, prese un treno per andare ancor più lontano da lì: sospirò sollevata. Sá Praxedes non l'avrebbe mai presa. Durante la terza gravidanza sapeva esattamente tutto quello che sarebbe successo. Nella prima e nella seconda invece ogni cosa era una sorpresa.

Bilico, un amico d'infanzia, era cresciuto con lei. Avevano scoperto il corpo insieme. Era con lui che aveva scoperto che, anche se faceva un pochino male, la sua vagina si apriva e là dentro si raggiungeva l'apice del piacere. Quando il bambino nacque era il ritratto di Bilico. Uguale identico. Lei era riuscita a fuggire da Sá Praxedes. Non voleva il bambino, ma non voleva nemmeno che fosse mangiato dalla vecchia.

Uma enfermeira quis o menino. A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital! Era como se ela tivesse ganho uma boneca que não desejasse e cedesse o brinquedo para alguém que quisesse. A segunda gravidez foi também sem querer, mas ela já estava mais esperta. Brincava gostoso com os homens, mas não descuidava. Quando cismava com qualquer coisa, tomava os seus chazinhos, às vezes, o mês inteiro. As regras desciam então copiosas como rios de sangue. Mesmo assim, um dia uma semente teimosa vingou. Natalina passou novamente pelo momento de vergonha. Não ia contar para Tonho, mas o rapaz desconfiou. Havia noite que se assentavam no banco da praça e nem conversaram, ela só cochilava. Uma vez vomitou ao sentir cheiro de pipoca. Depois, um dia, no quarto da obra onde ele morava, quando Natalina se pôs nua, o rapaz perguntou docemente sobre aquela barriguinha que estava crescendo. Ela, envergonhada, contou-lhe que estava esperando um filho. Que ele a perdoasse. Que ela havia tomado uns chás. Que ela conhecia uma tal de Sá Praxedes... Quando acabou a falação e olhou para Tonho, o moço chorava e ria. Abraçou Natalina e repetia feliz que ia ter um filho. Que formariam uma família. Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho... Voltou levando consigo o filho que Natalina não quis. A terceira gravidez, ela também não queria. Quem quis foi o casal para quem Natalina trabalhava. Os dois viviam bem. Viajavam de tempos em tempos e quando regressavam davam sempre festas. Ela gostava de trabalhar ali. Era tudo muito tranquilo, ficava sozinha tomando conta do apartamento. Cozinhava, passava, lavava, mas só pra si. A casa parecia ser só dela. Um dia, enquanto divagava em seus sonhos de pretensa dona, o telefone tocou. Era a patroa que ligava do estrangeiro, em prantos, lhe pedia ajuda. Ela queria e precisava ter um filho. Só Natalina poderia ajudá-la. Ela não entendeu o telefonema nem as palavras da patroa. Ficou aguardando o regresso dos dois. Daí uns dias a patroa voltou. Natalina ouviu e entendeu tudo.

Un'infermiera avrebbe voluto il piccolo. La ragazza-madre uscì dall'ospedale presto e a mani vuote! Era come se avesse vinto una bambola che non voleva e avesse ceduto il giocattolo a chiunque lo volesse. Anche la seconda gravidanza non fu voluta, ma lei era già più esperta. Si divertiva con gli uomini senza preoccuparsene. Quando si insospettiva di qualcosa prendeva i suoi tè, a volte anche per tutto il mese. Le mestruazioni scendevano come fiumi abbondanti di sangue. Nonostante ciò, un giorno un seme ostinato superò la "barriera". Natalina nuovamente si vergognò di se stessa. Non lo avrebbe detto a Tonho, ma il ragazzo si insospettì comunque. Infatti, una sera, mentre erano seduti su una panchina in piazza senza parlare e lei dormicchiava, sentendo l'odore dei popcorn, Natalina vomitò. Un giorno, nella camera in cui lui viveva, quando si spogliò, il ragazzo le chiese dolcemente di quella pancina che stava crescendo. Lei, imbarazzata, gli disse che aspettava un bambino. Sperò che lui la perdonasse. Gli disse che aveva preso un po' di tè e che conosceva una tale Sá Praxedes... Quando finì di parlare, guardò Tonho: il ragazzo piangeva e rideva allo stesso tempo. Abbracciò Natalina ripetendo felice che avrebbe avuto un figlio e che avrebbero formato una famiglia. Natalina si preoccupò nuovamente. Non voleva restare con nessuno. Non voleva nessuna famiglia. Non voleva nessun figlio.

Quando Toinzinho nacque, lei e Tonho avevano già sistemato tutto. Le piaceva ma non voleva vivere con lui. Tonho pianse molto e tornò al suo paese, senza mai capire perché Natalina lo avesse rifiutato visto che lui pensava fosse quello l'unico modo per vedere una donna felice: una casa, un uomo, un figlio... Tornò a casa sua portando con sé il figlio che Natalina non aveva voluto. Anche la terza gravidanza, lei non l'aveva desiderata. Chi la voleva era la coppia per cui Natalina lavorava. I due vivevano bene. Viaggiavano di tanto in tanto e quando ritornavano, davano sempre delle feste. Le piaceva lavorare lì. Era tutto molto tranquillo, era l'unica a prendersi cura dell'appartamento. Cucinava, stirava, lavava, ma solo per se stessa. La casa sembrava essere tutta sua. Un giorno, mentre sognava di esserne la padrona, il telefono squillò. Era la proprietaria che chiamava dall'estero, in lacrime, chiedendo aiuto. Desiderava e voleva un bambino. Solo Natalina avrebbe potuto aiutarla ma non capiva né la chiamata né le parole della padrona. Attese il suo ritorno. Pochi giorni dopo la padrona di casa tornò. Natalina la ascoltò e capì tutto.

A mulher queria um filho e não conseguia. Estava desesperada e envergonhada por isso. Ela e marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. Um filho do marido com Natalina poderia passar como sendo seu. Natalina lembrou-se de Sá Praxedes comendo crianças. Vai ver que a velha, um dia, comeu o filho desta mulher e ela nem sabia. Lembrou da primeira criança que tivera e que nem tinha visto direito, pois fora direto para as mãos-coração da enfermeira que seria a mãe. Lembrou da segunda que ela deixara com o Tonho, pai feliz. Não entendeu porque aquela mulher se desesperava e se envergonhava tanto por não ter um filho. Tudo certo. Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar, até a outra encontrar no fundo de um útero, que não o seu, algum bebê perdido no limiar de um tempo que só a velha Praxedes conhecia. A patroa chorava, mas parecia um pouco mais aliviada. Natalina levantou rápido e foi ao banheiro, na boca uma saliva grossa. Eram os primeiros enjoos que já começavam. A patroa de Natalina passou a viajar sozinha. O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto de empregada. Não falavam nada, naqueles encontros de prazer comedido. Cada vez que a patroa voltava, trazia em si o desejo de gravidez no olhar. Os três buscaram a gravidez durante meses e meses. Um dia as regras de Natalina não desceram. A patroa aflita pediu a urina, fizeram o exame: positivo. Os três estavam grávidos. O pai sorriu, voltou a viajar sempre. A patroa ficava o tempo todo com ela. Contratou outra empregada. Levava Natalina ao médico, cuidava de sua alimentação e de distraí-la também. Natalina enjoava, enjoava. Vomitava sempre. A barriga crescia devagar, lenta e preguiçosa. A outra tirava as medidas da barriga de Natalina e ficava feliz. Telefonava ao marido informando tudo. Um dia, quando já estava no sétimo mês, viu o homem, pai da criança, que estava ali momentaneamente emprestada dentro dela. A patroa pegou a mão do marido e pousou-a lentamente sobre a barriga de Natalina. A criança mexeu, os dois se abraçaram felizes, enquanto Natalina não conseguiu segurar a náusea e ânsia de vômito.

La donna voleva un bambino ma non ci riusciva. Era disperata e imbarazzata da questa cosa. Lei e suo marito ne avevano già parlato. Solo la domestica avrebbe potuto fare un figlio per il capo. Si assomigliavano anche un po'. Natalina aveva solo una tonalità di pelle più scura. Un figlio nato dal marito e da Natalina poteva passare come suo. Natalina si ricordò di Sá Praxedes che mangiava i bambini. Sta a vedere che una volta la vecchia aveva mangiato il figlio di questa donna e lei non lo sapeva nemmeno! Si ricordò del primo figlio che aveva avuto e che non aveva nemmeno visto, perché era stato affidato alle premurose mani dell'infermiera che ne sarebbe diventata la madre. Ricordò la seconda figlia che aveva lasciato a Tonho, un padre felice. Non capiva perché quella donna fosse disperata e si vergognasse di non avere un figlio. Accettò. Avrebbe dormito con il suo padrone finché sarebbe stato necessario. Sarebbe stata con lui a meno che l'altra non fosse rimasta incinta, a meno che nel fondo di un utero qualsiasi, non il suo, non avessero trovato un qualche bambino perso sulla soglia di un tempo che solo la vecchia Praxedes sapeva. La padrona piangeva ma sembrava un po' più sollevata.

Natalina si alzò velocemente e andò in bagno con un grumo di saliva. Erano i primi sintomi che si facevano sentire. La padrona di Natalina aveva iniziato a viaggiare da sola. Il padrone restava nella sua stanza, si alzava di notte e andava a chiamare la domestica nella sua stanza. Non parlavano mai in quegli incontri di piacere misurato. Ogni volta che la padrona tornava portava con sé il desiderio di gravidanza nei suoi occhi. Tutti e tre cercarono la gravidanza per mesi e mesi. Un giorno le mestruazioni di Natalina non arrivarono. La padrona, angosciata, le chiese l'urina e fecero la prova: positiva. Tutti e tre erano incinti. Il marito sorrise, ricominciò a viaggiare sempre. La padrona restava invece con lei tutto il tempo. Assunse un'altra domestica. Accompagnava Natalina dal dottore, si preoccupava della sua alimentazione e anche di divertirla. Natalina soffriva di nausea. Vomitava sempre. La pancia cresceva lentamente e pigramente. L'altra prendeva le misure della pancia di Natalina ed era felice. Telefonava al marito e lo informava di tutto. Un giorno, quando era già al settimo mese, vide l'uomo, il padre del bambino che cresceva "in prestito" dentro di lei. La padrona prese la mano del marito e la mise lentamente sul ventre di Natalina. Il bambino si mosse, i due si abbracciarono felicemente, mentre Natalina non riusciva a trattenere la sensazione di nausea e di vomito.

A patroa veio aflita. O esforço para vomitar era tão grande que trazia lágrimas aos olhos de Natalina. Ela aproveitou para, silenciosamente, chorar um pouco. Tudo passava lento, os nove meses de eternidade, os enjoos. O estorvo que ela carregava na barriga fazia feliz o homem e a mulher que teriam um filho que sairia dela. Tinha vergonha de si mesma e deles. Um dia a criança nasceu fraca e bela. Sobreviveu. Os pais choravam aflitos. Natalina quase morreu. Tinha os seios vazios, nenhum vestígio de leite para amamentar o filho da outra. Para o seu próprio alívio foi esquecida pelos dois.

A quarta gravidez de Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma. Não devia o prazer da descoberta ao iniciar-se mulher, como tinha sido nos encontros com Bilico. Não devia nada, como na segunda barriga, quando ficou devedora diante da inteireza de Tonho, que se depositava pleno sobre ela, esperando que ela fosse viver com ele dias contínuos de um casal que acredita ser feliz. Não era devedora de nada, como na terceira, ao se condoer de uma mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança. Doou sua fertilidade para que a outra pudesse inventar uma criação, e se tornou depositária de um filho alheio. Não, dessa vez ela não devia nada a ninguém. Se aquela barriga tinha um preço, ela também tinha tido o seu, e tudo tinha sido feito com uma moeda bem valiosa. Agora teria um filho que seria só seu, sem ameaça de pai, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de patrões. E haveria de ensinar para ele que a vida é viver e é morrer. É gerar e é matar. O filho de Natalina continuava bulindo na barriga da mãe como se estivesse acompanhando também a busca que ela fazia na memória. Queria lembrar o caminho percorrido pelo carro. Um caminho que, por mais que se esforçasse, não conseguiria retomar e reconhecer nunca. Um trajeto que não pôde ver, pois tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente no seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum. Saíra de casa anos atrás, deixara a mãe, o pai e as seis irmãs. Os homens insistiam. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a verdade. De vez em quando, o que estava sentado no banco de trás com ela, fazia-lhe um carinho nas pernas. Ela arrepiava de pavor. As mãos estavam amarradas passando novamente a mão em suas pernas. Bateu nas costas do que estava no volante e desejou-lhe bom proveito. O outro continuou calado. O carro seguiu em frente.

La signora era preoccupata. Lo sforzo di vomitare era così grande che a Natalina vennero le lacrime agli occhi. Ne approfittò per piangere un po' silenziosamente. Tutto scorreva lento, nove mesi infiniti di nausea. Il peso che lei portava nella pancia avrebbe reso felice l'uomo e la donna che avrebbero avuto il bambino partorito da lei. Si vergognava di se stessa e di loro. Un giorno il bambino nacque debole ma bello. Sopravvisse. I genitori piangevano angosciati. Natalina quasi morì. I suoi seni erano vuoti, nessuna traccia di latte per il figlio dell'altra donna. Con suo grande sollievo fu dimenticata da quei due.

La quarta gravidanza di Natalina non l'aveva lasciata in debito con nessuno. Non doveva scoprirsi come donna come era accaduto con Bilico. Non doveva niente ad alcuno, come durante la seconda gravidanza quando Tonho, che si sdraiava sopra di lei, sperava di formare con Natalina una coppia che credeva felice. Non era debitrice di niente, come nella terza gravidanza quando si dispiaceva per una donna che desiderava sentire il proprio l'utero aprirsi per far nascere un bambino. Donò la sua fertilità in modo che un'altra potesse mettere al mondo una nuova creatura e divenne custode di un figlio altrui. No, questa volta non doveva niente a nessuno. Se quella pancia avesse avuto un prezzo, anche lei aveva il suo, e tutto era stato fatto con una moneta molto preziosa. Adesso avrebbe avuto un figlio che sarebbe stato solo suo, senza la minaccia di un padre, di una madre, di Sá Praxedes, di un qualsiasi compagno o padrone. E gli avrebbe insegnato che la vita è allo stesso tempo vivere e morire. È generare ed è uccidere. Il figlio di Natalina continuava a crescere nella pancia di sua madre come se stesse seguendo la traccia dei ricordi materni.

Voleva ricordare la strada che l'auto aveva percorso. Un tragitto che, non importa quanto si sforzasse, non avrebbe mai potuto ripercorrere e riconoscere. Un percorso che non aveva potuto vedere perché aveva gli occhi bendati dagli uomini arrivati improvvisamente nella sua baracca e che l'avevano dominata con forza, chiedendole di suo fratello. Non sapeva cosa rispondere. Non aveva più alcun fratello. Era partito da casa anni fa: aveva lasciato la madre, il padre e le sei sorelle. Gli uomini insistettero. Gridarono che così sarebbe stato peggio perché non era affatto un bene non dire la verità. Di tanto in tanto, colui che era seduto dietro di lei, le accarezzava le gambe. Lei tremava di paura. Le sue mani erano legate e la mano dell'uomo stava nuovamente strusciando le sue gambe.

Bateu nas costas do que estava no volante e desejou-lhe bom proveito. O outro continuou calado. O carro seguiu em frente. Ela calculou que deveriam ser uma três horas da madrugada, eles haviam chegado em seu barraco por volta da meia-noite. Estava fazendo muito frio. Natalina percebeu então que a marcha do carro diminuía e que estavam saindo da estrada e entrando no mato. Escutava o estalar de ramos secos. O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. Depois tombou sonolento ao lado. Foi quando, ao consertar o corpo para se afastar dele, ela esbarrou em algo no chão. Pressentiu era a arma dele. O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida. Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma. Lembrava de Sá Praxedes e sorria. Aquela criança, Sá Praxedes não ia conseguir comer nunca. Um dia, quando era quase menina ainda, saíra da cidade onde nascera fugindo da velha parteira. Agora, bem recentemente, saíra de outra cidade fugindo do comparsa de um homem que ela havia matado. Sabia que o perigo existia, mas estava feliz. Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte.

Colpì la schiena di quello che stava al volante e gli augurò buon divertimento. L'altro rimase in silenzio. L'auto proseguì. Secondo i suoi calcoli dovevano essere le tre del mattino dato che erano arrivati nella sua baracca intorno a mezzanotte. C'era molto freddo. Natalina si rese conto che la marcia della vettura diminuiva e che stavano lasciando la strada per entrare nella boscaglia. Sentiva lo scricchiolio dei rami secchi. L'uomo scese dall'auto la spinse con violenza e la buttò a terra; poi le slegò le mani e le ordinò di accarezzarlo. Natalina, tra odio e paura, obbedì a tutto. In quel momento, quasi al culmine del godimento, l'uomo le tolse la benda dagli occhi. Lei tremava, il suo corpo e la sua testa era come se stessero per scoppiare dal dolore. La notte scura non le permetteva di vedere il volto di quell'uomo. Lui le saltò sopra come un cavallo imbizzarrito. Poi cadde in un sonno profondo al suo fianco. Fu proprio mentre cercava di spostare il corpo dell'uomo che sfiorò qualcosa sul terreno. Intuì che fosse la sua arma. Il movimento fu rapido. Il colpo fu preciso e così vicino che Natalina pensò di aver ucciso anche se stessa. Fuggì. Tenne tutto per sé. A chi dirlo? Cosa fare? Chi poteva provare odio, vergogna, timore e dolore se non chi era stato violentato? Si mostrò più coraggiosa della vendetta e della difesa, soddisfatta nel riprendere in mano la propria vita. Pertanto, conservò dentro di sé il seme "invasore" di quell'uomo. Pochi mesi dopo Natalina si scoprì incinta. Era felice. Il figlio sarebbe potuto venire al mondo in qualsiasi momento. Era ansiosa di guardare quel bambino e di non vedere il segno di nessuno, forse nemmeno il suo. Era felice e sola con se stessa. Si ricordò di Sá Praxedes e sorrise. Sá Praxedes non avrebbe mai potuto mangiare quel bambino. Una volta, quando era quasi una ragazzina, aveva lasciato la città dove era nata scappando dalla vecchia levatrice. Ora, proprio in quel momento, aveva lasciato un'altra città per fuggire dal compare di un uomo che aveva ucciso. Sapeva che esisteva il pericolo, ma era felice. Presto avrebbe dato alla luce un figlio. Un figlio che era stato concepito nei fragili limiti della vita e della morte.

3.6 Beijo na face

Salinda tombou suavemente o rosto e com as mãos em concha colheu, pela milésima vez, a sensação impregnada do beijo em sua face. Depois com um gesto lento e cuidadoso, abriu as palmas das mãos, contemplando-as. Sim, lá estava o vestígio do carinho. Algo tão tênue, como os restos de uma asa amarela, de uma borboleta-menina, que foi atropelada nos primeiros instantes de seu inaugural voo. Rememorou ainda o corpo que um dia antes estivera em ofertório ao seu lado. Tudo parecia um sonho. Os toques aconteceram carregados de sutileza. Carinhos inicialmente experimentados apenas com as pontas dos dedos-desejos. Ela estava aprendendo um novo amor. Um amor que vivia e se fortalecia na espera do amanhã, que se fazia inesperadamente nas frinchas de um momento qualquer, que se revelava por um simples piscar de olhos, por um sorriso ensaiado na metade das bordas de um lábio, por um repetir constante do eu te amo, declaração feita, muitas vezes, em voz silenciosa, audível somente para dentro, fazendo com que o eco dessa fala se expandisse no interior mesmo do próprio declarante. No princípio a aprendizagem lhe custara muito. Acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos quatro ventos, Salinda perdeu o chão. Habituada ao amor que pede e permite testemunhas, inclusive nas horas do desamor, viver silente tamanha emoção, era como deglutir a própria boca, repleta de fala, desejosa de contar as glórias amorosas. E por que não gritar, não pichar pelos muros, não expor em outdoor a grandeza do sentimento? Não, não era a ostentação que aquele amor pedia. O amor pedia o direito de amar, somente. Salinda tentou guardar em si as lembranças e retomar a rotina. Era preciso viver a calma e o desespero como se nada estivesse acontecendo. Havia quase um ano que a felicidade lhe era servida em conta-gotas. Pequenas gotículas que guardavam a força e a aparência de reservatórios infintos, de represas de felicidade inteira. Mesmo estando entupida de alegria, com uma canção a borbulhar no peito, Salinda precisava embrutecer o corpo, os olhos, a voz. Estava sendo observada em todos seus movimentos. A vigilância sobre os seus passos pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos. Ela, que até então fora sempre distraída, teve de aprender a prestar atenção a tudo e em todos.

Bacio sulla guancia

Salinda abbassò la testa lentamente e con le mani a cucchiaino raccolse, per la millesima volta, quella magnifica sensazione di un bacio sulla guancia. Poi, con un gesto lento ed accurato, aprì i palmi delle mani osservandoli. Sì, là c'era una traccia di affetto. Qualcosa di così fragile come i resti di un'ala gialla, di una ragazza-farfalla calpestata nei primi istanti del suo primo volo. Si ricordò anche di un corpo che il giorno innanzi era al suo fianco all'offertorio. Tutto le sembrò un sogno. Lo sfiorarsi era stato così delicato! Le carezze, inizialmente appena accennate con la punta delle dita, trasmettevano desiderio. Stava imparando un nuovo amore. Un amore che viveva e si fortificava nella speranza del domani, che inaspettatamente si creava un varco in un momento qualunque, che si rivelava con un semplice batter di ciglia, con un sorriso abbozzato a fior di labbra, con una costante ripetizione delle parole "Ti amo": una dichiarazione spesso pronunciata con voce silenziosa, udibile solo interiormente, facendo in modo che l'eco di queste parole si espandesse anche all'interno di colui che le pronunciava. All'inizio questo apprendere le costò molto. Abituata ad un amore in cui tutto o quasi tutto poteva essere gridato e urlato ai quattro venti, Salinda perse la bussola. Abituata ad un amore vissuto alla luce del sole persino in pubblico, vivere in silenzio tale emozione era come ingoiare in bocca parole desiderose di raccontare le proprie gioie amorose. E perché non gridare, non scriverlo sui muri, non esternare la grandezza di quel sentimento? No, non era l'ostentazione che quell'amore voleva! L'amore chiedeva soltanto il diritto di amare. Salinda cercava di conservare i ricordi nella sua mente e riprendere la routine quotidiana. Era necessario vivere i momenti di calma e di disperazione come se non fosse successo nulla. Era quasi un anno che la felicità le veniva data con il contagocce: piccole goccioline che tuttavia avevano la forza di serbatoi infiniti, di dighe piene di felicità. Anche quando era felice come una pasqua e con una gran voglia di cantare, Salinda doveva abbruttire il suo corpo, i suoi occhi, la sua voce. Si sentiva osservata in tutti i suoi movimenti. Colui che la sorvegliava pretendeva, per quanto possibile, di comprendere persino i suoi pensieri. Lei, che era sempre stata distratta, doveva imparare a prestare attenzione a tutto e tutti.

A mulher ou homem que estivesse assentado ao seu lado no ônibus poderia ser o detetive particular que o seu marido tinha contratado para segui-la. Ao se lembrar do marido, Salinda foi até ao quarto desfazer a mala, que estava ali abandonada desde manhã. Tinha ido até Chã de Alegria, deixar as crianças de férias com a tia. Era para aquela cidade que viajava sempre com os filhos. Além da ida ao trabalho, Salinda não podia sair só. Os filhos, sem saber, tinham sido transformados em vigias da mãe. A viagem de regresso, que ela fez sozinha, foi controlada desde o momento em que deixou a casa da tia. No princípio, logo que começou a ser vigiada, chegou a pensar que estivesse sofrendo de mania de perseguição. Confirmou, porém, que estava sendo seguida, quando, numa noite, o marido, julgando que ela estivesse dormindo, falava alto na sala ao lado e sem querer ela ouviu todo o teor da conversa. Ele pedia notícias de todos os passos dela. Depois a confirmação foi se dando pelas notícias que ele trazia. Ela tinha sido vista em tal e tal lugar. Salinda entendeu o comportamento do marido. Estava a vigiá-la, mas ao invés de agir em silêncio, vinha de própria voz alertá-la. Era como se ele buscasse retardar um encontro com a verdade. Aos poucos as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. Salinda, por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada, embora às vezes pensasse que ele nunca faria nada, caso ela o deixasse de vez. Aprendera, desde então, certas artimanhas, sondava terreno, procurava saídas. Aos poucos foi se fortalecendo, criando defesas, garantindo pelo menos o seu espaço íntimo. Tia Vandu, em Chã da Alegria, era única pessoa que adivinhou o sofrimento de Salinda, acolheu seu segredo e se tornou cúmplice. Era na casa da tia que os encontros aconteciam. De noite, depois das crianças, desconhecendo o que se passava com a mãe, dormirem, Salinda, no quarto destinado a ela, podia se dar, receber, se ter e ser para ela mesma e para mais alguém. Tia Vandu era guardiã do novo e secreto amor de Salinda. Salinda desfazia a mala relembando o seu regresso de Chã da Alegria. Voltava para casa trazendo lembranças entalhadas na memória.

Chiunque si fosse seduto accanto a lei sull'autobus avrebbe potuto essere il detective privato che il marito aveva assunto per seguirla. Pensando al marito, Salinda era andata in camera da letto per disfare la valigia, che era rimasta lì dalla mattina. Era andata fino a Chã di Alegria per lasciare i bambini in vacanza dalla zia. Andava sempre lì con i figli. Tranne quando andava a lavorare, Salinda non poteva uscire da sola. I bambini, inconsapevolmente, erano stati trasformati in osservatori della madre. Durante il viaggio di ritorno, che aveva fatto da sola, era stata controllata dal momento in cui aveva lasciato la casa di sua zia. Quando iniziarono a pedinarla, arrivò persino a pensare di soffrire di manie di persecuzione. Poi, capì di essere davvero seguita quando, una notte, il marito, pensando che lei stesse dormendo, si mise a parlare ad alta voce nella stanza accanto e Salinda sentì inavvertitamente l'intera conversazione. Chiese notizie di tutti i suoi spostamenti. L'ulteriore conferma le venne data dalle notizie che lui riportava. Era stata vista in questo e in quel posto. Salinda capì il comportamento del marito. La stava sorvegliando ma, anziché agire in silenzio, fu proprio la sua voce ad avvisarla. Era come se cercasse di rimandare un incontro con la verità. A poco a poco emersero le minacce fatte dal marito dalle più diversificate e crudeli. Rapire i bambini, ucciderla o commettere suicidio lasciando una lettera in cui l'avrebbe accusata. Salinda, per questo motivo, rimandava da tempo la separazione definitiva da lui. Aveva paura, si sentiva intrappolata, anche se a volte pensava che non avrebbe mai fatto nulla se lo avesse lasciato. Da quel momento aveva imparato alcuni trucchi, sondava il terreno, cercava vie d'uscita. Gradualmente si stava rafforzando, creando difese, assicurandosi almeno il proprio spazio intimo. La zia Vandu, a Chã di Alegria, era l'unica persona che aveva compreso la sofferenza di Salinda, custodendone il segreto e diventandone complice. Era a casa della zia che avvenivano gli incontri. Di notte, dopo che i bambini si erano addormentati, ignari di quello che stava accadendo alla loro madre, Salinda, nella stanza a lei riservata, poteva darsi e ricevere chiunque, avere ed essere per se stessa e per qualcun altro. Zia Vandu era custode del nuovo e segreto amore di Salinda. Salinda aveva disfatto la valigia ricordando il suo ritorno da Chã di Alegria. Tornava a casa con ricordi incisi nella sua memoria.

Jogou algumas roupas no tanque; outras, ainda úmidas do desejo que brincava nos corpos amantes, para essas, ela inventou um esconderijo.

Queria a preservação do tesouro, que as peças mofassem sob a ação do tempo íntimo de sua esperança. Havia dois tempos fundamentais na vida de Salinda: um tempo em que o marido estava envolvido e cada vez mais se diluía e o tempo em que o novo amor se solidificava. Daí uns minutos, o homem chegaria, poderia vir calmo, amigo como nos bons tempos de namoro e ainda durante alguns anos de casada. Sim, tinha sido dele, o lugar do cálido amor de adolescente. Foi ele a primeira pessoa, que a tornou apta e ávida para todos os demais amores que ela veio a ter. Podia chegar também amargo, agressivo, infeliz, querendo arranhar a face da felicidade dela. Vinha então com as perguntas de sempre: o que ela fizera durante os anos em que, ainda solteiros, terminaram o namoro e se separaram? Quem era o homem, pai da primeira filha dela? Por que depois de tanto tempo afastada, ela aceitou voltar e se casar com ele? E assim aos poucos, Salinda foi percebendo que nunca deveria ter assumido novamente uma relação com ele. Reconhecia, entretanto, que antes, tanto na época do namoro da juventude como na do próprio casamento, eles haviam experimentado tempos felizes. A mala ia sendo desfeita lentamente enquanto tempos distintos amalgamavam-se em suas lembranças. A imagem dos filhos voltou à sua mente. Estavam de férias, e a melhor companhia para eles no momento era, sem dúvida, a Tia Vandu. Um misto de tia-avó, mãe e amiga. A casa sem as crianças tinha o silêncio que brincava matreiramente nos cômodos. A ausência de qualquer som transportou-a novamente para os poucos dias vividos em Chã de Alegria. No dia anterior tinha levantado cedo guardando no rosto e no corpo as marcas do encontro vivido na noite. Feliz, cantou, soltou a voz pelas terras de Chã de Alegria. As crianças acordaram ao som da ave-mãe que não estava presa na gaiola. A mais velha, menina se maturando mulher, olhou Salinda nos olhos e sorriu. Ela recolheu o sorriso da filha e percebeu na atitude da menina uma possível cumplicidade, que esperançosamente guardou e aguardou poder realizar um dia. Distraída em desarrumar a mala e em reviver várias lembranças, Salinda não percebeu o avançar das horas. Quando deu por si já era noite. Estranhou o silêncio e a ausência do marido.

Gettò alcuni vestiti nel cesto del bucato; per gli altri, ancora impregnati di quel desiderio che avvolge i corpi degli amanti, aveva trovato un nascondiglio. Voleva conservare quel tesoro e che i vestiti “invecchiassero” con lo scorrere del tempo intimo della sua speranza. Due erano i tempi chiave nella vita di Salinda: un tempo in cui il rapporto col marito era dapprima forte poi via via più smorzato e un tempo in cui il nuovo amore si era solidificato. Da lì a poco, sarebbe arrivato il suo uomo: poteva rientrare sereno e amichevole come nei momenti di corteggiamento e come durante i primi anni di matrimonio. Sì, era proprio lui, l'amore focoso provato da adolescente. Era proprio lui la prima persona che l'aveva resa pronta e avida per tutti gli altri amori che lei poi avrebbe avuto. Sarebbe potuto tornare anche amareggiato, aggressivo, infelice, con la voglia di colpire il volto della sua felicità. Era arrivato con le solite domande: che cosa aveva fatto durante gli anni in cui, di nuovo single, finito il fidanzamento, si erano separati? Chi era l'uomo, il padre della sua prima figlia? Perché, dopo tutto quel tempo, lei aveva accettato di tornare indietro e di sposarlo? E così, in breve tempo, Salinda si rese conto che non avrebbe mai dovuto ricominciare una relazione con lui. Riconobbe, tuttavia, che prima, sia durante il corteggiamento in gioventù che durante il matrimonio, avevano trascorso momenti felici. Stava disfacendo la valigia lentamente, mentre diversi momenti si stavano amalgamando nei suoi ricordi. L'immagine dei suoi figli le ritornò in mente. Erano in vacanza, e per loro la miglior compagnia in quel periodo era, senza dubbio, la zia Vandu. Un misto tra zia-nonna, madre e amica. In casa senza i bambini regnava il silenzio che si rintanava nelle stanze. L'assenza di qualunque tipo di suono la riportò nuovamente a quei pochi giorni trascorsi a Chã di Alegria.

Il giorno prima si era alzata presto con i segni sul viso e sul corpo dell'incontro avuto nella notte. Felice, cantava a squarciagola tra le vie di Chã di Alegria. I bambini si svegliarono al suono della “mamma-uccello” che non era stata messa nella gabbia. La più grande, la ragazzina che stava diventando donna, guardò Salinda negli occhi e sorrise. Salinda, dopo aver colto il sorriso della figlia, vide nell'atteggiamento della ragazza una possibile complicità che si augurava di poter avere un giorno. Distratta dal disfare la valigia e dal rivivere vari ricordi, Salinda non si accorse che le ore passavano. Quando ci fece caso era già notte. Il silenzio e l'assenza del marito erano strani.

Ele não tinha ido buscá-la na rodoviária, mas, assim que ela chegou, recebeu um telefonema dele dizendo que estava na casa da mãe. Ela admirada, gostou. Depois de longos anos, ia poder ficar sozinha. Havia uns cinco anos, desde que ele desconfiou dela com um colega de trabalho, um inferno na relação dos dois havia se instaurado. Das perguntas maldosas feitas de maneira agressiva surgiu uma vigilância severa e constante que se transformou em uma quase prisão domiciliar. Ela respondeu com um jogo aparentemente passivo. Fingiu ignorar. Era apenas uma estratégia de sobrevivência. Ensaiaava maneiras de se defender aguardando as crianças crescessem um pouco mais. Quando foi iniciado o cárcere doméstico, a menina que ele havia assumido como filha desde os onze meses tinha treze anos. Mas por que o marido estava demorando tanto? Ela começava a se atormentar. O que estava por traz daquela ausência tão silenciosa? O que tinha acontecido? O que estava para acontecer? E sua vida secreta? Será que o segredo havia sido descoberto de alguma forma? Salinda tinha viajado com as crianças. Sair com os filhos não levantava suspeição alguma. E quando qualquer desconfiança acontecia, o marido aplicava as suas táticas interrogativas. As crianças eram conclamadas a falar exaustivamente sobre o passeio. Inocentemente narravam tudo, felizes por estarem conversando com o pai.

Salinda se lembrou das ameaças do marido. Preferiu desacreditar que ele tivesse coragem suficiente para qualquer decisão. Entretanto, não se tranquilizou, alguma coisa estava acontecendo. Levantou aflita procurando os cigarros. Buscou uma caixa fósforos que deixou cair no chão. O ligeiro barulho da caixa caindo no solo retumbou como uma bomba atômica, e Chã Feliz se desenhou em sua mente. Tinha ido ao circo com as crianças em um dos dias que ficara na casa da tia. Estava mais entusiasmada do que elas. Bem cedo, quando a manhã ainda estava no nascedouro, ela gozou antecipadamente a doce aflição que sentiria à tarde ao deparar-se com o equilibrista. No circo, o momento que Salinda mais gostava, era o de vigiar a acrobacia do bailarino na corda bamba. Naquele dia, quem se apresentava era uma mulher. Salinda vigiou os passos cambaleantes da moça tentando se aprumar sobre um tão fino e quase imperceptível fio. Ela sabia que, qualquer passo em falso, a mulher estaria chamando a morte.

Lui non era andato a prenderla alla stazione degli autobus, ma appena lei era arrivata a destinazione, aveva ricevuto una chiamata in cui lui le aveva detto che era a casa della madre. Lei, sorpresa, aveva gradito. Dopo molti anni, finalmente sarebbe potuta restare da sola. Erano passati cinque anni da quando lui l'aveva scoperta con un collega di lavoro e la loro relazione era diventata un inferno. Dalle domande maligne poste in modo aggressivo era passato ad una sorveglianza severa e costante che si era trasformata in una sorta di arresti domiciliari. Apparentemente lei aveva risposto in maniera passiva, fingendo di ignorare la cosa ma era solo una strategia di sopravvivenza. Provava a difendersi nell'attesa che i bambini crescessero ancora un po'. Quando era iniziata la reclusione, la bambina, che aveva adottato come figlia quando aveva solo undici mesi, aveva già tredici anni. Ma perché il marito ci stava mettendo così tanto? Stava iniziando a tormentarsi. Cosa c'era dietro quella silenziosa assenza? Cos'era successo? Cosa stava per succedere? E la sua vita segreta? Il segreto era stato in qualche modo scoperto? Salinda era uscita con i bambini. Uscire con i bambini non poteva aver sollevato alcun sospetto. Quando succedeva qualcosa di strano, il marito applicava le sue tattiche interrogative. Ai bambini chiedeva di parlare in modo esaustivo del giretto fatto con la madre. Innocentemente loro raccontavano tutto, felici di parlare con il loro padre. Salinda si ricordò delle minacce del marito. Non voleva credere che il marito avesse coraggio a sufficienza per prendere una qualsiasi decisione. Tuttavia non si tranquillizzò, qualcosa stava sicuramente accadendo. Si alzò preoccupata e prese le sigarette. Cercò una scatola di fiammiferi che lasciò cadere sul pavimento. Il leggero rumore della scatola che cadeva a terra echeggiò come lo scoppio di una bomba atomica e nella sua mente immaginò Chã Felix. In uno dei giorni in cui era rimasta a casa di sua zia, era andata al circo con i bambini. Era più entusiasta di loro. La mattina presto, quando ancora doveva sorgere il sole, stava già immaginando la dolce sofferenza che avrebbe provato nel pomeriggio quando si sarebbe imbattuta nell'equilibrista. Al circo il momento che Salinda amava di più era quello in cui poteva ammirare le acrobazie del ballerino sul filo. Quel giorno, su quel filo, c'era una donna. Salinda osservò i passi vacillanti della ragazza che cercavano di restare in equilibrio sopra quel filo sottile, quasi impercettibile. Sapeva che commettendo un qualsiasi passo falso, la donna sarebbe morta.

Por um momento pediu para que tudo se rompesse. E, como equilibrista, ela mesma sentiu um gosto de morte na boca, mas logo se recuperou mordendo novamente o sabor da vida. Seu hálito ainda estava impregnado do amor vivido na noite anterior. Levantou-se acompanhando com gosto o jogo da dançarina na fugaz linha da vida. A mulher cambaleava, titubeava no espaço. Ia cair? Recuperou-se em seguida, com um passo-gesto redondo, próprio e justo, no fino fio estendido sob seus pés. O público aplaudiu. Vozes infantis norteavam a alegria dos demais. Salinda saiu vitoriosa do circo. A ausência e o silêncio do marido continuavam. O telefone tocou. Levantou preparada, sabia que era ele. Do outro lado do fio, com uma voz forçosamente calma, o marido anunciou que já sabia de tudo. Perguntou se ela havia esquecido de que os olhos da noite podem não ser somente estrelas. Outros olhos existem; humanos vigiam. E riu debochando do descuido dela e da tia. Disse ainda que não queria vê-la nunca mais, mas era bom ela ir se preparando para uma guerra. Não ia matá-la. Não ia cometer suicídio. Mas ia disputar ferrenhamente os filhos. Ele queria os filhos, todos. Ah, queria!... Salinda recebeu o golpe com a cabeça erguida. Sua voz não podia demonstrar nenhum temor. Batalhas viriam, piores, mais cruéis que as anteriores. Sentiu porém certo alívio. A verdade tinha sido apresentada, por pior que fosse a dor. O que fazer? Que cuidados e providências tomar no momento? A quem recorrer? E as crianças? Não, ela não ia desistir delas. Seus filhos eram uma opção que ela fizera para sempre. Sentiu-se desesperadamente só. Quis ligar para Tia Vandu, ponderou entretanto que seria melhor esperar um pouco. À noite as crianças sempre ligavam para casa quando estavam por lá. Agora mais do que nunca precisava do abrigo-coração da velha. Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava.

Per un momento sperò che tutto si rompesse. E, come l'equilibrista, anche lei sentì un sapore di morte in bocca, poi si riprese “mordicchiando” il gusto della vita. Il suo respiro era ancora pieno d'amore per la notte trascorsa. Si alzò, seguendo con piacere il gioco della ballerina sulla linea fugace della vita. La donna barcollava, esitava nello spazio. Stava per cadere? Subito si riprese con un passo rotondo e preciso sul filo teso e sottile sotto i suoi piedi. Il pubblico applaudì. Le voci dei bambini ispiravano la gioia degli altri. Salinda uscì felice dal circo. L'assenza e il silenzio del marito continuavano. Il telefono squillò. Si alzò preparata, sapeva che era lui. Dall'altra parte del filo, con una voce forzatamente calma, il marito le disse di sapere già tutto. Le chiese se avesse dimenticato che gli occhi della notte potevano non essere soltanto stelle. Esistono altri tipi di occhi...gli umani sorvegliano; poi rise canzonando la sbadataggine sua e della zia. Disse anche che non avrebbe voluto vederla mai più, ma che avrebbe fatto meglio a prepararsi ad una guerra. Non l'avrebbe uccisa, non si sarebbe suicidato ma avrebbe combattuto per la custodia dei figli. Voleva i figli, tutti. Eccome se li voleva! Salinda incassò il colpo a testa alta. La sua voce non poteva mostrare alcuna paura. Ci sarebbero state battaglie peggiori e più crudeli delle precedenti. Ma provava un certo sollievo. La verità era venuta a galla, per quanto dolorosa fosse. Cosa fare? Quali attenzioni e quali precauzioni prendere in quel momento? A chi rivolgersi? E i bambini? No, non avrebbe mai rinunciato a loro! I suoi figli erano stati una scelta che aveva fatto per sempre. Si sentiva disperatamente sola. Voleva chiamare Tia Vandu anche se riconosceva che sarebbe stato meglio aspettare un po'. Di notte i bambini chiamavano sempre a casa quando erano là da lei. Ora più che mai aveva bisogno della vecchia e del suo “cuore-rifugio”. Tentando di trovare un equilibrio tra il dolore e la paura, Salinda si guardò allo specchio. Sapeva che lì avrebbe visto la sua copia, ma le bastava il gesto di potersi contemplare. E al posto del suo viso, vide quello di un'altra. Dall'altro lato, come se fosse vero, il volto nitido dell'amica si manifestò per affermare la forza di un amore tra due uguali. Donne: entrambe si assomigliavano. Alte, nere e con decine di timori ad “adornare” le loro teste. Entrambe coraggiosamente immerse nella loro profondità. E ogni volta che una di loro si tuffava nell'altra, quel dolce incontro le riempiva di piacere. E quello che sembrava poco, si rivelava essere molto.

O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória.

Quello che sembrava finito, diventava eterno. E un bacio leggero e fugace sulla guancia, come un'ombra cancellata da un'ala di farfalla gialla, diventava una certezza, una presenza incastonata nei pori della pelle e nella memoria.

3.7 Luamanda

Luamanda consertou o vestido no corpo observando por alguns instantes o colo e o pescoço. Não, a sua pele não denunciava as quase cinco décadas que já havia vivido. As marcas no rosto, poucas, mesmo quando observadas de perto mentiam descaradamente sobre a sua idade. Nunca ninguém havia lhe dado mais de quatro décadas de vida. Um dia o lance mais alto que ela orgulhosamente aceitara fora de 35 anos. Sorriu ao ouvir a oferta. É, estava inteirinha, apesar de tantos trambolhões e acidentes de percurso em sua vida-estrada. Lua, Luamanda, companheira, mulher. Havia dias em que era tomada de uma nostalgia intensa. Era a lua mostrar-se redonda no céu, Luamanda na terra se desminlinguia todinha. Era como se algo derretesse no interior dela e ficasse gotejando bem na altura do coração. Levava a mão ao peito e sentia a pulsação da vida desenfreada, louca. Taquicardia. Tardio seria, ou mesmo haveria um tempo em que as necessidades do amor seriam todas saciadas? Ela iniciara cedo na busca, menina, muito menina ainda. Lembrava-se da primeira paixão. Sentimento esquivo, onde se misturavam revistas em quadrinhos, giz colorido, partilha de pão com salame e um epílogo cruel dramatizado pela surra que levava da mãe. O amor dói? Na época pensou que a dor de amor era tanta, porque tinha onze anos e um corpo-coração pequeno. E desejou crescer. Entre um pelo e outro que nasciam em suas axilas e sobre o seu púbis ensaiou e experimentou sorrisos, acenos distantes, piscar de olhos, troca de desenhos, cartas mal-escritas borradas com os dedos trêmulos de amores platônicos. O amor é terra morta? Um dia, aos treze anos, a cama do gozo foi arrumada em pleno terreno baldio. A lua espiava no céu denunciando com a sua luz um corpo confuso de uma quase menina, de uma quase mulher. Corpo-coração espetado por um falo, também estreante. Um menino que se fazia homem ali, a inaugurar em Luamanda o primeiro jorro, fora de suas próprias masturbantes mãos. E ambos se lambuzavam festivamente um no corpo do outro. Luamanda chorando de prazer. O gozo-dor entre as suas pernas lacrimavaginava no falo intumescido do macho menino, em sua vez primeira no corpo de uma mulher. O amor é terramoto?

Luamanda

Luamanda si aggiustò il vestito, osservando per un attimo il suo petto e il suo collo. No, dalla sua pelle non trasparivano i quasi cinque decenni che aveva vissuto. I segni sul suo volto, pochi, anche quando venivano visti da vicino, mentivano chiaramente sulla sua età. Nessuno le aveva mai dato più di quattro decenni di vita. Un giorno accettò con orgoglio di essere scambiata per una trentacinquenne. Sorrise a quell'azzardato complimento. Sì, aveva ragione, era ancora tutta intatta nonostante i tanti guai e gli incidenti di percorso lungo la strada della sua vita. Lua, Luamanda, compagna, donna. C'erano giorni in cui veniva travolta da un'intensa nostalgia. Come la luna si mostrava rotonda in cielo, Luamanda si sgretolava tutta sulla terra. Era come se qualcosa si fosse sciolto dentro di lei e sgocciolasse proprio nel suo cuore. Teneva la mano sul cuore e sentiva il battito di una vita sfrenata, pazza. Tachicardia. Che sia troppo tardi o potrebbe comunque esserci un momento in cui le esigenze dell'amore saranno tutte saziare? La ragazza, ancora molto piccola, aveva iniziato molto presto la ricerca. Si ricordò della sua prima passione: un sentimento sfuggente in cui si mescolavano fumetti, gessetti colorati, il condividere il panino con il salame e un epilogo crudele drammatico a causa delle botte che aveva preso dalla madre. L'amore fa male? All'epoca pensava che il dolore dell'amore fosse così grande, perché aveva undici anni e un corpo e un cuore piccoli. Desiderava crescere. Tra un pelo e l'altro che crescevano sulle ascelle e sul pube, visse di sorrisi, saluti distanti, strizzatine d'occhio, scambi di disegni, lettere mal scritte e scarabocchiate con le dita tremanti di un amore platonico. L'amore è terra morta? Un giorno, a tredici anni, il letto del piacere si rivelò un terreno ancora completamente incolto. La luna spiava nel cielo rivelando con la sua luce un corpo confuso di una quasi ragazza, una quasi donna. Un corpo violato da un fallo, anch'esso alla sua prima volta: un ragazzo che in quel momento divenne uomo regalando a Luamanda il suo primo orgasmo, senza più ricorrere alla masturbazione. Entrambi si bagnarono con piacere uno nel corpo dell'altro. Luamanda pianse per il godimento. Il piacere-dolore che lei provava tra le gambe si riversò sul fallo gonfio del ragazzo, anche lui per la prima volta nel corpo di una donna. L'amore è terremoto?

Depois, em outro tempo, quando já acumulada de várias vivências, ela deparou-se com um homem que viria inaugurar novos ritos em seu corpo. Uma sensação estranha, algo como um jorro-d'água ou um tapa inesperado caiu sobre o rosto de Luamanda, ao avistá-lo pela primeira vez. Ele sorriu. Ela sentiu o sorriso desgrudando da face dele e mordendo lá dentro dela. O coração de Luamanda coçou e palpitou, embora a cara da lua nem estivesse escancarada no céu. Não fazia mal, a lua viria depois. E veio, várias vezes. Lua cúmplice das barrigas-luas de Luamanda. Vinha para demarcar o tempo grávido da mulher e expulsar, em lágrimas amnióticas e sangue, os filhos: cinco. Navegação íntima de seu homem no buraco-céu aberto de seu corpo. O amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas? Depois, tempos depois, Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus. Os bicos dos seios dela roçando em outros intumescidos bicos. No primeiro instante, sentiu falta do encaixe, do membro que completava. Num ato de esquecimento, sua mão procurou algo ereto no corpo que estava diante do dela. Encontrou um falo ausente. Mas estava tão úmida, tão aquosa aquela superfície misteriosamente plana, tão aberta e igual a sua, que Luamanda afundou-se em um doce e feminino carinho. E quando se sentiu coberta por pele, poros e pelos semelhantes aos seus, quando a sua igual dançou com leveza a dança-amor com ela, saudade alguma sentiu, vazio algum existiu, pois todas as fendas de seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra. O amor se guarda só na ponta de um falo ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra? Luamanda, um dia, também amazona, montada então sobre um jovem. O moço encantado por aquela mulher que ele sabia madura, mas de imprecisa idade. O jovem amamentando-se no tempo vivido dela. Luamanda se realimentando, reencontrando a sua juventude passada e encantada pela virilidade quase inocente dele. Era tão grande a juvenil força do moço a atravessar o corpo de Luamanda, que ensandecida, às vezes, quando ele estava lá embaixo no buraco-perna, ela pensava que o intumescido bastão dele ia penetrar no seu corpo, desde lá de baixo e lhe vazar pela boca afora. O amor não cabe em um corpo? Tantos foram os amores na vida de Luamanda, que sempre um chamava mais um.

Più avanti, in un altro periodo, dopo varie esperienze, incontrò un uomo con cui avrebbe sperimentato nuovi riti col suo corpo. Provò una sensazione strana quando vide per la prima volta qualcosa cadere sul suo volto simile ad uno spruzzo d'acqua o ad uno schiaffo inaspettato. Lui sorrise. Lei percepì il sorriso quando, allontanandosi dalla faccia di lui, si sentì mordere dentro. Il cuore di Luamanda batté e palpitò, anche se il volto della luna ancora non si era mostrato in cielo. Non era un problema, la luna sarebbe arrivata più tardi. E venne, più volte. La luna si fece complice delle gravidanze di Luamanda. Si presentò per confermarne la presenza e partorire con lacrime amniotiche e sangue, i bambini: cinque. Navigazione intima del suo uomo nella sua vagina. L'amore è un misterioso pozzo dove si accumulano lacrime d'acqua? Più tardi, Luamanda sperimentò l'amore tra braccia simili alle sue.

I suoi capezzoli sfiorarono altre punte gonfie. Nel primo istante, sentì la mancanza dell'accoppiamento, del membro che la completava. Ma, in un momento di dimenticanza, la sua mano cercò qualcosa di eretto nel corpo che stava davanti a lei. Trovò un fallo assente. Ma era così umida, così bagnata, quella superficie misteriosamente piatta, così aperta e uguale alla sua che Luamanda sprofondò in un dolce e femminile piacere. E quando si sentì coperta da pelle, pori e peli simili ai suoi, quando la sua "uguale" danzò con leggerezza una danza-amore con lei, non sentì più alcuna nostalgia, alcun vuoto e tutte le fessure del suo corpo si fusero con i doni femminili dell'altra. L'amore si conserva solo sulla punta di un fallo o nasce anche fra le labbra vaginali di un cuore di una donna per un'altra? Luamanda, un giorno, sentendosi amazzone, montò sopra un ragazzo. Il giovane rimase incantato da quella donna che sapeva matura ma della quale non conosceva l'età precisa. Egli si nutriva del tempo vissuto con lei. Anche Luamanda si arricchiva nuovamente riscoprendo la sua passata gioventù e rimanendo incantata dalla virilità quasi innocente del ragazzo. Era così grande la forza giovanile del ragazzo nell'attraversare il corpo di Luamanda che lei, così eccitata dal fatto che lui fosse là in basso in mezzo alle sue gambe, pensava che il membro gonfio di lui avrebbe potuto penetrare tutto il suo corpo e sarebbe uscito dalla sua bocca. L'amore può appartenere ad un solo corpo? Furono talmente tanti gli amori nella vita di Luamanda che uno ne chiamava sempre un altro.

Aconteceu também a paixão avassaladora pelo velho, pelas rugas que ele trazia na pele, pelo cansaço dele, pela cópula que ela esperava e espreitava durante dias e dias. Era tão bom contemplar aquele falo adormecido, preguiçoso, sábio de tanto corpos-histórias do passado. Era como vivenciar uma duvidosa e infiel fé, sustentada por uma temerosa esperança de que o milagre não acontecesse. E foi no corpo do velho que ela melhor executou o ritual do amor. Pacientemente penteava ou ouriçava, com os dentes, os embranquecidos pentelhos do corpo dele. E de noite, depois de muitas noites, quando a pedra envergonhada e soturna se desabrochava em flor, ambos cavavam o abismo do abismo encontrando o nada como realidade única e, então, é que aconteciam as juras de amor. E o velho vinha lento, calmo, cuidadoso, cioso do fundo caminho que ele teria de adentrar. Ela também calma, apenas retesando suavemente os finos véus sanguíneos, bordados nas paredes vaginais. Ele chegava e ela silenciando os gritos se quedava embevecida diante do quase nada de um átimo de prazer. O amor é um tempo de paciência? Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. E durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que nasce naturalmente de seu útero-alma vinha misturar-se ao sangue e pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso. E pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva, durante meses a fio. Logo ali onde a vida se entranha e desentranha. Ali onde Luamanda havia parido concretas e vitalícias lembranças de si e de outro homem que ela amara tanto, nas doces visagens de seus filhos. Foi um tempo em que precisou exercitar a paciência com o seu próprio corpo. Trancada em si, ou melhor, aberta para si mesmo, com as mãos espalmadas e leves imaginava lenitivos carinhos. Chorando alisava, bulia, contornava uma cicatriz que ficara desenhada em um ponto da pele, onde os pelos se rarearam para sempre. Era um ponto único, minúsculo, um impertinente calombo. Ali, então alisava a dor e seus contornos. Era preciso convencer-se na sua floresta espessa e negra de que o prazer era uma via retornável, de que o gozo ainda era possível. O amor comporta variantes sentimentos?

Provò anche la passione travolgente per un vecchio, per le rughe che lui portava sulla pelle a causa della sua stanchezza e dell'accoppiamento che lei aspettava e desiderava per giorni e giorni. Era così bello osservare quel fallo addormentato, pigro, che aveva conosciuto tanti corpi e tante storie del passato. Era come sperimentare una fede dubbia e infedele sostenuta da una timida speranza che il miracolo non sarebbe mai accaduto. Fu proprio nel corpo del vecchio che lei sperimentò meglio il rituale dell'amore. Allisciava o rizzava pazientemente, con i denti, i peli del suo corpo. E di notte, dopo molte notti in cui la pietra imbarazzata e cupa si trasformò in fiore, entrambi scavarono in fondo all'abisso trovando il niente come unica realtà: questo è ciò che accade ai giuramenti d'amore. E il vecchio venne lentamente, calmo, attento, geloso del percorso profondo che aveva dovuto affrontare. Anche lei, ora calma, rilassò lentamente i sottili vasi sanguigni ricamati sulle pareti vaginali. Anche lei era venuta e, cessate le urla, rimaneva incantata davanti al quasi nulla di piacere.

L'amore è un momento di pazienza? Se nella vita di Luamanda c'era amore, c'era anche un grande fardello di dolore che formava i ricordi del suo cammino. Ripensava alla vagina insanguinata, trafitta, violata da un palo sottile, arma vile di un uomo disperato che non era stato in grado di comprendere la solitudine della prima volta. E per mesi, il sangue mestruale di Luamanda, sangue di donna che nasce naturalmente dal suo utero-anima, era stato mescolato con sangue e pus, doni dolorosi che aveva ricevuto da una strana fine di un amore. E, peggio del dolore, era l'intorpidimento che la colpì nella sua parte così viva per mesi e mesi. Proprio là dove la vita viene e va. Là dove Luamanda aveva creato ricordi concreti e vivaci di se stessa e di un altro uomo che aveva amato tanto nelle dolci visioni dei suoi figli. Ci fu un momento in cui dovette essere paziente con il proprio corpo. Sola, o meglio libera, con le mani piatte e lievi, immaginava carezze morbide. Piangendo allisciava, toccava, ripassava il contorno di una cicatrice che rimaneva disegnata in un punto della pelle dove i peli sarebbero rimasti radi per sempre. Era un unico punto, minuscolo, un bitorzolo impertinente. Lì, pertanto, allisciava il dolore e i suoi contorni. Si doveva convincere nella sua foresta spessa e nera che il piacere era un modo per tornare in vita e che il godimento era ancora possibile. L'amore ha sentimenti diversi?

Entre encontros e desencontros, Luamanda estava em franca aprendizagem. Uma aprendizagem no, por dentro e fora do corpo. A cada amor vivido, Luamanda percebia que a lição encompridava, mas que ainda faltava testes, arguições, sabatinas e que ela sabia só um pouquinho ou talvez nem soubesse nada ainda. Havia os filhos, três mulheres e dois homens. Todos eles já inaugurados no mistério maior da vida. A mais nova estava redonda da cabeça aos pés guardando e aguardando a velha e nova espécie humana desafiadora do tempo. Estava em vésperas de parir. Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo. Alma-menina no tempo? Não, ela não se envergonhava de seu narcisismo. Era com ele que ela compunha e recompunha toda a sua dignidade. Encarou novamente o espelho e se lembrou de um poema, em que uma mulher contemplando a sua imagem refletida, perguntava angustiada onde é que ela deixara a sua outra face, a antiga, pois não se reconhecia naquela que lhe estava sendo apresentada naquele momento. Não, não era o caso de Luamanda, que se reconhecia e se descobria sempre. Pouquíssimos fios de cabelos brancos avançavam buscando criar um território próprio em sua cabeça. Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais. Imaginou-se com os cabelos brancos sobre o rosto negro. Seria bela como a Velha Domingas lá das Gerais. Viajando no tempo-evento de sua vida, Luamanda, distraída, esqueceu-se do compromisso para o qual se preparava no momento. Acordou, para o encontro que estava para acontecer naquela noite, quando ouviu os assobios de alguém que aguardava por ela lá fora. Apressou-se. Podia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera.

Tra incontri e disaccordi, Luamanda era sincera nell'apprendere, un apprendimento dentro e fuori dal corpo. Ad ogni amore vissuto, Luamanda si rendeva conto che la lezione procrastinava e che ancora mancavano prove, imputati, interrogatori e che lei sapeva davvero poco o addirittura ancora niente. Aveva cinque figli: tre femmine e due maschi. Tutti loro già consapevoli del più grande mistero della vita. La più giovane era tutta rotonda e osservava e aspettava la vecchia e la nuova vita pronta a sfidare il tempo. Stava per partorire. Luamanda era nonna, madre, amica, compagna, amante, "anima-ragazza" nel tempo. "Anima-ragazza" nel tempo? No, lei non si vergognava del suo narcisismo. Era con quello che componeva e ricomponeva tutta la sua dignità. Ancora una volta di fronte allo specchio si ricordò di una poesia in cui una donna che contemplava la propria immagine riflessa si chiedeva angosciata dove avesse lasciato la sua altra faccia, quella più vecchia, poiché non si riconosceva più in ciò che vedeva riflesso in quel momento. No, non era il caso di Luamanda che si era sempre riconosciuta e, guardandosi allo specchio, sapeva ritrovare se stessa. Pochissimi erano i capelli bianchi che crescevano cercando di crearsi un loro spazio sulla testa. Prese quei fili, li tirò per separarli dagli altri. Si immaginò con i capelli tutti bianchi sul suo volto nero. Sarebbe stata bella come la Vecchia Domingas da *Geraiis*. Viaggiando nel "tempo-evento" della sua vita, Luamanda, distratta, si dimenticò dell'impegno per cui si stava preparando in quel momento. Si dette una mossa per l'incontro che doveva accadere quella notte quando sentì il fischio di qualcuno che l'aspettava fuori. Si affrettò. Forse l'amore non sopporta più un lungo periodo di attesa.

3.8 O *Cooper* de Cida

O sol vinha nascendo molhado na praia de Copacabana. A indecisão do tempo, a manhã vagabunda nos olhos sonolentos dos moradores de rua, o trabalho inconsequente das ondas em seu fazer e desfazer, tudo isto comprometia o *Cooper*⁸ de Cida. A moça foi diminuindo o passo. Ela era uma desportista natural. Corria o tempo todo querendo talvez vazar o minguido tempo do viver. Era preciso buscar sempre. O que tinha ficado para trás, o agora e o que estava para vir. De manhã, depois da corrida, ia à padaria, passava pela banca de jornal e trazia entre os dedos as notícias do dia que eram mal lidas. Rapidamente, graças ao curso de leitura dinâmica que fizera há uns anos atrás, corria os olhos pelas manchetes tentando apreender os acontecimentos. Em casa, corria ao banho, ao quarto, à sala, à cozinha. Fervia o leite, arrumava a mesa, voltava ao quarto, avançava sobre o guarda-roupa e atracava-se ao uniforme de trabalho, logo depois já estava na sala fechando a porta e indo. Voava pelas escadas, pois o elevador era lento e no constante *cooper* ganhava a rua. Corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo. Era preciso avançar sempre e sempre. Ela era vencedora de outras distâncias. Já saltara montanhas e divisas de um tempo-espaco que ficara para trás. Como era mesmo a sua cidade natal? Não sabia bem. Lembrava-se, entretanto, que as pessoas eram lentas. Andavam, falavam e viviam de-va-gar-zi-nho. A vida era de uma lerdeza tal, que algumas mulheres esqueciam-se de parir seus rebentos. A barriga crescia até aos onze meses. As crianças nasciam moles, desesperadamente calmas e adiam indefinidamente o exercício de crescer. Cida desde pequena guardava um sentimento de urgência. Seu corpo aos nove anos maturou-se no sangue mensal de mulher. As suas brincadeiras prediletas, ainda nessa época, eram a de apostar corrida com as crianças e a de desafiar grandes e pequenas, no tempo gasto para execução de qualquer tarefa. Vencia sempre, utilizando um tempo diminuto em relação a todos. Aos onze anos, Cida foi pela primeira vez ao Rio com a mãe, em viagens de negócios. A mãe reclamava da velocidade dos carros, do amontoado e da correria das pessoas, do vai e vem de todos.

⁸ Cooper: allenamentoamento atto a sviluppate il fiato.

L'allenamento di Cida

Sulla spiaggia di Copacabana il sole stava sorgendo bagnato dal mare. L'indecisione del tempo, la mattina vagabonda negli occhi assonnati dei barboni, l'inutile "lavoro" delle onde nel loro fare e disfare: tutto ciò comprometteva l'allenamento di Cida. La ragazza rallentò il passo. Era una sportiva naturale. Correva più a lungo che poteva sperando così di far passare le ore che altrimenti avrebbe dovuto trascorrere vivendo. Bisognava andare sempre alla ricerca di quello che era rimasto indietro, di quello che succedeva adesso e di quello che ancora doveva accadere. Alla mattina, dopo la corsa, andava in panetteria, passava dall'edicola e portava tra le dita le notizie del giorno che erano state riportate male. Rapidamente, grazie al corso di lettura dinamica che aveva fatto qualche anno prima, scorreva con gli occhi sopra i titoli dei giornali cercando di conoscere le novità. A casa correva in bagno, in camera, in soggiorno, in cucina... Scaldava il latte, apparecchiava la tavola, ritornava in camera, si avvicinava all'armadio e appendeva la divisa da lavoro poi, subito dopo, tornava in soggiorno chiudendo la porta e andandosene. Volava giù per le scale perché l'ascensore era lento e, con un passo svelto, scendeva rapidamente in strada. Correva sul filo invisibile del rasoio, linea opprimente del tempo. Bisogna andare avanti sempre. Ancora e ancora. Lei era vincitrice di altre distanze. Aveva già scalato montagne e affrontato cambiamenti di un tempo-spazio che si era lasciata alle spalle. Qual era la sua città natale? Non lo sapeva con certezza. Ricordava tuttavia che la gente era lenta. Camminavano, parlavano e vivevano len-tis-si-ma-men-te. La vita era di una lentezza tale che alcune donne si scordavano di partorire la propria prole. La loro pancia cresceva fino a undici mesi. I bambini nascevano mosci, disperatamente calmi e rinviavano a tempo indeterminato l'esercizio del crescere. Cida fin da piccola provava una sensazione di "urgenza". Il suo corpo a nove anni raggiunse la maturità con l'arrivo delle mestruazioni. Il suo gioco preferito, persino in quel periodo, era quello di correre con gli altri bambini e di sfidare grandi e piccoli nell'eseguire qualsiasi compito nel minor tempo possibile. Vinceva sempre, impiegando meno tempo di tutti. A undici anni, Cida era andata per la prima volta a Rio con sua madre, in viaggio d'affari. La madre si lamentava della velocità delle automobili, della confusione, del corri-corri delle persone e dell'andirivieni di tutti.

Cida bebeu enlouquecida o zigue-zague dos carros, das pessoas, dos pés quase voantes dos pedestres desafiando, vencendo e encontrando a morte. Descobriu no turbilhão da cidade um jogo de caleidoscópio formado por peças, gente-máquinas se cruzando, entrecortando braços, rodas, cabeças, buzinas, motos, pernas, pés e corpos aromatizados pela essência da gasolina. Cida descobriu outras pessoas também portadoras da urgência de vida que ela trazia em si. E naquele momento optou por retornar um dia para ficar ali. Tinham razão, a cidade era maravilhosa. Aos dezassete anos, um emprego, o primeiro, arranjado por um tio, permitiu que ela viesse para a capital. A vida seguia no ritmo acelerado de seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. A noite festejada por encontros de rápidos gozos. Os amores tinham de ser breves. Cursos, estudos somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas. — Aprenda inglês em seis meses. Garantimos a sua aprendizagem em cento e oitenta dias . — Nada de gastar o tempo curto e raro. É preciso correr, para chegar antes, conseguir a vaga, o lugar ao sol, pegar a fila pequena no banco, encontrar a lavadeira aberta, testemunhar a metade da missa. O padre era lento e o ritual também. Assistia a metade da liturgia, pelo menos não ficava com o remorso inteiro. Não perder a missa aos domingos foi a única recomendação que a mãe fizera. Alguns hábitos ela havia deixado para trás, outros reforçara e havia adquirido alguns novos. Passou a beber diariamente um refrigerante, como também comprava todos os dias um jornal, que na maioria das vezes nem lia. Aumentara vertiginosamente o hábito de correr. Todas as manhãs, os pés de Cida pisavam rápido o calçadão da praia. Iam e vinham em toques rápidos e furtivos, como se tivessem envergonhados dos carinhos que o solo pudesse lhes insinuar no decorrer da marcha. A moça imprimia mais e mais velocidade a sua louca e solitária maratona. Corria contra ela própria, não perdendo e não ganhando nunca. Mas naquele dia, a semidesperta manhã inundava Cida de um sentimento pachorrento, de um desejo de querer parar, de não querer ir. Sem perceber, permitiu uma lentidão aos seus passos e pela primeira vez viu o mar. A princípio experimentou uma profunda monotonia observando os movimentos repetidos e maníacos das ondas.

Cida stravedeva per lo zigzag delle auto, delle persone e dei piedi dei passanti che quasi volavano, sfidando, vincendo o incontrando la morte. Scoprì nel turbinio frenetico della città un caleidoscopio formato da pezzi, persone-macchine che si incrociavano, intersecando braccia, ruote, teste, clacson, motocicli, gambe, piedi e corpi “aromatizzati” all'essenza di benzina. Cida incontrò anche altre persone desiderose di quell’“urgenza” di vivere che lei aveva dentro di sé. E in quel momento decise che un giorno sarebbe tornata lì per restarci. Avevano ragione: la città era meravigliosa. A diciassette anni, tramite uno zio, trovò il suo primo impiego di lavoro che le aveva permesso di tornare nella capitale. La vita continuava seguendo il ritmo accelerato del suo desiderio. Lavoro, lavoro, lavoro. Il giorno era pieno di obblighi. La notte veniva celebrata da incontri di veloce godimento poiché gli amori dovevano essere brevi. Prendeva in considerazione soltanto i corsi e gli studi che permettessero riscontri immediati. Non aveva imparato niente dopo anni di lezioni in aula con letture infinite. “Impara l'inglese in sei mesi. Garantiamo il tuo apprendimento in centottanta giorni.”. Non c’è niente da perdere: il tempo è breve e raro! Si deve correre: per arrivare prima, per ottenere il lavoro, per vincere nella vita, per prendere la fila più veloce in banca, per trovare la lavanderia aperta, per assistere a metà della messa. Il prete era sempre lento e così anche la funzione. Era solita assistere a metà della liturgia così da non provare un totale rimorso. Non perdere la messa della domenica era l'unica raccomandazione che sua madre le aveva fatto. Alcune abitudini se le era lasciate indietro, altre si erano rinforzate e ne aveva acquisite di nuove. Iniziò a bere una bibita al giorno, così come ad acquistare ogni giorno un giornale, che spesso non leggeva neanche. Aumentò vertiginosamente l'abitudine di correre. Ogni mattina i piedi di Cida calpestavano velocemente il viale lastricato vicino alla spiaggia. Andavano e venivano con rapidi e furtivi tocchi, come se si vergognassero ad accarezzare il suolo durante la marcia. La ragazza aumentava sempre più la sua velocità durante quella pazza e solitaria maratona. Correva contro se stessa, senza mai perdere né vincere. Ma quel giorno, in una mattina semideserta, Cida fu pervasa da un pigro sentimento, da un desiderio di volersi fermare e di non voler più continuare. Senza rendersene conto, permise ai suoi passi di rallentare e, per la prima volta, riuscì a vedere il mare.

Como a natureza repetia séculos e séculos, por todo o sempre, os mesmos atos? O dia raiar, a noite cair, o sol, a lua... O mar magnânimo lavando repetidamente, a curtos intervalos a areia circundante. Tudo monótono, certo e previsível. Tão previsível como os principais atos dela: levantar, correr, sair, voltar. Contemplou os rostos que passavam, conhecia todos de relance. Todas as manhãs topava com aquelas faces suadas diante de si. Assustou-se. Percebeu que não estava correndo. Estava andando em câmera lenta, quase. Sentiu a planta dos pés, mesmo guardadas nos tênis, tocando o solo. Ela estava andando, parando, andando, parando, parando. Todos os seus membros estavam lassos, só o coração batia estonteado. Cida levou a mão ao peito. Sentiu o coração e os seios. Lembrou-se então que era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para correr. Envergonhou-se dos orgasmos premeditados, cronometrados que vinha cultivando até ali. Ela não se entregava nunca e repudiava qualquer gesto de abandono que alguém pudesse ter diante dela. A corda bamba do tempo, varal no qual estava estendida a vida, era frágil, podendo se romper a qualquer hora. Era preciso, pois, um constante estado de alerta. O mar movimentou-se novamente num gesto aliciante e convidativo. Cida abandonou o calçadão e encaminhou-se para a areia. Sentiu necessidade de arrancar os tênis que lhe prendiam os pés e deixou aquelas correntes abandonadas ali mesmo. Afundou os pés na areia e contemplou mais uma vez o mar. Um nadador brincava repetidas vezes com os braços e a cabeça na água. Cida aguardou cá fora desejando ansiosa que ele saísse. Ela queria saber do tempo dele, barganhar momentos, pedir um tempo emprestado talvez. Como uma pessoa, em plena terça-feira, às seis e cinquenta e cinco da manhã, podia estar tão tranquilamente brincando no mar? Deveria ser extremamente rico. Viver de juro. Lembrou-se dos mendigos que constantemente cruzavam o seu caminho. Eram extremamente pobres. Ou o tempo não se media com moeda, ou as horas, os dias, os anos não seriam medidas justas do tempo. Ela estava com vinte e nove anos. Pouco? Muito? Medir, comparar, aquilatar os anos em relação a que? Haveria um tempo outro amortecido no coração do tempo? O nadador continuava com a sua brincadeira. Cida desejou se lançar no mar à procura de algo que ela não encontrava cá fora. Dizem que o fundo do mar abriga riquezas e mistérios.

Com'è che la natura ripete per secoli e secoli, sempre gli stessi movimenti? Il giorno sorge, la notte cala, il sole, la luna...Il mare magnanimo lava ripetutamente e a brevi intervalli la sabbia circostante. Tutto è monotono, certo e prevedibile. Così come sono prevedibili le azioni di Cida: alzarsi, correre, uscire, tornare indietro. Guardò i volti dei passanti, li conosceva tutti di vista. Ogni mattina si imbatteva in quei volti sudati davanti a lei. Si spaventò. Si rese conto che non stava correndo anzi stava camminando quasi lentamente. Sentì le piante dei piedi che, se pur protette nelle sue scarpe da ginnastica, toccavano il suolo. Camminava, si fermava, camminava, si fermava, si fermava. Tutti i suoi muscoli erano lassi, solo il suo cuore batteva rapidamente. Cida si portò la mano sul petto. Sentì il suo cuore e i suoi seni. Si ricordò allora che era una donna e non una macchina senza freni, folle e programmata per correre. Si vergognò degli orgasmi premeditati e cronometrati che aveva coltivato fino ad allora. Non si lasciava mai andare e rifiutava ogni gesto di abbandono che qualcuno potesse compiere davanti a lei. Il filo del tempo, la linea su cui si stendeva la vita era fragile e avrebbe potuto rompersi in qualsiasi momento. Pertanto era necessario essere sempre all'allerta. Il mare si mosse di nuovo con un moto attraente e invitante. Cida lasciò il lungomare e si diresse verso la spiaggia. Sentiva la necessità di togliersi le scarpe da tennis che le legavano i piedi e lasciò quelle "catene" abbandonate lì. Affondò i piedi nella sabbia e guardò ancora una volta il mare. Un nuotatore muoveva ripetutamente in acqua le braccia e la testa. Cida aspettava con aria ansiosa di vederlo riaffiorare. Voleva sapere della sua vita, barattare quei momenti, forse chiedergli in prestito del tempo. Come poteva una persona, di martedì, alle sei e cinquantacinque di mattina, restare in mare in maniera così tranquilla? Doveva essere veramente ricca e vivere di interessi. Si ricordò dei mendicanti che attraversavano costantemente il suo cammino. Erano estremamente poveri.

O il tempo non si misura con le monete o le ore, i giorni e gli anni non sono la giusta misura del tempo. Aveva ventinove anni. Pochi? Molti? Misurare, confrontare, giudicare gli anni in base a cosa? Esistevano i tempi morti nel cuore del tempo? Il nuotatore continuava il suo svago. Cida voleva tuffarsi in mare alla ricerca di qualcosa che ancora non aveva trovato lì fuori. Si dice che il fondo marino nasconda ricchezze e misteri.

Ela lembrou-se que já passava da hora de voltar para casa. Era preciso continuar suas ações rotineiras, incorporar-se novamente ao cotidiano. Às sete e quarenta e cinco, Pedro acionaria a buzina do carro em frente ao prédio dela. Já pronta, desceria rapidamente a escada, e antes, bem antes das oito e trinta, se o trânsito estivesse bom, eles aportariam no escritório da Rio Branco. Era preciso ir, correr mais ainda. Havia maculado o tempo com o olhar e a espera pecaminosa diante do mar. O banhista tranquilo insistia em seu jogo. Cida veio voltando, entretanto lentamente. Outros corredores cá no calçadão iam e vinham. O mar insistia em se mostrar diante dela. Só então, naquele dia, ela percebera o mar. E como tudo era desmesuradamente belo. Atravessou calmamente a rua, não correu. Alguns mendigos saiam dos bares com copos plásticos cheios de café. Tomavam o líquido e tinham a expressão entorpecida de sono, fome, descompromisso e abandono. Qual seria a medida de tempo para eles? Em meio a esses pensamentos, Cida chegou à porta de seu prédio. Pedro fora do carro preparava-se para entrar e ao deparar-se com ela, bradou assustado olhando para a moça da cabeça aos pés: O que acontecera ? Por que ela estava chegando do *cooper* naquele instante? Fora assaltada ? Levaram-lhe os tênis ? Era preciso subir rápido, voar, ela estava atrasadíssima . Cida escutava tudo calada. Pedro gesticulava e falava rápido como se estivesse irradiando uma partida de futebol. Lembrou-se de que quando era criança, uma de suas diversões era colar o radinho no ouvido e ficar ouvindo a narração do futebol. Tinha a impressão de que a fala do locutor era mais rápida do que a bola nos pés dos jogadores. Parecia que era a palavra do homem que empurrava o jogo. Pedro bradava, bradava. O tempo estava passando e ela continuava ali apalermada. O que estava acontecendo? Só então Cida percebeu o motivo de aflição do amigo. Ela estava chegando atrasada do *cooper*. Tinha comprometido, extrapolado o tempo. O que havia acontecido? Não, não tinha acontecido nada. Não tinha sido assaltada. Apenas demorara mais, muito mais do que o costume. Se distraíra, esquecera das horas. Ele poderia ir, já estava bastante atrasado. Hoje ela não iria trabalhar, queria parar um pouco, não fazer nada de nada talvez. E só então falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara. Mas falou tão baixinho, como se fosse um momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela.

Si ricordò che era giunto il momento di tornare a casa. Doveva riprendere le sue abitudini per ricongiungersi alla vita quotidiana. Alle sette e quarantacinque, Pedro avrebbe suonato il clacson della macchina davanti a casa sua. Già pronta, sarebbe scesa rapidamente dalle scale e subito, ben prima delle otto e trenta, se il traffico fosse stato buono, sarebbero andati fino all'ufficio di Rio Branco. Quindi doveva sbrigarsi, correre ancora di più. Aveva perso tempo guardando il mare in un'attesa peccaminosa. Il nuotatore tranquillo continuava a nuotare. Con altrettanta calma Cida stava tornando. Gli altri podisti sul lungomare andavano e venivano. Il mare insisteva nel mostrarsi davanti a lei. Solo allora, proprio quel giorno, Cida aveva scoperto il mare. E com'era tutto immensamente bello. Attraversò la strada con calma, senza correre. Alcuni mendicanti erano usciti dai bar con dei bicchieri di plastica pieni di caffè. Mentre lo sorseggiavano avevano un'espressione assonnata, affamata, disillusa, abbandonata. Quale sarebbe la misura del tempo per loro? Assorta in questi pensieri Cida raggiunse il portone del suo stabile. Pedro fuori dalla macchina si stava preparando ad entrare ma nell'incontrarla sul portone la guardò preoccupato dalla testa ai piedi e le gridò: "che è successo? Perché stai tornando adesso dal tuo allenamento? Sei stata derubata? Ti hanno preso le scarpe da ginnastica?". Doveva salire velocemente, volare: era super in ritardo! Cida lo ascoltava in silenzio. Pedro gesticolava e parlava velocemente come se stesse commentando una partita di calcio. Si ricordò che quando era bambina, uno dei suoi divertimenti era quello di ascoltare alla radio la telecronaca delle partite di calcio. Aveva l'impressione che la parlata del radiocronista fosse più veloce della palla che si muoveva fra i piedi dei giocatori. Sembrava che fosse la parola dell'uomo a smuovere il gioco. Pedro predicava e predicava. Il tempo passava velocemente e lei era ancora lì inebetita. Cosa stava succedendo? Niente, non era successo nulla. Solo che Cida aveva notato l'angoscia del suo amico. Era tornata tardi dal suo allenamento. Era impegnata, aveva perso la cognizione del tempo. Cos'era successo? Niente, non era accaduto niente! Non era stata derubata. Aveva solo ritardato molto più del solito. Si era distratta e le era scappato l'orario. Lui poteva andare, si era già abbastanza attardato. Oggi Cida non sarebbe andata a lavorare: voleva fermarsi un po' forse senza far nulla. E solo allora si lasciò andare ad una significativa espressione che aveva usato e ascoltato molto spesso. Ma la disse piano, quasi come se fosse una preghiera misteriosa e profonda. Si sarebbe data del tempo per sé!

3.9 Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos

Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor o minúsculo quadro. A irmã de Zaíta há muito tempo desejava o desenho e vivia propondo uma troca. Zaíta não aceitava. A outra, com certeza, pensou Zaíta, havia apanhado a figurinha-flor. E agora, como fazer? Não poderia falar com a mãe. Sabia no que daria a reclamação. A mãe ficaria com raiva e bateria nas duas. Depois rasgaria todas as outras figurinhas, acabando de vez com a coleção. A menina recolheu tudo meio sem graça. Levantou-se e foi lá no outro cômodo da casa voltando com uma caixa de papelão. Passou pela mãe, que chegava com algumas sacolas do supermercado. A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento. Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. No dia anterior, havia recusado fazer a troca mais uma vez. A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis cera, um vermelho e um amarelo, que a professora lhe dera. Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. À noite dormiu com a figurinha-flor embaixo do travesseiro. De manhã foram para escola. Como o quadrinho da menina-flor tinha sumido? Zaíta olhou os brinquedos largados no chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isto acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo.

Zaíta ha dimenticato di mettere via i giocattoli

Zaíta sparse le figurine sul pavimento. Guardò attentamente ciascuna di loro. Ne mancava una, la più bella, quella che ritraeva una bambina che portava un mazzolino di fiori. Dalla figurina sembrava provenire un dolce profumo che aiutava a comporre il minuscolo quadro. La sorella di Zaíta desiderava quell'immagine da molto tempo e continuava a proporle uno scambio ma Zaíta non voleva. Zaíta a quel punto pensò che, sicuramente, l'altra aveva trovato la figurina-fiore. E adesso, come fare? Non poteva parlarne con sua madre. Sapeva di cosa si sarebbe lamentata. La madre si sarebbe arrabbiata e le avrebbe sculacciate entrambe. Poi avrebbe strappato tutte le altre figurine, ponendo così fine alla collezione. La bambina raccolse tutto con fare annoiato. Si alzò e tornò nell'altra stanza con una scatola di cartone. Passò davanti alla madre che era arrivata con alcune borse del supermercato. La madre di Zaíta era stanca. Aveva trentaquattro anni e quattro figli. Il più grande era già uomo e faceva parte dell'Esercito. Voleva perseguire una carriera, cosa che desiderava anche il secondo. Le ragazze arrivarono molto tempo dopo quando Benícia pensava che non sarebbe più rimasta incinta. Ma erano lì: due gemelle, uguali uguali. La differenza era solo nel modo di parlare. Zaíta parlava piano e lentamente. Naíta, con un tono di voce alto e velocemente. Zaíta aveva nei suoi modi un che di dolcezza, di mistero e di sofferenza. Zaíta girò la scatola e i giocattoli si sparsero sul pavimento, facendo rumore. Bambole incomplete, tappi di bottiglie, lattine vuote, scatole e fiammiferi usati. Si mise a rovistare tutto, senza dedicare particolare attenzione a nessun giocattolo. Continuò a cercare insistentemente la figurina, anche se sapeva che non l'avrebbe trovata lì. Il giorno prima, aveva rifiutato di nuovo di fare lo scambio. Sua sorella le aveva offerto quella bambola nera che aveva solo un braccio ma era così bellina. Le avrebbe anche dato due pezzi di pastello a cera, uno rosso e uno giallo, che l'insegnante le aveva dato. Ma lei non voleva. Discussero. Zaíta pianse. Quella stessa notte aveva dormito con la figurina-fiore sotto il cuscino. La mattina seguente erano andate a scuola. Com'è che la figurina della ragazza-fiore era sparita? Zaíta guardò i giocattoli abbandonati sul pavimento e si ricordò della raccomandazione di sua madre che si arrabbiava sempre quando ciò accadeva. Sculacciava le ragazze, si lamentava della piccola baracca, della loro povera vita, dei figli e in particolare del secondo.

Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa. Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe porque o irmão estava tão aflito e se a arma era de verdade. A mãe chamou a outra menina e perguntou-lhe se ela tinha visto alguma coisa. Não, Naíta não tinha visto nada. Benícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão. Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. De noite julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois escutou os passos apressados do irmão que entrava. Ela se achegou mais para junto da mãe. A irmã dormia. A mãe se mexeu na cama várias vezes; em um dado momento sentou assustada, depois se deitou novamente cobrindo-se toda. O calor dos corpos da mãe e da irmã lhe davam certo conforto. Entretanto, não conseguiu dormir mais, tinha medo, muito medo, e a mãe lhe pareceu ter passado a noite toda acordada. Zaíta levantou e saiu, deixando os brinquedos espalhados, ignorando as recomendações da mãe. Alguns ficaram descuidadosamente expostos pelo caminho. A linda boneca negra, com seu único braço aberto, parecia sorrir desamparadamente feliz. A menina estava pouco se importando com os tapas que pudesse receber. Queria apenas encontrar a figurinha-flor que tinha sumido. Procurou pela irmã nos fundos da casa e, desapontada, só encontrou o vazio. A mãe ainda arrumava os poucos mantimentos no velho armário de madeira. Zaíta teve medo de olhar para ela. Saiu sem a mãe perceber e bateu no barraco de Dona Fiinha, ao lado. A irmã não estava ali também. Onde estava Naíta? Onde ela havia se metido? Zaíta saiu de casa em casa por todo o beco, perguntando pela irmã. Ninguém sabia responder. A cada ausência de informação sua mágoa crescia. Foi andando junto com a desesperança. Tinha o pressentimento de que a figurinha-flor não existia mais. O irmão de Zaíta, o que não estava no Exército, mas queria seguir carreira, buscava outra forma e local de poder. Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia. O pai dele e do irmão mais velho gastava seu pouco tempo de vida comendo poeira de tijolos, areia, cimento e cal nas construções civis. O pai das gêmeas, que durante anos morou com sua mãe, trabalhava muito e nunca trazia o bolso cheio.

Un giorno Zaíta vide che suo fratello, il secondo, aveva uno sguardo preoccupato. Notò anche quando prese una pistola da sotto la poltrona dove dormiva e corse fuori di casa. Non appena la madre tornò, Zaíta le chiese perché suo fratello fosse così angosciato e se l'arma fosse vera. La madre chiamò l'altra figlia e le chiese se avesse visto qualcosa. No, Naíta non aveva visto niente. Benícia a quel punto si raccomandò con loro di non dire nulla e di non chiedere niente al fratello. Zaíta notò che la voce di sua madre era un po' tremante. Durante la notte le sembrò di sentire alcuni colpi di proiettile nelle vicinanze. Subito dopo sentì i passi accelerati del fratello che stava rientrando. Si avvicinò alla madre. Sua sorella dormiva. La madre si mosse più volte nel letto; a un certo punto si sedette spaventata poi si coricò nuovamente e si coprì tutta. Il calore dei corpi della madre e della sorella le dava un po' di conforto. Tuttavia, non riuscì più a dormire,; aveva paura, molta paura e le sembrò che sua madre avesse trascorso l'intera nottata senza chiudere occhio. Zaíta si alzò e si allontanò lasciando i giocattoli sparsi, ignorando le raccomandazioni di sua madre. Alcuni erano addirittura stati abbandonati in maniera disordinata lungo il corridoio che portava all'uscita. La bella bambola nera con il suo unico braccio aperto sembrava sorridere più che felice. La bambina si preoccupò poco dei ceffoni che avrebbe potuto ricevere. Voleva solo trovare la figurina-fiore che era scomparsa. Cercò sua sorella nella parte posteriore della casa ma, delusa, trovò solo il vuoto. Sua madre sistemava le poche scorte di cibo nel vecchio armadio di legno. Zaíta aveva paura che sua madre la vedesse. Uscì senza farsi notare e bussò alla baracca di Dona Fiinha lì accanto. Sua sorella non era nemmeno lì. Dov'era Naíta? Dove si era nascosta? Zaíta andò di casa in casa per tutto il vicolo, chiedendo di sua sorella. Nessuno sapeva risponderle. Ad ogni mancata notizia, la sua angoscia cresceva. Camminava con disperazione. Aveva la sensazione che la figurina-fiore non esistesse più. Il fratello di Zaíta, quello che non era nell'esercito ma che voleva far carriera, cercava un altro modo di vivere e un ruolo di potere diverso. Coltivava in sé un desiderio molto forte. Voleva una vita che valesse la pena, una vita piena, un percorso meno arduo e un portafoglio non vuoto. Aveva visto i suoi genitori lavorare e accumulare miseria giorno dopo giorno. Suo padre, lo stesso di suo fratello maggiore, aveva vissuto mangiando polvere di mattoni, sabbia, cemento e calce in edifici civili. Invece, il padre delle gemelle che visse per anni con sua madre, aveva lavorato duramente ma non aveva mai avuto il portafoglio pieno.

O moço via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas. Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos.

Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante. Desde pequeno ele vinha acumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando. Zaíta andava de beco em beco à procura da irmã. Chorava. Algumas pessoas conhecidas perguntavam o porquê de ela estar tão longe de casa. A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse. Não se importou com aquela lembrança. Naquele momento, ela buscava na memória como o desenho da menina-flor tinha nascido em sua coleção. A figurinha podia ter vindo em um daqueles envelopes que o irmão, o segundo, às vezes comprava para ela. Quem sabe viera no meio das duplicatas que a mãe ganhava da filha da patroa, ou ainda fruto de alguma troca que ela fizera na escola? Mas podia ser também parte de um segredo que ela não havia contado nem para sua igual, a Naíta. A figurinha podia ser uma daquelas dez, que ela havia comprado um dia com uma moeda que tirara da mãe, sem que ela percebesse. Zaíta por mais que se esforçasse retomando as lembranças, não conseguia atinar como a figurinha-flor tinha se tornado sua. A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguiria comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. O primeiro filho nunca pedia dinheiro, mas ela sabia que ele precisava. E sem que o segundo soubesse, Benícia colocava uns trocadinhos debaixo do travesseiro para ele, quando ele vinha do quartel. Havia também o aluguel, a taxa de água e de luz. Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco. A mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar com a escolha dele. Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada em casa. Estava, porém, chegando à conclusão de que trabalho como o dela não resolvia nada. Mas o que fazer?

Il ragazzo vedeva donne, uomini e anche bambini ancora mezzi addormentati, andare a lavorare e tornare poveri tanto quanto prima, soltanto più stanchi. Voleva quindi che la sua vita fosse diversa. C'erano alcuni che lavoravano diversamente e diventavano ricchi. Bisognava solo insistere, avere coraggio, dominare la paura e andare avanti. Da quando era piccolo stava facendo "pratica". Giovane, ancora bambino, senza che sua madre se ne accorgesse, lui si era già fatto strada. Correva agilmente attraverso i vicoli, portava messaggi, consegnava pacchi e con nonchalance fischiava un motivetto infantile: era il segnale che gli uomini stavano arrivando. Zaíta andava di vicolo in vicolo alla ricerca della sorella. Piangeva. Alcune persone che lei conosceva le chiesero perché fosse così lontana da casa. La bambina si ricordò di sua madre e di quanto avrebbe potuto essere arrabbiata. Ne avrebbe prese tante al suo ritorno. Ma non si preoccupò troppo di quel pensiero. In quel momento, cercò di ricordarsi come la figurina della ragazza-fiore era nata nella sua collezione. Forse l'aveva trovata in una di quelle bustine che il fratello, il secondo, a volte acquistava per lei. O forse era in mezzo ai doppioni che sua madre riceveva dalla figlia della sua padrona o dal risultato di qualche scambio che aveva fatto a scuola? Ma poteva anche essere parte di un segreto che non aveva detto neppure alla sua gemella Naíta. La figurina poteva essere una di quelle dieci che lei aveva comprato un giorno con una moneta presa da sua madre senza che questa se ne accorgesse. Per quanto Zaíta si sforzasse di ricordare non riuscì a capire come la figurina-fiore fosse diventata sua. La madre di Zaíta guardò rapidamente le poche scorte. Aveva la sensazione di aver perso qualche soldo al supermercato. Impossibile aver speso la metà del proprio salario e non essere riusciti a comprare quasi niente! Era stanca, ma doveva aumentare il guadagno. Avrebbe trovato qualche lavoro per i fine settimana. Il primo figlio non le aveva mai chiesto soldi ma sapeva che ne aveva bisogno. E senza che il secondo lo sapesse, Benícia aveva messo qualche spicciolo sotto il cuscino per lui, per quando sarebbe tornato a casa dalla caserma. C'erano anche l'affitto, le bollette dell'acqua e della luce. C'era ancora la sorella con i suoi figli piccoli e con il suo uomo che guadagnava davvero poco. La madre di Zaíta, a volte, pensava che il secondo figlio avesse ragione. Le sarebbe piaciuto accettare i soldi che lui le offriva sempre ma non voleva incoraggiarlo nella sua scelta. Con orgoglio non accettava che lui contribuisse alle spese di casa. Ma giunse anche alla conclusione che un lavoro onesto come il suo non contribuisse a risolvere nulla. Ma cosa poteva fare?

Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda. Benícia, ao dar por falta das meninas, interrompeu os pensamentos. Não ouvia as vozes das duas há algum tempo. Deviam estar metidas em alguma arte. Sentiu certo temor. Veio andando aflita da cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva. Que merda! Todos os dias tinha que falar a mesma coisa! Onde as duas haviam se metido? Por que tinham deixado tudo espalhado? Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados. A outra menina, Naíta, que estava no barraco ao lado, escutando os berros da mãe, voltou aflita. Foi recebida com tapas e safanões. Saiu chorando para procurar Zaíta. Tinha duas tristezas para contar a sua irmã igual. Havia perdido uma coisa que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor... A outra coisa era que a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão e de raiva ela havia arrebentado aquela bonequinha negra, a mais linda...

Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contendores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia.

Se si fosse fermata la fame sarebbe giunta ancor prima e più vorace. Benícia, quando si accorse che le sue figlie erano sparite, interruppe i suoi pensieri. Non sentiva le loro voci da un po' di tempo. Dovevano essere impegnate in qualche svago. Avvertì una certa paura. Si avviò verso la cucina con aria preoccupata e inciampò sui giocattoli sparsi sul pavimento. La preoccupazione precedente si trasformò in rabbia. Che cazzo! Ogni giorno doveva ripetere la stessa cosa! Dove si erano cacciate? Perché avevano lasciato tutto in disordine? Prese la bambola nera, la più bella, che aveva solo un braccio, afferrò l'altro, poi la testa e le gambe. In pochi minuti la bambola era distrutta; i capelli erano stati strappati e gli occhi cavati. L'altra bambina, Naíta, che era nella baracca accanto, sentendo le grida di sua madre, tornò tutta preoccupata. Venne "accolta" con schiaffoni e sberle. Uscì piangendo a cercare Zaíta. Aveva due dispiaceri da raccontare alla sorella gemella. Aveva perso qualcosa che Zaíta amava molto. La mattina aveva preso la figurina da sotto il cuscino. Voleva odorarne il profumo e ora non si ricordava dove l'aveva lasciata...L'altra cosa era che la mamma era arrabbiata perché i giocattoli erano sparsi sul pavimento e dalla rabbia aveva distrutto quella bambolina nera, la più bella...

Negli ultimi tempi nella favela le sparatorie erano frequenti e a qualsiasi ora. I componenti dei gruppi rivali combattevano per garantire i loro spazi e i loro distretti. Costanti erano gli scontri con gli agenti di polizia che avevano invaso la zona. Il fratello di Zaíta era il leader del gruppo di più recente formazione che era anche il più armato. Voleva l'area vicino alla sua casa solo per sé. Il rumore secco dei proiettili si mescolava agli schiamazzi dei bambini. I bambini obbedivano alle raccomandazioni di non allontanarsi da casa ma a volte se ne dimenticavano. E così, non solo assaggiavano le caramelle dolci che si scioglievano in bocca ma anche quelle che scioglievano loro la vita. Zaíta era ancora tutta presa dalla sua preoccupazione. L'ennesima sparatoria era appena iniziata. Un bambino, prima di chiudere violentemente la finestra, le fece cenno di entrare rapidamente in una baracca qualsiasi. Uno dei rivali, notando la presenza della bambina, ripeté il gesto fatto dal ragazzino in modo che Zaíta cercasse rifugio. Stava cercando solo la sua figurina di fiori... Nel mezzo della sparatoria, la bambina se n'era andata.

Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. A outra menina seguia aflita à procura da irmã para lhe falar da figurinha-flor desaparecida. Como falar também da bonequinha negra destruída? Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: — Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!

Proiettili, proiettili e ancora proiettili sbocciavano come fiori maledetti, come erbacce sospese in aria. Alcune formavano dei cerchi attorno al corpo della bambina. Dopo un minuto, tutto era finito. Gli uomini armati scomparvero nei vicoli silenziosi, ciechi e muti. Cinque o sei corpi, come quello di Zaíta, giacevano a terra. L'altra bambina continuava a cercare sua sorella per dirle della figurina-fiore scomparsa. Ma come dirle della bambola nera distrutta? Gli abitanti del vicolo in cui ci fu la sparatoria ignorarono gli altri corpi e raccolsero solo quello della bambina. Naíta ci mise un po' a capire cosa era successo. E quando si avvicinò a sua sorella, gridò la sua disperazione, il suo dolore, lo spavento e la paura: – Zaíta, hai dimenticato di mettere via i giocattoli!

3.10 Di Lixão

Di Lixão abriu os olhos sob a madrugada clara que já se tornava dia. Apalpou um lado do rosto, sentindo a diferença, mesmo sem tocar o outro. O dente latejou espalhando a dor por todo o céu da boca. Passou lentamente a língua no canto da gengiva. Sentiu que a bola de pus estava inteira. O companheiro de quarto-marquise levantou um pouco o corpo e entre o sono olhou espantado, meio adormecido, para ele. Di Lixão encheu rápido a boca de saliva e deu uma cusparada no rosto do menino. O outro, num sobressalto, acordou de seu sono todo instinto de defesa. Pulou inesperadamente, acabando de se levantar. Di Lixão acompanhou o gesto raivoso do menino, levantando também. Numa fração de segundos recebeu um pontapé nas suas partes baixas. Abaixou desesperado, segurando os ovos-vida. E foi se encolhendo, se enroscando até ganhar a posição de feto. Pela primeira vez, depois de tudo, se lembrou da mãe. Ainda bem que aquela puta tinha morrido! Ele sabia quem havia matado a mulher. Tinha visto tudo direitinho. Na polícia negou que estivesse por perto, que suspeitasse de alguém. Depois de três ou quatro idas à delegacia, os policiais acabaram por deixá-lo em paz. Ele sabia quem. Pouco importava. Que deixassem o homem solto. Não gostava mesmo da mãe. Nenhuma falta ela fazia. Não aguentava a falação dela. Di, vai para a escola! Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho! Puta safada que vivia querendo ensinar a vida para ele. Depois, pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo. Lá fora, o outro mundo também era uma zona. Sabia quem tinha matado a mãe. E daí? O que ele tinha com isso? As partes de baixo de Di Lixão doíam. O dente continuava a latejar. Será que ele ia morrer? Será que a dor de cima ia se encontrar com a dor de baixo? Será que o encontro seria uma dor só? Pensou no colega de quarto-marquise. O menino havia sido mais esperto do que ele. Fugira. Ganhara o mundo. Já tinha bastante tempo que os dois dividiam aquele espaço. De dia perambulavam pela rua, cada qual no seu ganho. Encontravam-se ali no meio da noite. Às vezes conversavam muito. Falavam de tudo. Até de um pai, menos da mãe. Di Lixão achava que a história da mãe do outro devia parecer com a da sua mãe. Ele não sabia se gostava ou não do menino.

Di Lixão

Di Lixão aprì gli occhi davanti ad un'alba chiara che stava diventando giorno. Si toccò un lato del viso percependone la differenza rispetto all'altro pur non toccandoselo. Il dente pulsava e diffondeva il dolore su tutto il palato. Lentamente si passò la lingua sull'angolo della gengiva. Sentì che la palla di pus era tutta intera. Il suo compagno di camera si tirò un po' su e nel sonno lo guardò stupito, mezzo addormentato. Di Lixão si riempì rapidamente la bocca con la saliva e sputò sul viso del ragazzo. L'altro si svegliò di soprassalto dal sonno pronto a difendersi. Fece improvvisamente un salto e finì con l'alzarsi. Di Lixão seguì il gesto arrabbiato del ragazzo, alzandosi anche lui. In una frazione di un secondo venne colpito da un calcio nelle sue parti basse. Si abbassò disperatamente, tenendosi i testicoli. E, appallottolandosi, si raccolse fino a quando non raggiunse la posizione fetale. Per la prima volta, dopo tanto tempo, ripensò a sua madre. Era contento che quella cagna fosse morta! Lui sapeva chi l'aveva uccisa. Aveva visto tutto perfettamente ma alla polizia aveva negato di trovarsi nei paraggi e di sospettare di qualcuno. Dopo tre o quattro "viaggi" al commissariato, i poliziotti lo avevano lasciato in pace. Sapeva chi era stato ma non gli importava che avessero lasciato libero quell'uomo. Non teneva davvero a sua madre, non gli mancava per niente. Non sopportava i suoi soliti discorsi: "Di, vai a scuola! Di, non parlare con i miei uomini! Di, io sono nata qui, tu sei nato qui ma cerca di trovare un modo per cambiare il tuo destino!" Stronza puttana che viveva credendo di potergli insegnare la vita! Tanto cambiava poco. Un quartiere valeva l'altro, era comunque sempre lì. Là fuori, anche il resto del mondo era un casino. Sapeva chi aveva ucciso sua madre. E quindi? Che cosa c'entrava lui con tutto questo? Le parti basse di Di Lixão facevano male. Il dente continuava a pulsare. Stava per morire? Il dolore lì in alto avrebbe incontrato quello in basso? Il loro incontro si sarebbe trasformato in un unico dolore? Pensò al suo compagno di stanza. Il ragazzo era stato più furbo di lui. Era scappato. Aveva conquistato il mondo. Era ormai da parecchio tempo che dividevano quello spazio. Durante il giorno girovagavano per la strada, ognuno per i propri affari. Si incontravano lì in piena notte. A volte parlavano molto e di tutto. Persino dei loro padri ma mai delle madri. Di Lixão pensava che la storia della madre dell'altro ragazzo dovesse essere simile alla sua. Non sapeva se il ragazzo gli piaceva o no.

Tinham quase a mesma idade. O menino, apesar de pequeno, tinha quatorze anos. Ele, no mês anterior, num dia qualquer, tinha feito quinze.

O dente de Di Lixão latejava compassadamente. Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio. Sentiu vontade de mijar. Quando ele era pequeno mijava nas calças. Sua mãe lhe batia sempre por isso. Um dia, ela, numa crise de raiva, ao ver o menino todo ensopado de mijo, puxou a bimbina dele até quase arrebentar. E dizia para ele aos berros que aquilo era para mijar, para mijar, mijar, mijar... A dor que Di Lixão sentiu naquele dia voltava agora. O que era aquilo? Naquele dia a mãe havia puxado a bimbina dele. Agora ele era grande, experimentado na vida. Tinha levado um chute no saco, nos ovos. E doía para cacete. A vontade de mijar se confundia com a dor. Naquela época, pensava que a bimbina só servia para mijar, mijar, mijar. Agora não! Tinha crescido, a bimbina se transformado em pau, cacete. Há muito tempo havia descoberto que bimbina grande, em pé, tinha outro fazer. Tinha experimentado isto nos quartos daquelas putas. Foi também no quarto ao lado do de sua mãe, com uma menina da idade dele, que como ele havia nascido ali, que experimentou o primeiro prazer a dois. Quando acabou tudo, quase morreu de vergonha. Estava na cama ainda e não conseguia parar. Não conseguia parar o mijo. Mijou-se todo. Di Lixão estava com vontade de mijar. Queria levantar e não podia. Ia soltar nas calças. Não podia fazer. A mãe, aquela puta, era bem capaz de viver de novo e vir castigá-lo. Apalpou, meio sem jeito e envergonhado, as partes doídas. O dente latejou fundo no profundo da boca. Dor de dente matava? Não sabia. Sabia porém que ia morrer. Mas isto também, como a morte da mãe, pouca importância tinha. Onde estava o desgraçado do outro? Só não queria morrer tão sozinho. Os primeiros trabalhadores passavam apressados. Di Lixão teve vontade de chamar um deles, mas silenciou o desejo na garganta. O sol anunciava o dia quente. Ele, entretanto, tremia de frio. Sentia um vazio na cabeça, no peito e no estômago. Tinha um pouco de fome. Havia umas duas semanas que aquele tumorzinho na boca, junto ao dente, doía que ele não podia comer quase nada. Fez um esforço. Sentou. Pegou a bimbina dolorida e fez xixi. Assustou-se. Estava urinando sangue.

Avevano quasi la stessa età. L'altro, sebbene piccolo, aveva quattordici anni; lui, invece, in un giorno qualunque del mese scorso, ne aveva compiuti quindici. Il dente di Di Lixão pulsava moderatamente. Adesso era un dolore unico. I dolori si erano incontrati. Gli faceva male il dente e gli facevano male le parti basse. Gli faceva male l'odio. Sentiva il bisogno di fare pipì. Quando era piccolo si faceva la pipì nei pantaloni. Sua madre lo sculacciava sempre per questo. Un giorno, in un attacco di rabbia, alla vista del bambino tutto bagnato di pipì, gli schiacciò il pisellino fino a farlo quasi scoppiare. E gli disse urlando che quello serviva per fare solo e soltanto la pipì, pipì, pipì!... Lo stesso dolore che Di Lixão sentì quel giorno era tornato anche in quel momento. Che cos'era? Quel giorno la madre gli aveva tirato fuori il suo pisello. Adesso lui era grande ed esperto della vita. Aveva preso un calcio sui testicoli. E il pene gli faceva male. La voglia di fare pipì si mescolava con il dolore.

A quel tempo il pisellino serviva sì solo per pisciare, pisciare e pisciare. Adesso no! Era cresciuto e il pisellino era diventato un bastone, un pene. Molto tempo fa aveva scoperto che un pene grande ed in erezione aveva un altro scopo. Lo aveva sperimentato nelle stanze delle puttane. Fu proprio nella camera a fianco a quella di sua madre che sperimentò il primo rapporto a due con una ragazza della sua età che come lui era nata lì. Quando finirono quasi morì di vergogna. Era ancora nel letto e non riuscì a fermarsi: non riuscì a trattenere la pipì. Si era bagnato tutto. A Di Lixão scappava la pipì, voleva alzarsi ma non ci riusciva. Doveva togliersi i pantaloni ma non poteva farlo. La madre, quella cagna, sarebbe stata capace di tornare in vita e punirlo. Si toccò in maniera goffa e imbarazzata le parti doloranti. Il dente pulsava in fondo alla bocca. Che il mal di denti potesse uccidere? Non lo sapeva. Sapeva soltanto che stava per morire ma, anche questo, così come la morte della madre, aveva poca importanza. Dov'era quell'altro disgraziato? L'unico suo desiderio era quello di non morire tutto solo. I primi lavoratori passavano frettolosamente oltre. Di Lixão avrebbe voluto chiamare uno di loro ma il suo desiderio si fermò in gola e non gli uscì alcun suono. Il sole annunciava una giornata calda ma lui stava tremando di freddo. Avvertiva un vuoto in testa, nel petto e nello stomaco. Aveva un po' di fame. Era da un paio di settimane da quando gli era comparsa quella piccola escrescenza in bocca vicino al dente che non riusciva a mangiare quasi più niente. Fece uno sforzo. Si sedette. Prese il suo pene dolorante e urinò. Si spaventò. Dal suo pene usciva sangue.

Passou a língua no canto da boca. O carocinho latejou. Num gesto coragem-desespero levou o dedo em cima da bola de pus e apertou-a contra a gengiva. Cuspiu pus e sangue. Tudo doía. A boca, a bimbina, a vida... Deitou novamente, retomando a posição de feto. Já eram sete horas da manhã. Um transeunte passou e teve a impressão de que o garoto estava morto. Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta. Às nove horas o rabeção da polícia veio recolher o cadáver. O menino era conhecido ali na área. Tinha a mania de chutar os latões de lixo e por isso ganhara o apelido. Sim! Aquele era o Di Lixão. Di Lixão havia morrido.

Si passò la lingua sull'angolo della bocca. La vescica scoppiò. In un gesto di coraggio e disperazione mise il dito sulla palla di pus e lo spremette contro la gengiva. Sputò pus e sangue. Tutto gli faceva male. La bocca, il pene, la vita...
Tornò nuovamente a letto riprendendo la posizione del feto. Erano già le sette di mattina. Un passante passò di lì ed ebbe l'impressione che il ragazzo fosse morto. Un rivolo di sangue sgocciolava dalla bocca spalancata. Alle nove, il furgone di medicina legale della polizia arrivò a prendere il cadavere. Il ragazzo era conosciuto nella zona. Aveva l'abitudine di calciare i bidoni dei rifiuti e per questo lo soprannominavano così. Sì! Era Di Lixão. Di Lixão era morto.

3.11 Lumbiá

Lumbiá trocou rapidamente a lata de amendoim pela caixa de chicletes com a irmã Beba. Fazia um bom tempo que estava andando para lá e para cá, e não havia conseguido vender nada. Quem sabe teria mais sorte se oferecesse chicletes? E se não desse certo também, procuraria o colega Gunga. Juntos poderiam vender flores. A mãe não gostava daquela espécie de mercadoria. Dizia que flor encalhada era prejuízo certo. Sempre amanheciam murchas. Amendoim e chicletes não. Lumbiá gostava da florida mercadoria em seus braços. Tinha até um estilo próprio de venda. Ficava observando os casais. O momento propício para empurrar o produto era quando o casal partia para o beijo na boca. Ele assistia as bocas descolarem para oferecer a flor. Às vezes o casal se desgarrava, mas na mesma hora, sem respirar, o par se fundia de novo. Lumbiá ficava por perto olhando de soslaio para a mulher. E quando notava que ela estava toda mole e o homem derretido, o menino se punha quase entre os dois, com a flor em riste, impondo a mercadoria. O caliente namorado enfiava a mão no bolso, tirava o dinheiro e pegava a rosa, recomeçando o carinho. Às vezes, tão distraído no beija-beija estava o casal que a rosa não era colhida das mãos do menino. E o troco honestamente oferecido ao freguês cansava de esperar na mão do vendedor. Lumbiá calculando o lucro da venda sorria feliz. Às vezes, o menino usava outro ardil para impulsionar a venda. Chegava elogiando a mulher, dizia que ela era linda e que os dois iam ser muito felizes. Havia casais que respondiam:

— Será? Estamos terminando agora!

O menino não se dava por vencido. Muito sério respondia:

— Não há grande amor sem problemas! Uma flor, uma rosa na despedida de vocês... Vencia sempre.

Feliz, Lumbiá e o amigo Gunga depois riam do beijo babado do homem e da mulher.

Lumbiá

Lumbiá scambiò rapidamente il barattolo di noccioline con un pacchetto di gomme da masticare con sua sorella Beba. Era passato parecchio tempo da quando andava di qua e di là senza però riuscire a vendere nulla. Chissà, forse sarebbe stato più fortunato se avesse venduto gomme da masticare?! Se non avesse funzionato nemmeno quello, avrebbe cercato il collega Gunga. Insieme avrebbero potuto vendere fiori. A sua madre non piaceva quella specie di lavoro. Diceva che i fiori recisi erano una perdita sicura: apparivano sempre appassiti. Le arachidi e le gomme da masticare no. Lumbiá invece amava la merce fiorita tra le braccia. Aveva anche un proprio stile di vendita. Osservava attentamente le coppie. Il momento propizio per promuovere il prodotto era quando la coppia stava per baciarsi. Aspettava che le bocche si staccassero per offrire il fiore. A volte la coppia si allontanava ma subito dopo, senza respirare, si “fondeva” di nuovo. Lumbiá rimaneva lì in piedi guardando con la coda dell’occhio la donna. Non appena notava che lei era tutta tenera e l'uomo più sciolto, si metteva quasi in mezzo ai due, con il fiore in mano, imponendo la merce. Il ragazzo innamorato metteva così la mano in tasca, estraeva i soldi e prendeva la rosa, riprendendo le effusioni. A volte, erano così presi da quel bacio appassionato che la rosa non veniva nemmeno presa dalle mani del ragazzo. E lo scambio, onestamente offerto al cliente, rimaneva nella mano del venditore. Lumbiá, calcolando il profitto ricavato, sorrideva felice. A volte usava un altro trucco per aumentare le proprie vendite. Si avvicinava riempiendo di complimenti la donna dicendo che era bella e che i due sarebbero stati molto felici. C'erano coppie che rispondevano:

– Dici? Ci stiamo lasciando adesso!

Ma il ragazzo non si dava per vinto e in maniera molto seria rispondeva:

– Non esistono grandi amori senza problemi! Un fiore o una rosa nel momento dell’addio... vincono sempre.

Felice, Lumbiá rideva con il suo amico Gunga del bacio passionale tra l'uomo e la donna.

Ele sabia também que não era só homem e mulher que se beijavam. Havia os casais, em que a dupla era formada por semelhantes. Homem com homem. Mulher com mulher. Esses casais não se beijavam em público. Às vezes faziam um carinho rápido nas mãos do outro. Raramente compravam rosas. As mulheres se aventuravam mais. Compravam e ofertavam para a amiga presente. Lumbiá gostava muito de aproximar dos casais semelhantes. Gostava da troca carinhosa que ele às vezes assistia entre esses pares. O beijo era depositado nas mãos, que escorregavam levemente na direção da palma da outra pessoa, ou substituído pela leveza de uma flor-sorriso que se abria na intenção de um lábio a outro. Lumbiá tinha ainda outros truques. Sabia chorar, quando queria. Escolhia uma mesa qualquer, sentava, abaixava a cabeça e se banhava em lágrimas. Sempre começava chorando por safadeza, mas em meio às lágrimas ensaiadas, o choro real, profundo, magoado se confundia. Nas histórias, que inventava nos momentos de choro para comover as pessoas, tinha sempre uma dissimulada verdade. Um dado real da vida dele ou do amigo Gunga se confundia com a invenção do menino. E enquanto chorava o pranto ensaiado para comover os compradores, contava ora sobre a surra que havia levado da mãe, ora pela mercadoria que estava ficando encalhada (e ele precisava retornar para casa com um bom resultado de venda), ou ainda, pelo dinheiro, fruto de seu trabalho, que tinha sido tomado por um menino maior... E aos poucos, em meio às verdades-mentiras que tinha inventado, Lumbiá ia se descobrindo realmente triste, tão triste, profundamente magoado, atormentado em seu peito-coração menino. Havia, porém, uma ocasião em que nada ameaçava os dias gozosos do menino: o advento do Natal. A cidade se enfeitava com luzes que brotavam de todos os cantos. Lâmpadas como fogueiras incendiárias ateavam um falso fogo iluminário sobre as fachadas dos prédios, sobre as árvores, das ruas, dos jardins públicos e privados. Entretanto, não era esse pirotécnico espetáculo que seduzia Lumbiá. Nem o personagem Papai Noel gordo e feliz, com o seu sorriso envidraçado dentro das vitrines. Das árvores de natal, não gostava dos pinheiros iluminados e coloridos. Dos presentes expostos nas vitrines, principalmente os embrulhados, tinha vontade de apanhá-los e amassá-los. Ficava irritado, sabia que tudo eram caixas vazias.

Sapeva che non erano solo gli uomini con le donne a baciarsi. C'erano anche coppie formate da simili: uomo con uomo e donna con donna. Queste non si baciavano in pubblico. Al massimo si facevano delle rapide carezze sulle mani. Raramente compravano rose. Le donne si avventuravano di più: capitava che acquistassero e offrissero la rosa all'amica presente. A Lumbiá piaceva molto avvicinarsi alle coppie simili. Gli piaceva quello scambio affettuoso che a volte vedeva tra loro. Il bacio veniva stampato sulle mani che scivolavano leggermente verso il palmo dell'altra persona o veniva sostituito dalla leggerezza di un sorriso che, come un fiore, sbocciava per raggiungere le labbra dell'altro. Lumbiá aveva anche altri trucchi. Riusciva a piangere a comando. Sceglieva un tavolo a caso, si sedeva, abbassava la testa e iniziava a piangere. Cominciava in maniera spudorata poi, alle lacrime di cocodrillo, si mescolava un vero pianto, profondo e ferito. Nelle storie che inventava mentre piangeva per far commuovere la gente c'era sempre un fondo di verità: un fatto reale della sua vita o del suo amico Gunga si mescolava al racconto inventato dal ragazzo.

E, mentre piangeva lacrime finte per impressionare gli acquirenti, raccontava o delle botte prese dalla madre o delle vendite scarse (e del fatto che lui aveva bisogno di tornare a casa con un buon guadagno), o addirittura del denaro, frutto del suo lavoro, sottrattogli da un bambino più grande... E, a poco a poco, tra la verità e le menzogne che aveva inventato, Lumbiá diventava davvero triste, molto triste, profondamente ferito, tormentato nel proprio intimo.

C'era, tuttavia, un periodo dell'anno in cui niente poteva scalfire i momenti gioiosi del ragazzo: l'avvento del Natale. La città era ornata da luci che spuntavano da ogni angolo. Lampadine simili a fiaccole illuminavano un finto fuoco che, dalle facciate degli edifici, sprigionava il suo bagliore sugli alberi, nelle strade, nei giardini pubblici e privati. Tuttavia non era questo spettacolo pirotecnico che seduceva Lumbiá e nemmeno il personaggio di Babbo Natale grasso, felice e sorridente all'interno delle finestre. Degli alberi di Natale non gli piacevano gli abeti luminosi e colorati. I regali esposti nelle vetrine, specialmente quelli incartati, avrebbe voluto raccogliarli e calpestarli. Era arrabbiato: sapeva che erano tutte scatole vuote!

Só havia uma coisa que o menino gostava no Natal. Um único signo: o presépio com a imagem de Deus-menino. Todos os anos, desde pequeno, em suas andanças pela cidade com a mãe e mais tarde sozinho, buscava de loja em loja, de igreja em igreja, a cena natalina. Gostava da família, da pobreza de todos, parecia a sua. Da imagem-mulher que era a mãe, da imagem-homem que era o pai. A casinha simples e a caminha de palha do Deus-menino, pobre, só faltava ser negro como ele. Lumbiá ficava extasiado olhando o presépio, buscando e encontrando o Deus-menino. Houve um ano em que uma notícia correu: a loja Casarão Iluminado, uma tradicional casa especializada em vendas de iluminárias, abajures, etc., ia armar um presépio no interior da loja. Seria o maior e o mais bonito da cidade. E foi. Lâmpadas piscas-piscas, estrelas pendentes por fios finos e quase invisíveis iluminavam magicamente a paisagem, como se fosse um céu aberto sobre a manjedoura em que estava o Deus-menino. Animais pastavam mansamente sobre a relva, rios amenos cortavam os vales, que circundavam a cabana natalina. Os Reis Magos, os dois brancos, caminhavam um pouco abaixo da estrela-guia. O Rei Negro, aquele que parecia com o tio de Lumbiá, caminhava sozinho um pouco atrás, mas com passos de quem tinha a certeza de que iria chegar. A mãe e o pai de Jesus piedosos resguardando o Deus-menino. Toda a cidade comentava a beleza e a semelhança do presépio com a cena bíblica que narra o nascimento de Jesus. Lumbiá atento ouvia todos os comentários e aguardava a oportunidade de visitar a Belém instalada no interior da loja Casarão Iluminado. Havia, entretanto um problema. Estava proibida a entrada de crianças sozinhas e para ele era quase impossível esperar pelo dia em que a mãe pudesse levá-lo, acompanhá-lo até lá. Na semana anterior Gunga, Beba, Beta, e outros já haviam feito algumas tentativas vãs. Enquanto isso, o tempo corria. Lumbiá já tinha visto todos os presépios das redondezas. Em cada um seu coração batia descompassadamente quando fitava o Deus-menino. Tinha feito várias tentativas de entrar no Casarão, o vigilante vinha e o enxotava. O menino não desistia, ficava rondando de longe, adivinhando a beleza de tudo, do outro lado da calçada. Era um entra-e-sai intenso. A televisão e um jornal tinham falado sobre o presépio, que tinha sido feito por um grande artista.

C'era solo una cosa che amava del Natale, un unico segno: il presepe con l'immagine di Gesù bambino. Tutti gli anni, da quando era piccolo, andando in giro per la città, prima con sua madre poi, più tardi, da solo, cercava di negozio in negozio, di chiesa in chiesa, la scena del Natale. Gli piaceva quella famiglia in cui tutti erano poveri, gli ricordavano la sua: la figura della donna, che era la madre, l'uomo, che era il padre, la piccola e semplice casa e la stalla di paglia del povero bambin Gesù a cui mancava solo l'essere nero come lui. Lumbiá restava incantato quando guardava il presepe cercando e poi trovando il bambin Gesù. Ci fu un anno in cui si era diffusa una notizia: il negozio *Casarão Iluminado*, un'azienda tradizionale specializzata in vendita di luci, lampade, ecc., avrebbe creato un presepe all'interno del negozio. Sarebbe stato il più grande e il più bello della città. Ed effettivamente fu così. Le lucine intermittenti e le stelle che pendevano da fili sottili, quasi invisibili, magicamente illuminavano il paesaggio come se ci fosse un cielo aperto sopra la mangiatoia in cui stava Gesù bambino. Gli animali pascolavano dolcemente sull'erba, rii ameni separavano le valli che circondavano la capanna di Natale. I Re Magi, i due bianchi, camminavano seguendo la stella cometa che li guidava. Il Re Nero, quello che assomigliava allo zio di Lumbiá, camminava da solo un poco più indietro ma con l'andatura sicura di chi ha la certezza di poter giungere a destinazione. La madre e il padre misericordiosi proteggevano il Bambino. Tutta la città commentava la bellezza e la somiglianza del presepe con la scena biblica che racconta la nascita di Gesù. Lumbiá ascoltava attentamente tutti i commenti e aspettava l'opportunità di visitare la Betlemme situata all'interno del negozio *Casarão Iluminado*. C'era però un problema: era vietato l'ingresso ai bambini non accompagnati ed era quasi impossibile per lui aspettare il giorno in cui sua madre lo avrebbe portato e accompagnato fin lì. La settimana precedente Gunga, Beba, Beta e altri avevano già fatto alcuni tentativi vani. Intanto il tempo scorreva. Lumbiá aveva già visto tutti i presepi dei dintorni. Alla vista del bambin-Gesù in ognuno di quei presepi il suo cuore batteva forte. Aveva fatto diversi tentativi per entrare al *Casarão* ma il vigilante se ne accorgeva e lo mandava via. Tuttavia il ragazzo non si arrese: continuava a controllare da lontano cercando di immaginarsi tutta la bellezza che avrebbe trovato all'interno del negozio pur restando dall'altra parte del marciapiede. C'era un intenso viavai. La televisione e un giornale avevano parlato di quel presepe dicendo che era stato fatto da un grande artista.

O dia caminhava para seis da tarde, vinte e três de dezembro. O menino aguardava ali desde as nove da manhã. Em sua viagem costumeira do subúrbio para o centro da cidade, se distanciou de Gunga e da irmã. Tinha flores nas mãos, rosas amarelas. Havia combinado com o amigo que venderiam flores, mas aquelas ele daria para o Menino Jesus e também poria algumas nas mãos do Rei Baltasar. Fazia frio, muito frio, era um dia chuvoso. Tinha a roupa colada sobre o frágil corpo a tremer de febre. A loja já estava para fechar. As vendas tinham cessado desde o dia anterior. O Casarão Iluminado abrira naquele dia só para visitação pública ao presépio. Precisava chegar até lá. Como? Já tinha feito várias tentativas, sendo sempre expulso pelo segurança. Ia arriscar novamente. Em dado momento aproximou-se devagar. Ninguém na porta. Mordeu os lábios, pisou leve e, apressado, entrou. L  estava o Deus-menino de braços abertos. Nu, pobre, vazio e friorento como ele. Nem as luzes da loja, nem as falsas estrelas conseguiam esconder a sua pobreza e solidão. Lumbiá olhava. De braços abertos, o Deus-menino pedia por ele. Er  queria sair dali. Estava nu, sentia frio. Lumbiá tocou na ima gem,   sua semelhança. Deus-menino, Deus-menino! Tomou-a rapidamente em seus braços. Chorava e ria. Era seu. Saiu da loja levando o Deus-menino. O segurança voltou. Tentou agarrar Lumbiá. O menino escorregou ágil, pulando na rua. O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Er , Jesus Menino. Amassados, massacrados, quebrados!

Il tempo scorreva ed erano circa le sei di sera del ventitré dicembre. Il ragazzino era lì dalle nove del mattino. Nel suo solito tragitto dalle periferie al centro della città si allontanò da Gunga e dalla sorella.

Aveva dei fiori tra le mani, delle rose gialle. Si era accordato con il suo amico che avrebbero venduto i fiori ma che quelli li avrebbe donati al Bambino Gesù e ne avrebbe anche messi alcuni nelle mani di Re Baldassarre. C'era freddo, molto freddo, era una giornata piovosa. Aveva i vestiti incollati al suo corpo fragile e tremava per la febbre. Il negozio stava per chiudere. Le vendite erano cessate già dal giorno prima. Il *Casarão Iluminado* quel giorno era stato aperto solo per la visita del pubblico al presepe. Doveva riuscire ad andarci. Come? Aveva già fatto diversi tentativi ma era stato sempre espulso dalla sicurezza. Avrebbe rischiato di nuovo. A un certo punto si avvicinò lentamente. Non c'era nessuno alla porta. Si morse il labbro, si avvicinò leggermente e, in un lampo, entrò. C'era Gesù bambino con le braccia aperte. Nudo, povero, senza niente e infreddolito come lui. Né le luci del negozio né le finte stelle potevano nascondere la sua povertà e la sua solitudine. Lumbiá lo guardava. Con le braccia aperte, il bambino Gesù pregava per lui. Voleva uscire da lì. Era nudo, sentiva freddo. Lumbiá toccò quella figura che gli somigliava: "Gesù bambino, Gesù bambino!". Lo prese rapidamente fra le braccia. Piangeva e rideva. Era suo. Lasciò il negozio portandolo con sé. L'uomo della sicurezza era tornato. Cercò di prendere Lumbiá ma il ragazzo sgattaiolò via agilmente, fuggendo in strada. L'allarme! L'auto! Lumbiá! Ladrunco! Bambino! Piccolo incosciente: Gesù Bambino! Schiacciato, massacrato, distrutto!

3.12 Os amores de Kimbá

Kimbá acordou às cinco e quarenta e nove da manhã. Levantou rápido da cama e olhou o tempo. O céu já andava claro e um bruto sol ameaçava penetrar em tudo. Um dia ensolarado prometia acontecer. Sentiu-se mais aliviado. Detestava chuva. Chuva na favela era um inferno. O barro e a bosta se confundiam. Os becos que circundavam os barracos se tornavam escorregadios. As crianças e os cachorros se comprimiam dentro de casa. As mães passavam o dia inteiro gritando para que os Zezinhos se sossegassem. Antes, ele fora também Zezinho. Kimbá foi o apelido que um amigo rico, viajado por outras terras, lhe dera. O amigo notou a semelhança dele com alguém que ele havia deixado na Nigéria. Então, para matar as saudades que sentia do amigo africano, rebatizou Zezinho com o nome do outro. O brasileiro seria o Kimbá. Zezinho gostou mais do apelido do que do próprio nome. Sentiu-se mais em casa com a nova nomeação. Olhando e sentido o dia, Kimbá por um instante teve o desejo de deitar novamente. Era preciso, entretanto, movimentar a vida até à morte. Esse pensamento foi acompanhado de um movimento tão brusco, que o eco de seus gestos agrediu o sono de quem dormia no quarto ao lado, vizinho ao seu. Vó Lidumira, a velha sentinela, que durante toda a noite, aflitivamente murmurou rezas, tossiu seco e pigarreou uma ave-maria. As duas irmãs de Kimbá, que igualmente ali dormiam, semidespertadas pelo acordar do rapaz, disputaram mais uma vez o único travesseiro, em que juntas aninhavam a cabeça. Sua mãe e suas tias, também contaminadas pelo movimentar do moço, lá do outro lado da parede, estremeceram, cada uma por sua vez, mas como se tivessem sido atravessadas por uma mesma e fina lâmina de aço, da cabeça aos pés. Kimbá olhou comovido para o irmão mais velho que dormia ali no mesmo quarto com ele. Gostava do mais velho. Coitado do Raimundo! Sempre bêbado e sempre querendo mais e mais cachaça. Observou a imobilidade do outro e riu de sua própria agilidade, de seus movimentos sem direção, sem alvo certo. Levantou, e de pé sentiu melhor o seu corpo. Era alto. Espichando o braço, ultrapassava o telha.

Gli amori di Kimbá

Kimbá si svegliò alle cinque e quarantanove del mattino. Scese velocemente dal letto e guardò il tempo fuori. Il cielo era chiaro e un sole forte “minacciava” di permeare tutto: si profilava una giornata soleggiata. Si sentì più sollevato, odiava la pioggia. La pioggia nella favela era un inferno: il fango e la merda si confondevano. I vicoli che circondavano le baracche diventavano scivolosi. I bambini e i cani si rinchiudevano in casa. Le madri passavano l’intera giornata urlando agli *Zezeinhos*⁹ di calmarsi. Tempo prima, anche lui era stato *Zezeinho*. Kimbá era un soprannome che gli aveva dato un suo amico ricco che aveva viaggiato molto. L'amico aveva notato la sua somiglianza con un ragazzo conosciuto in Nigeria. Quindi, per vincere la nostalgia che provava nei confronti dell’amico africano, ribattezzò *Zezeinho* con il nome di un altro: Kimbá. A *Zezeinho* piaceva più il soprannome che il suo vero nome. Si sentiva “a casa” con il suo nuovo epiteto. Scrutando il cielo Kimbá ebbe per un attimo il desiderio di sdraiarsi di nuovo. Era tuttavia necessario darsi da fare in vita almeno fino alla morte. A quel pensiero seguirono gesti così improvvisi che la loro eco interruppe il sonno di quelli che dormivano nella stanza accanto. Nonna Lidumira, la vecchia sentinella, che per tutta la notte recitava preghiere solennemente, tossì secca e si schiarì la gola con un'Ave Maria. Le due sorelle di Kimbá che dormivano lì anche loro, disturbate dal trambusto creato dal ragazzo che si era svegliato, si contesero ancora una volta l'unico cuscino su cui, insieme, appoggiavano la testa. Sua madre e le sue zie, anche loro infastidite dalla confusione creata dal ragazzo dall'altra parte del muro, iniziarono a scuotersi come se fossero state attraversate da una lama di acciaio sottile dalla testa ai piedi. Kimbá guardò commosso il fratello maggiore che dormiva con lui nella stessa stanza. Gli piaceva quel “vecchio”. Povero Raimundo! Sempre ubriaco e con sempre più voglia di *cachaça*! Osservò l'immobilità degli altri e si sentì fiero della sua capacità di muoversi agilmente pur senza una direzione e senza un giusto scopo. Si alzò e si rese conto di quanto fosse alto: allungando il braccio, arrivava oltre la piastrella.

⁹ *Zezeinhos*: bambini senza nome, bambini di strada.

Tinha conseguido sair do barraco. Deixar tudo para trás. Todos os dias pensava que não conseguiria. Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado lá fora no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geléia de mocotó, o pão comprado ali mesmo na tendinha. Detestava a voz alta e forte da mãe, as rezas de Vó Lidumira, os cuidados das tias e os olhares curiosos das irmãs. As irmãs viviam perguntando tudo. Aonde ele ia? De onde ele vinha? Com quem ele saía? Perguntavam tudo em silêncio. Olhavam para ele de cima a baixo, e o olhar delas parava justamente ali. Um dia ele estava com a braguilha aberta e só percebeu quando os olhares das duas pararam direto ali, mexendo com o pudor dele. Envergonhado, puxou o zíper. Porém, não tinha nada a temer, o membro dormia esquecido, macio. Ele detestava também ter de ser dois, três, vários talvez. Dava trabalho mudar o rosto, o corpo, mudar até o gosto. Seria tão bom se ele pudesse ser só ele. Mas o que era ser ele? Era ser o Zezinho? Era ser o Kimbá? Zezinho cresceu solto pelos becos do morro. Empinava pipas, vendia picolé, aprendia um pouco das coisas da escola. Ganhava uns trocados da mãe e das tias. Brigava com as irmãs. Provava de vez em quando uns goles de pinga do irmão, que já naquela época bebia muito. Zezinho gostava de jogar capoeira. Vovó Lidumira pegava o rosário e ficava rezando-rezando, enquanto ele atacava um inimigo imaginário. Ela rezava pedindo a Senhora do Rosário que protegesse o menino. Estava chegando o tempo de guerra, dizia Vovó Lidumira. Zezinho ria. Jogava capoeira até se cansar. Depois entrava no tanque e se banhava. Saía fresco e calmo. Descia o morro e ia encontrar os amigos. Ele não gostava de seus colegas vizinhos, gostava da turma lá de baixo. No meio deles, os lá de baixo, ele, Zezinho, era o diferente. Era o que jogava capoeira, o que morava no morro, o que contava as histórias. Era ouvido sempre. Frequentava a casa de alguns sonhando com o dia em que teria tudo como eles. Kimbá ia se distanciando do morro. Caminhava com passos seguros, tranquilos. A miséria e tudo que detestava tinha ficado para trás. Enfiou a mão no bolso, tocou na carteira que Beth tinha lhe trazido do exterior. Beth gostava dele e ele estava gostando também da mulher.

Era riuscito ad andarsene dalla baracca e a lasciarsi tutto alle spalle. Non immaginava che un giorno ce l'avrebbe fatta! Detestava la povertà, la mancanza di comodità, il fosso che diffondeva l'odore della merda. Detestava il suo viso lavato là fuori con la tanica, il caffè nel barattolo vuoto che prima conteneva la gelatina di *Mocotó*, il pane comprato sempre lì nella piccola baracca. Detestava la voce tonante di sua madre, le preghiere di nonna Lidumira, le attenzioni delle zie e gli sguardi indiscreti delle sorelle: quelle due vivevano spettegolando su tutto. Dove stava andando? Da dove era venuto? Con chi si era incontrato? Volevano sapere tutto di lui pur restando in silenzio, lo guardavano dall'alto al basso e il loro sguardo si fermava proprio lì. Un giorno si era dimenticato la cerniera dei pantaloni aperta e se ne accorse solo perché gli occhi delle due sorelle si fermarono in quel punto prendendo in giro le sue parti intime. Imbarazzato, tirò su la cerniera anche se non aveva niente da temere: il suo membro dormiva dimenticato, morbido. Odiava anche di dover essere al contempo due, tre persone o forse anche di più: era complicato cambiare faccia, corpo e persino gusto. Sarebbe stato bello poter essere solo se stesso! Ma qual era lui? Era *Zezinho*? Era Kimbá? *Zezinho* era cresciuto libero tra i vicoli delle baracche. Faceva volare gli aquiloni, vendeva ghiaccioli, imparava un po' di cose di scuola. Riceveva anche una paghetta dalla mamma e dalla zia. Giocava con le sue sorelle. Qualche volta assaggiava uno dei liquori di suo fratello, che già allora beveva molto. *Zezinho* amava ballare la capoeira. La nonna Lidumira stringeva il rosario e pregava sempre quando lui fingeva l'attacco di un nemico immaginario. Pregava chiedendo alla *Senhora do Rosário* di proteggere il ragazzo. "Sta arrivando la guerra" diceva nonna Lidumira. *Zezinho* rideva. Ballava la capoeira finché non si stancava poi s'immergeva nella bacinella e si lavava. Ne usciva pulito e rinfrancato. Scendeva dalla collina per incontrarsi con i suoi amici. Non gli piacevano i suoi vicini di casa, preferiva il gruppo di ragazzi laggiù. Con loro, quelli laggiù, lui, *Zezinho*, era il "diverso": era quello che ballava la capoeira, quello che abitava sulla collina, quello che raccontava storie. Lo ascoltavano sempre. Frequentava la casa di alcuni di loro sognando il giorno in cui anche lui avrebbe avuto tutto. Kimbá cercava di allontanarsi dalla collina. Camminava con passi sicuri e tranquilli. La miseria e tutto quello che detestava li aveva lasciati indietro. Infilò la mano in tasca, toccò il portafogli che Beth gli aveva portato dall'estero. A Beth piaceva lui e a lui piaceva lei.

Foi o amigo que lhe batizara com o nome africano que fizera as apresentações. Ela era prima do amigo, talvez. Na noite em que se conheceram, tinha acontecido um encontro bom, gostoso e cheio de safadezas. Os dois, ele e o amigo, tinham ido à casa de Beth. O amigo falava sempre dela. Estavam bebendo na sala, quando a mulher se levantou, pediu licença e foi ao banheiro. Voltou logo após, nua. Nuazinha! O amigo começou a beijá-la e acariciá-la. Aos poucos foi tirando a roupa também. Ficaram os dois naquela louca brincadeira. O homem já estava pronto, prontinho para penetrar na mulher. Kimbá estava louco também. Tinha vergonha e desejos por todo o corpo. Estava assentado, parado, duro, de tempo em tempo cruzava e descruzava as pernas. O amigo veio caminhando lentamente em sua direção. Abriu a camisa e a calça dele beijando-lhe avidamente o membro ereto. Kimbá se assustou. Depois o amigo pegou-lhe pelo braço e o empurrou em direção da mulher. Beth abraçou-lhe buscando o seu corpo com firmeza. O amigo regozijou. Riu, riu e riu. Kimbá esqueceu o outro, esqueceu de si próprio e se lançou dentro dela. Quando se percebeu novamente, estavam os três deitados no chão. O homem calmo, satisfeito como ele e a mulher. E só então, se viu e sentiu nu. Comparou o negrume de seu corpo com a alvura dos corpos dos dois. Achou tudo muito bonito. Queria se vestir, porém. Suas roupas estavam na poltrona, um pouco distante. E agora, como caminhar na frente dos dois? Queria se levantar e não sabia como. O amigo e a mulher se levantaram por ele e se encaminharam para o banheiro. Quando voltaram, Kimbá estava de pé, vestido no meio da sala. Queria ir embora, já era tarde. Precisava subir o morro. Os dois insistiram para que ele ficasse. Não, não podia ficar mesmo. O amigo perguntou se ele queria dinheiro para o táxi. Não queria. Gostava de andar à pé pela madrugada. Kimbá saiu daquele encontro de corpo leve. Não sabia, porém, se estava feliz ou infeliz. Já tinha ouvido falar de pessoas que transavam juntas, mas pensava que fosse caso de cinema. Não sabia porque tinha feito aquilo. A mulher tinha um corpo bonito. Cheirava a perfumes e a sabonete. E o amigo? O que deu no amigo? Quando pensou que o amigo fosse penetrar na mulher, eis que o homem se levanta, vai atrás dele, abre a roupa dele e ainda por cima beija o membro dele! Será que o amigo era? Será que era? E agora, o que ele ia fazer? Gostava tanto dele. Frequentava a casa dele, saía com ele às vezes. Conhecera algumas amigas e amigos deles. Nunca havia percebido nada.

L'amico che gli aveva dato il soprannome africano li aveva fatti conoscere. Forse lei era la cugina dell'amico. La sera in cui si erano conosciuti era stato un incontro bello, piacevole e pieno di porcate.

Lui e il suo amico erano andati a casa di Beth. Quello parlava sempre di lei. Stavano bevendo in salotto quando la donna si alzò, si scusò e andò in bagno. Poco dopo ritornò ma nuda, completamente nuda! L'amico cominciò a baciarla e accarezzarla. A poco a poco iniziò a togliersi i vestiti. Entrambi finirono coinvolti in quel pazzo gioco. L'amico era già pronto per penetrare la donna. Anche Kimbá era folle di passione. Provava vergogna e desiderio in tutto il corpo. Era seduto immobile, rigido e di tanto in tanto accavallava e distendeva le gambe. L'amico si avvicinò lentamente verso di lui. Gli aprì la camicia, gli sbottonò i pantaloni e si mise a baciargli il pene eretto avidamente. Kimbá si mostrò sorpreso. Poi lui lo prese per un braccio e lo spinse verso la donna. Beth avvolse le braccia intorno al suo corpo e lo strinse con fermezza. L'amico si rallegrò e rideva continuamente. Kimbá si dimenticò dell'altro, dimenticò se stesso e si gettò dentro di lei. Quando si riprese i tre erano sdraiati sul pavimento. L'altro uomo era calmo e soddisfatto come lui e la donna. Solo a quel punto si vide e si sentì nudo. Confrontò il nero del suo corpo con la bianchezza dei corpi degli altri due. Trovò tutto questo molto bello ma voleva rivestirsi. I suoi vestiti erano sulla poltrona, un po' lontani. E ora, come camminare di fronte a quei due? Voleva alzarsi ma non sapeva come. Il suo amico e la donna si alzarono e si diressero verso il bagno. Quando tornarono Kimbá era in piedi, vestito e in mezzo alla stanza. Voleva andarsene: era tardi. Doveva salire sulla collina. I due insistettero affinché rimanesse. No, non poteva restare! L'amico gli chiese se voleva soldi per il taxi. No, non li voleva. Gli piaceva camminare all'alba. Kimbá uscì più leggero da quell'incontro di corpi. Non sapeva però se fosse felice o infelice. Aveva sentito parlare di persone che avevano fatto sesso insieme ma pensava fossero cose da film. Non sapeva perché lui l'avesse fatto. La donna aveva un bel corpo e odorava di profumo e sapone. E l'amico? Cos'era successo all'amico? Quando credeva che il suo amico stesse per penetrare la donna ecco, l'uomo si era alzato, era andato da lui, gli aveva tolto i vestiti e baciato il suo pene! Non sarà forse che l'amico era... Sarà che forse era... E adesso, cosa avrebbe fatto? Gli piaceva il suo amico. Frequentava casa sua e usciva a volte con lui. Aveva conosciuto alcuni suoi amici e amiche ma non aveva mai notato niente.

Será que o homem ia dar em cima dele? Quando Kimbá empurrou a porta do barraco em que morava, já era madrugada alta, quase manhã. Pode escutar o ressonar da avó, da mãe, das tias e das irmãs. Seu irmão, Raimundo, roncava alto. Da boca aberta exalava um hálito de cachaça. Virou o irmão com cuidado, o ronco diminuiu. Sentiu em seu próprio corpo o cheiro da mulher. Vestiu o calção e foi lá fora no tanque. Pegou um pedaço de sabão de coco, ligou a borracha e começou a se ensaboar. Tinha se acostumado com o sabão de coco. Não gostava de fragrância de sabonete em si próprio. Depois veio para a cama. Segunda-feira, o dia já rompia. Kimbá não conseguiu dormir. Nas horas seguintes não se levantou. Não desceu o morro. Não foi ao supermercado trabalhar. Beth possuía Kimbá querendo ter certeza de que o homem era seu. Sabia dele com Gustavo, aliás, o conhecera por meio dele. Há muito que o amigo nutria uma paixão, um desejo intenso por Kimbá, mas não tinha tido a coragem de abordá-lo. No dia em que Gustavo falou que ia apresentá-la a um negro lindo, Beth não se entusiasmou. Estava cansada dos exageros dele. Mas com poucos encontros, no primeiro talvez, ficara apaixonada. Uma coisa estava lhe preocupando. Tinha de resolver esta questão sozinha. Não podia esquecer que entre ela e Gustavo havia um acordo tácito. Nada de ciúmes, nada de disputa entre os dois, caso um se envolvesse com o parceiro do outro. Mas com Kimbá estava sendo diferente. Não suportava pensar nele deitado recebendo e dando carinhos a alguém que não fosse ela. E o pior é que, ele que antes ficava tão sem jeito na situação, agora parecia transitar, viver, fazer amor naturalmente com os dois. Kimbá jogou a água e sabão no chão esfregando violentamente a sujeira como se estivesse com raiva. Estava mesmo. Estava cansado do dia a dia no supermercado e da noite a noite com Beth e o amigo. Não aguentava mais. Ou era o amigo ou era Beth. Eles lhe dariam tudo, caso ele quisesse. Tanto um como o outro já lhe haviam feito a proposta, para que ele deixasse de trabalhar e fosse morar em casas deles. Era tentador. Deixar a favela. Deixar a miséria. Deixar a família. As rezas de Vó Lidumira lhe irritavam profundamente. A velha rezava por tudo e por nada. E ele não via milagre algum. Não via nada de bom acontecer com ela ou com a família. A avó nascera de mãe e de pai que foram escravizados. Ela já era filha do “Ventre Livre”, entretanto vivera a maior parte de sua vida entregue aos trabalhos em uma fazenda.

Sarà che l'uomo ci voleva provare con lui? Quando Kimbá aprì la porta della baracca in cui viveva era mattina inoltrata. Si sentiva il russare della nonna, della madre, delle zie e delle sorelle. Suo fratello Raimundo russava più forte. Dalla sua bocca aperta usciva odore di *cachaça*. Kimbá lo girò su un fianco con attenzione e il russare diminuì. Sentiva ancora il profumo della donna sul proprio corpo. Si mise dei pantaloncini, uscì e si infilò nella bacinella. Prese un pezzo di sapone di cocco e incominciò ad insaponarsi. Si era ormai abituato al sapone di cocco anche se di per sé non ne amava la fragranza. Poi tornò a letto. Il lunedì stava già incombando. Kimbá non riusciva a dormire ma, nelle ore successive, decise di non alzarsi comunque. Non scese giù dalla collina e non andò a lavorare al supermercato. Beth era stata con Kimbá perché voleva assicurarselo come suo. Sapeva di lui e Gustavo dato che lo aveva conosciuto grazie a lui. Il suo amico provava da tempo una forte attrazione e una passione per Kimbá ma non aveva avuto il coraggio di avvicinarsi. Il giorno in cui Gustavo le disse che le avrebbe presentato un bel ragazzo nero Beth non ne fu entusiasta, stanca anche delle sue esagerazioni. Ma, dopo pochi incontri, o forse già al primo, se ne innamorò. Una cosa la preoccupava e avrebbe dovuto risolvere la questione da sola: non poteva dimenticare il tacito accordo tra lei e Gustavo. Nessuna gelosia, nessuna lite nel caso in cui uno si fosse messo con il partner dell'altro. Ma con Kimbá era diverso. Non riusciva a pensarlo coricato mentre riceveva le carezze di qualcun altro che non fosse lei. E la cosa peggiore era che lui, che all'inizio era così imbarazzato dalla situazione, ora sembrava completamente a suo agio nel trascorrere del tempo a vivere e fare l'amore con entrambi. Kimbá gettò il sapone e l'acqua sul pavimento strofinando via la sporcizia violentemente come se fosse arrabbiato. E lo era davvero. Era stanco di passare tutti i giorni al supermercato e tutte le notti con Beth e il suo amico. Non ce la faceva più: o l'amico o Beth. Gli avrebbero dato tutto se solo lui avesse voluto! Entrambi gli avevano già proposto di lasciare il lavoro e di trasferirsi nelle loro case. Era tentato: lasciare la favela, lasciare la miseria, lasciare la famiglia. Le preghiere di Vó Lidumira lo irritavano profondamente. La vecchia pregava per tutto e per niente e lui non aveva mai visto alcun miracolo: non era mai accaduto nulla di buono a lei o alla sua famiglia. La nonna era nata da una madre e un padre che erano stati schiavi, era una figlia del "Ventre Libero" anche se aveva trascorso la maggior parte della sua vita a lavorare in una fattoria.

A mãe e as tias passaram a vida se gastando nos tanques e nas cozinhas das madames. As irmãs iam por esses mesmos caminhos. E ele, ele mesmo, estava ali, naquele esfrega-esfrega de chão de supermercado. Kimbá estava gostando de Beth. Tinha vergonha deste sentimento. Não sabia como ajeitar a mulher dentro e fora do peito. Não poderia dizer para ninguém, muito menos para Gustavo. O amigo levava tudo na brincadeira. Até a amizade dos dois parecia uma brincadeira. Não seria ele que iria estragar tudo dizendo que estava gostando da moça. Havia o pior ainda. Ela era de um mundo que diziam não ser o dele. Gustavo também era das “altas”, como dizia ele próprio às vezes, quando se referia às desavenças que tinha com os pais. Ele não podia esquecer isto. Tinha de transar no meio dos dois e ter cuidado, muito cuidado. Kimbá achava Beth muito diferente das mulheres que ele conhecera até então. Era diferente da avó, da mãe, das tias e das irmãs. Era diferente de todas as mulheres que ele conhecera na favela e no trabalho. Diferente em tudo. Desde a maneira de fazer a coisa, como na de se vestir depois. Tudo na mulher parecia ensaiado. Tinha posse para sentar, para levantar, para comer, para se sentar no vaso... Um dia ele viu a mulher sentada para fazer xixi ou cocô. Ela estava com o corpo ereto, como se estivesse em um trono. Kimbá às vezes achava que Beth era inventada, fabricada para bulir com os sentimentos, com os desejos e com a vida dele. O amigo de Kimbá tinha certeza de que o homem não era seu. Sabia dele com Beth. Kimbá ficava com ele por amizade ou interesse talvez. Sabia que se ele tivesse de fazer uma escolha, optaria pela mulher. Sentiu um misto de ciúmes e mágoa. Afinal tinha sido ele que havia apresentado Kimbá para a amiga. Sabia também que não era justo ficar magoado com ela e com Kimbá muito menos. Nenhum dos três tinha previsto sentimentos que pudessem mudar a situação. Jamais havia pensado em se apaixonar por Kimbá e agora estava ali, desinteressado de tudo e de todos, pensando só no homem, tal qual namoradinho envolvido pelo primeiro amor. E agora o que fazer? Que rumos tomar ou dar aquilo tudo? Como falar com Kimbá? Como mostrar ao rapaz no que tinha dado a brincadeira... Kimbá caminhava firme em direção à casa de Beth. Sabia que ela e Gustavo esperavam por ele. Tinham combinado tudo na noite anterior. Tinham colocado o dedo na ferida. Beth estava apaixonada por ele. Ele estava apaixonado por Beth. O amigo estava apaixonado por ele. Estavam tentando viver. Beth tinha dinheiro.

La madre e le zie avevano vissuto logorandosi nelle vasche e nelle cucine delle signore. Le sorelle erano cresciute allo stesso modo. E lui, lui stesso, era lì, in quel supermercato a pulire il pavimento. A Kimbá piaceva Beth e si vergognava di questo sentimento. Non sapeva che posto darle nel suo cuore. Non poteva dirlo a nessuno, men che meno a Gustavo. Il suo amico prendeva tutto con leggerezza. Anche la loro amicizia sembrava un divertimento e non sarebbe di certo stato lui a rovinare tutto dicendo che gli piaceva la ragazza. La cosa peggiore era che lei veniva da un mondo che si diceva essere diverso dal suo. Anche Gustavo proveniva da un ceto alto come lui stesso ricordava quando si parlava delle divergenze avute con i rispettivi genitori. Non poteva dimenticarlo. Doveva scopare in mezzo a quei due e stare attento, molto attento. Kimbá trovava Beth molto diversa dalle donne che aveva conosciuto fino ad allora. Era diversa dalla nonna, dalla madre, dalle zie e dalle sorelle. Era diversa da tutte le donne che aveva incontrato nella favela e sul lavoro. Diversa in tutto: sia nel modo di fare le cose sia nel vestirsi. Tutto in quella donna sembrava studiato: quando si sedeva, quando stava in piedi, quando mangiava, quando si sedeva sul water... Un giorno la vide seduta per fare la pipì o la cacca. La sua schiena era dritta come se fosse su un trono. Kimbá a volte pensava che Beth fosse finta, fabbricata apposta per smuovere i suoi sentimenti, i suoi desideri e la sua vita. Gustavo era certo che Kimbá non fosse il suo uomo. Sapeva di lui e Beth. Kimbá stava con lui per amicizia o forse interesse. Sapeva che, se avesse dovuto scegliere, avrebbe scelto la donna. Sentì un misto di gelosia e dolore. Dopotutto, era lui che aveva presentato Kimbá all'amica. Sapeva anche che non era giusto essere arrabbiato con lei e men che meno con Kimbá. Nessuno dei tre aveva previsto sentimenti che avrebbero potuto cambiare la situazione e non avevano mai pensato di innamorarsi di Kimbá: invece adesso era lì, disinteressato a tutto e tutti, pensando soltanto a quell'uomo come un fidanzatino al suo primo amore.

E ora che fare? Che strada prendere? Confessargli tutto? Come parlare con Kimbá? Come spiegare al ragazzo che non era più soltanto un gioco?... Kimbá si dirigeva con decisione verso la casa di Beth. Sapeva che lei e Gustavo lo aspettavano. Avevano organizzato tutto la notte prima. Avevano messo il dito nella piaga. Beth era innamorata di lui, lui era innamorato di lei e il suo amico era innamorato di lui. Stavano cercando di vivere. Beth aveva i soldi.

O amigo, dinheiro e fama. Kimbá, a noite e o dia. A decisão seria, portanto, de Kimbá, que não tinha nada a perder. Só a vida. Era só ele querer. Já que não estava dando para viver, por que não procurar a morte? Seria fácil. Primeiro Beth, depois o amigo e em seguida ele. A morte selaria o pacto de amor entre eles. A morte pelo amor dos três. Ao acordar as cinco e quarenta e nove da manhã, Kimbá já tinha a vida acertada. Vó Lidumira, a velha sentinela, insistia em suas rezas, tinha o rosário nas mãos e murmurava padre-nossos, ave-marias e salve-rainhas. Kimbá não queria mais nada do céu, da terra ou do inferno. Ele sabia que o seu dia estava rompendo. Seria preciso coragem, muita coragem. Se as orações de Vó Lidumira nunca valeram nada, agora era o que menos valia. Detestou, profundamente, mais uma vez, a avó. Kimbá caminhava firme, estava chegando. Parou na porta do prédio olhando tudo. Sorriu para o porteiro. O elevador demorou. Subiu a pé até ao nono andar. Beth e o amigo já esperavam por ele. Estavam os dois nus. Kimbá tirou lentamente a roupa e se sentou. Os copos já estavam preparados. Ele, com um ligeiro tremor de mãos, ofereceu o primeiro copo à mulher. O segundo ofertou ao amigo. Ao pegar o terceiro copo, o dele, teve um breve desejo de recuo. Beth e Gustavo já estavam deitados no chão à espera do mais nada. Kimbá procurou algum motivo de vida. Os amigos estavam na quase morte. Sorveu de uma única vez a sua porção e se deitou ali no meio, para esperar com eles também.

Gustavo i soldi e la fama. Kimbá soltanto la notte e il giorno per riflettere. La decisione, quindi, era per Kimbá che non aveva niente da perdere se non la vita. Solo lui poteva scegliere. Dal momento che non stava facendo granché per vivere perché non cercare la morte? Sarebbe stato più facile. Prima Beth, poi l'amico, poi lui. La morte avrebbe sigillato l'alleanza d'amore tra loro, la morte per suggellare l'amore dei tre. Quando Kimbá si svegliò alle cinque e quarantanove del mattino aveva già preso la sua decisione. Nonna Lidumira, la vecchia sentinella, continuava con le sue preghiere, aveva il rosario tra le mani e recitava il Padre Nostro, l'Ave Maria e Salve Regina. Kimbá non voleva più niente dal cielo, dalla terra o dall'inferno. Sapeva che il suo giorno stava arrivando. Sarebbe servito coraggio, un sacco di coraggio. Se le preghiere di nonna Lidumira non erano mai servite a nulla ora men che meno. Ancora una volta odiò profondamente la nonna. Kimbá camminava deciso, stava giungendo a destinazione. Si fermò davanti alla porta dell'edificio osservando tutto per un'ultima volta. Sorrise al portiere. L'ascensore ritardava quindi salì a piedi fino al nono piano. Beth e il suo amico lo stavano aspettando. Erano entrambi nudi. Kimbá si tolse lentamente i vestiti e si sedette. I bicchieri erano già pronti. Con una mano leggermente tremante offrì alla donna il primo bicchiere e porse il secondo all'amico. Nel prendere il terzo bicchiere, il suo, per un attimo sembrò voler rinunciare. Beth e Gustavo erano già sdraiati sul pavimento e non vedevano l'ora di... Kimbá cercava qualche ultimo spiraglio di vita. Gli amici erano vicini alla morte. Bevve in un sol sorso il suo bicchiere e si coricò ad aspettare in mezzo a loro.

3.13 Ei, Ardoca

O barulhar seco e cortante do trem irritava os ouvidos de Ardoca. O atrito da máquina nos trilhos ecoava constantemente no fundo de seus tímpanos. Aos domingos, dentro de casa, no silêncio da mulher, nas vozes e brincadeiras dos filhos, ele ouvia o grito arranhado do aço espichado sobre o solo. Grito lancinante e cortante debaixo do comboio pesadão que parecia massacrar a linha férrea inerte. Ardoca nascera quase que dentro daquela máquina. Sua mãe, moradora do subúrbio, fazia a viagem diária rumo ao trabalho. Ela grávida, ele estufando na barriga materna respondia aos solavancos do trem com chutes internos. Depois, cá fora, no mundo, no colo da mãe, acordava e chorava durante todo o tempo da viagem. Cresceu em meio aos solavancos, ao empurra-empurra, aos gritos dos camelôs, às rezas dos crentes, às vozes dos bêbados, aos lamentos e cochilos dos trabalhadores e trabalhadoras cansados. Assistiu inúmeras vezes, como testemunha cega e muda, a assaltos, assassinatos, tráfico e uso de droga nos vagões superlotados. A cada viagem, Ardoca mais estranhava e desacostumava à vida do trem. Queria viajar com o mesmo descuido de alguns que jogavam porrinha ou dormiam durante o percurso, mas permanecia sempre desesperadamente acordado. Estava sempre atento, tenso, como se o trem, a qualquer momento, pudesse autocolidir, se autoembarafunhar, fazendo com que o último vagão se fechasse em círculo sobre o primeiro e soltasse tudo pelos ares. E foi então, que em uma tarde, Ardoca caminhou com passos lentos em direção a estação. Era sábado. O movimento menor de passageiros não garantiu porém a possibilidade de um lugar vazio. Ele se sentia cansado por todos os dias, todos os trabalhos, e por toda a vida. Entrou na fila para a compra do bilhete. O funcionário deu-lhe o troco. Ardoca com um gesto recusou. Olhou o trem, a composição pareceu-lhe mais longa ainda. Subiu com dificuldades, encostou-se à parede do vagão e depois lentamente foi escorregando o corpo até chegar ao chão. Algumas pessoas riram. Alguém gritou que o homem estava bêbado. Outro completou a observação dizendo que o dinheiro do pobre não dava para o alimento, mas dava para a cachaça. O trem continuava parado, mas a barulheira sobre os trilhos alcançava e feria um lado. O passageiro do banco próximo encolheu o pé. Um camelô que vendia água pulou por cima dele para atender uma pessoa.

Ehi, Ardoca

Il rumore sordo e metallico del treno infastidiva le orecchie di Ardoca. L'attrito della macchina sui binari echeggiava costantemente nella parte posteriore dei suoi timpani. Ogni domenica, in casa, avvolto dal silenzio della donna, dalle voci e dai giochi dei bambini, udiva il suono graffiante dell'acciaio che strideva sul suolo: era un grido lancinante e pungente che, al passare dei treni, sembrava massacrare la linea ferroviaria inerte. Ardoca era nato quasi dentro quella macchina. Sua madre, che abitava in periferia, ogni giorno percorreva quel tragitto per recarsi al lavoro. Lei incinta, lui cresceva nella pancia di sua madre reagendo agli scossoni del treno con calci interni. Poi, una volta fuori, nel mondo, per tutta la durata del viaggio si svegliava e piangeva tra le braccia materne. Crebbe tra i sobbalzi, gli spintoni, le grida dei venditori ambulanti, le preghiere dei fedeli, tra le voci degli ubriachi, i lamenti e i pisolini di lavoratori stanchi. Assistette innumerevoli volte come testimone cieco e muto a rapine, omicidi, traffici e consumi di droga in vagoni sovraffollati. Ad ogni viaggio Ardoca si stupiva e si disabituava alla vita del treno. Voleva viaggiare con la stessa distrazione di alcuni che giocavano a morra o che dormivano durante il tragitto ma rimaneva sempre disperatamente sveglio. Era sempre attento e teso come se il treno potesse, in qualunque momento, deragliare o collidere con un altro mezzo al punto che l'ultimo vagone finisse sopra il primo formando un cerchio e tutto saltasse per aria. E fu allora, in un pomeriggio qualunque, che Ardoca camminò con passi lenti verso la stazione. Era sabato. Nonostante non ci fossero molti passeggeri in giro non c'era tuttavia la garanzia di trovare un posto vuoto. Si sentiva stanco ogni giorno per tutti i lavori e per tutta la sua vita. Si mise in fila per comprare il biglietto. L'impiegato gli diede il resto. Ardoca con un gesto lo rifiutò. Guardò il treno che gli sembrava più lungo del solito. Salì con difficoltà, si appoggiò ad una parete del vagone, poi lentamente si lasciò scivolare fino al pavimento. Alcune persone risero. Qualcuno gridò che quell'uomo era ubriaco. Un altro lo osservò dicendo che i soldi di quel povero non gli bastavano per il cibo ma per la *cachaça* sì! Il treno era ancora fermo ma il rumore sui binari si avvertiva soltanto da un lato. Il passeggero seduto lì accanto si strinse nelle spalle. Un venditore ambulante che vendeva acqua gli cadde addosso per far passare una persona.

Ardoca respirava com dificuldade, debaixo do negro de sua pele, um tom amarelo desbotado aparecia. Uma mulher levantou, comprou um copo d'água e deu-lhe de beber, tentando reanimá-lo. Os crentes continuavam bradando o hino. O vendedor de água, buscando um espaço para fazer valer a sua fala, anunciava o seu produto em altíssima voz. O trem parado continuava mortificando os ouvidos fragilizados de Ardoca. Enquanto isso, sua vida ia se aprofundando mais e mais no dissentir de tudo. Ele buscava a respiração lá no fundo. A mulher que lhe socorreu parecia querer chorar. Neste momento entrou no vagão um passageiro correndo e gritando. Desesperado, empurrou as pessoas buscando passagem em direção ao rapaz desfalecido, chamando por ele: — Ei, Ardoca! Ei, Ardoca! Rapidamente o tomou no colo, desceu do trem e o depositou no banco da estação. A composição iniciou lentamente a partida. Cá de dentro, a mulher que se condoera de Ardoca e alguns outros passageiros ainda puderam ver. Aquele que o socorrera estava a meter a mão nos bolsos de Ardoca e a arrancar-lhe os sapatos e o relógio que ele trazia no pulso. Ardoca estava sendo assaltado. A mulher fez menção de descer, mas a máquina ganhou velocidade e partiu. Não era preciso porém nem dor, nem lágrimas. O outro podia levar os poucos pertences de Ardoca. Podia tomar-lhe tudo. Ardoca não tinha mais nada, nem a vida. Naquela tarde, ainda no trabalho ele resolvera tudo. Num gesto desesperado e solitário bebera lentamente um veneno e decidira levantar para morrer no trem. O outro levava os pertences de alguém que já despertencia à vida e jazia no banco da estação. O barulho da máquina sobre os trilhos entoava uma música réquiem de descanso eterno para Ardoca. Amém.

Ardoca respirava a fatica e, sotto il nero della sua pelle, appariva di un color giallo sbiadito. Una donna si alzò, comprò un bicchiere d'acqua e glielo offrì, cercando di rianimarlo.

Coloro che avevano fede intonavano i loro canti religiosi. Il venditore d'acqua, cercando uno spazio per farsi sentire, annunciò il suo prodotto ad alta voce. Il treno fermo continuava a indebolire il già debole udito di Ardoca. Nel frattempo la sua vita stava sprofondando sempre più allontanandolo da tutto.

Lui cercava di respirare là sotto. La donna che lo aveva aiutato sembrava voler piangere. In quel momento un passeggero entrò nel vagone correndo e urlando.

Disperato, spintonava la gente per cercare di farsi largo verso il ragazzo svenuto, chiamandolo: "Ehi, Ardoca! Ehi, Ardoca!" Rapidamente lo prese in braccio, scese dal treno e lo fece sdraiare su una panchina della stazione.

Il treno iniziò lentamente la sua corsa. Dall'interno, la donna che si era impietosita per lui e alcuni altri passeggeri riuscivano ancora a vederlo. Colui che l'aveva soccorso aveva messo le mani nelle tasche di Ardoca, strappandogli via le scarpe e l'orologio che aveva al polso. Ardoca stava subendo una rapina. La donna fece per scendere ma il treno acquistò velocità e partì. Non servivano più né dolore né lacrime. Quel tale poteva portargli via liberamente le poche cose che aveva. Poteva prendergli tutto. Ardoca non aveva più niente, nemmeno la vita.

Quel pomeriggio, ancora al lavoro, aveva risolto tutto. In un gesto disperato e solitario aveva bevuto lentamente del veleno e aveva deciso di salire sul treno e morire lì. Un tizio stava portando via gli effetti personali di qualcuno che aveva già perso la vita e stava sulla panchina della stazione. Il rumore del treno sulle rotaie intonava una musica da requiem di riposo eterno per Ardoca. Amen.

3.14 A gente combinamos de não morrer

A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos. Dorvi se lembrou do combinado, o juramento feito em voz uníssona, gritado sob o pipocar dos tiros:

— A gente combinamos de não morrer!

Limou os olhos. Lágrimas apontavam diversos sentimentos. A fumaça que subia do monturo de lixo ao lado, justificava qualquer gota ou rio-mar que surgisse e rolasse pela face abaixo. Era a fumaça, desculpou-se consigo mesmo e cantarolou mordiscando a dor, a canção do Seixas: “Quem não tem colírio usa óculos escuros.” A morte incendia a vida, como se essa estopa fosse. Molambos erigem fumaça no ar. Na lixeira, corpos são incinerados. A vida é capim, mato, lixo, é pele e cabelo. É e não é. Na televisão deu: “Mataram a mulher, puseram o corpo na lixeira e atearam fogo!”

Dorvi respirou e aspirou fundo. Mas que merda, pó contaminado, até parece talco para pôr na bunda de neném. Pois é, meu filho nasceu. Um pingão de gente. Quando Bica me mostrou nem tive coragem de olhar direito. Pequeno, tão pequeno! Deveria ter ficado na barriga da mulher, ou melhor, incubado como semente dentro do meu caralho. Quis cutucar o putinho com a ponta de minha escopeta. Bica se afastou como se o filho fosse só dela. Não sei para que o medo. Não sei porque o medo, pensou Bica. Se ao menos o medo me fizesse recuar, pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário. Medo, coragem, medo, coragemedo, coragemedo de dor e pânico. A festa está se dando. Balas enfeitam o coração da noite. Não gosto de filmes da tevê. Morre e mata de mentira. Aqui, não. Às vezes a morte é leve como a poeira. E a vida se confunde com um pó branco qualquer. Às vezes é uma fumaça adocicada enchendo o pulmão da gente. Um tapa, dois tapas, três tiros...

Abbiamo deciso di non morire

La morte gioca con i proiettili sparati dai grilletti facili dei ragazzi. Dorvi si ricordò dell'accordo, quel giuramento fatto all'unisono e gridato sotto la raffica degli spari:

– Abbiamo deciso di non morire!

Si asciugò gli occhi. Le lacrime adducevano a vari sentimenti. Il fumo che si alzava dal mucchio di spazzatura accanto a lui giustificava qualsiasi goccia o “mare” di pianto che sgorgava e scorreva lungo il viso. Era il fumo, si scusò con se stesso e canticchiò la canzone di Seixas, ‘mordicchiando’ il dolore: "Quelli che non hanno il collirio indossano occhiali da sole". La morte bruciava la vita come se fosse spazzatura. I cadaveri diffondono fumo nell'aria. I corpi venivano bruciati nella discarica. La vita è sterpaglia, cespuglio, spazzatura, pelle e capelli. Lo è e non lo è. In televisione passò il seguente titolo: "Hanno ucciso la donna, gettato il corpo nella discarica e lo hanno dato alle fiamme!"

Dorvi sospirò profondamente. Che cazzo! Della cenere contaminata potrebbe persino sembrare polvere di talco da mettere sul sederino di un bimbo! Sì, mio figlio è nato. Un batuffolo. Quando Bica me lo ha mostrato non avevo nemmeno il coraggio di guardarlo bene. Piccolo, così piccolo! Era rimasto nella pancia della donna e prima ancora incubato come seme dentro il mio ‘arnese’. Volevo stuzzicare il bambino con la punta del mio fucile. Bica si allontanò come se il figlio fosse solo suo. Non so che cosa temesse. Bica si chiese perché avesse paura sperando che questa la facesse indietreggiare...invece continuava a procedere sempre più avanti e con lo stesso timore. È come se la paura fosse un coraggio al contrario: paura, coraggio, paura, coraggio-paura, coraggio-paura del dolore e del panico. La festa è in corso. I proiettili fanno da cornice nel cuore della notte. Non mi piacciono i film che danno in televisione: muori e uccidi per finta. Nella realtà no. A volte la morte è leggera come la polvere. E la vita si può confondere con una qualsiasi polvere bianca. A volte è un fumo dolciastro che ci riempie i polmoni. Uno schiaffo, due schiaffi, tre colpi...

Minha mãe brincava assim com a gente: “Um elefante amola a gente, amola! Dois elefantes amola a gente, amola, amola! Três elefantes amola a gente, amola, amola, amola, quatro elefantes”... A vida é tanta amolação!...A minha mãe ia e ia. Seguia amolando a gente com aquela cantiga besta, mas que me fazia feliz. Idago, meu irmão, não. Ele ficava puto e mandava a velha calar a boca. Puta ficava a mãe. Era mesmo o final dos tempos! Onde já se viu, filho mandar a mãe calar? Ela não calava, cantava mais alto ainda. Um dia, com tanta raiva, cantou tão alto, que quando parou estava rouca e soluçando. Idago olhou para ela de soslaio, pediu a benção e saiu. Nem desceu o morro. Vacilou, dançou. Minha mãe recebeu a notícia que ela já esperava. Foi lá, acendeu uma vela perto do corpo. Uma fumacinha-menina dançava ao pé de Idago. Só ela, a fumacinha, a mãe e eu ali velamos o corpo de meu irmão. Um tapa, dois tapas, elefantes, patas pisam na gente. Escopetas, como facas afiadas, brincam tatuagens, cravam fendas na nossa tão esburacada vida. Balas cortam e recortam o corpo da noite. Mais um corpo tombou. Penso em Dorvi. Apalpo o meu. Peito, barriga, pernas... Estou de pé. Meu neném dorme. Ainda me resto e arrasto aquilo que sou.

Saraivadas de balas, de instantes em instantes, retumbam no interior da casa, ameaçando a diversão da mãe de Bica e de Idago. Dona Esterlinda levanta irritada e muda de canal de televisão. Lá fora, balas e balas, independente do desejo da mulher, executam continuamente a mesma e seca sonata. Uma programação mais amena vai entorpecendo os sentidos da mulher. O que mais gosto na televisão é de novela. Acho a maior bobeira futebol, política, carnaval e show. Bobagem também reportagem, campanha contra a fome, contra o verde, contra a vida, contra-contras. Contra ou a favor? Sei lá, confundi tudo. Acho que é contra mesmo. Contra e não. Contra-mão. Ando sentindo dores nas pernas. Também! “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria”. Sobe o morro, desce o morro e se cansa dessa dança.

Mia madre scherzava così con noi: "Un elefante ci disturba, ci disturba! Due elefanti ci disturbano, disturbano, disturbano! Tre elefanti ci disturbano, disturbano, disturbano, disturbano, quattro elefanti..."¹⁰...La vita è una tale seccatura!...Mia madre continuava e continuava... Continuava ad importunarci con quella filastrocca idiota ma che mi rendeva felice. Mio fratello Idago invece non apprezzava. La guardò malamente e la pregò di stare zitta, ma quella puttana continuava. Era davvero la fine dei tempi! Dove si era mai visto un figlio dire alla madre di stare zitta? Lei non taceva, anzi! Cantava ancora più forte. Un giorno era talmente arrabbiata che cantò così forte al punto che, quando smise, la sua voce era rauca e singhiozzante. Idago la guardò di traverso, le chiese la benedizione e uscì. Non scese nemmeno dalla collina. Esitò, danzò. Mia madre ricevette la notizia che si aspettava. Andò là e accese una candela vicino al corpo. Un filo di fumo con le sembianze di una bambina ballava ai piedi di Idago. Solo lei, la "bambina-fumo", mia madre ed io vegliammo il corpo di mio fratello. Uno schiaffo, due schiaffi, elefanti, piedi che ci calpestanto. Fucili come coltelli affilati disegnano tatuaggi incidendo ferite nella nostra vita già piena di "buchi". Le pallottole tagliano e ritagliano il corpo della notte. Un altro uomo cade. Penso a Dorvi. Mi tocco. Petto, pancia, gambe ... Sono in piedi. Il mio bambino dorme. Mi riposo ancora e trascino quello che resta di me.

Scariche di proiettili, a poca distanza l'una dall'altra, rimbombano all'interno della casa, impedendo alla madre di Bica e di Idago di svagarsi. Donna Esterlinda si alza irritata e cambia canale televisivo. Là fuori, proiettili su proiettili, indipendentemente dal desiderio della donna, producono di continuo lo stesso rumore secco. Un programma più tranquillo attenuerà i suoi sensi. Quello che mi piace di più della televisione sono le soap opera. Penso invece che i programmi più stupidi siano il calcio, la politica, il carnevale e gli show. Reputo delle sciocchezze persino le notizie, le campagne contro la fame, contro il verde, contro la vita, contro-contro. Contro o a favore? Non lo so, non ci capisco niente. Penso che sia contro. Contro e non. Contromano. Camminavo nonostante sentissi dolore alle gambe. Troppo! "*Lata d'água na cabeça, lá vai Maria*"¹¹. Sale la collina, la riscende e si stanca di questo ballo.

¹⁰ Corrisponde alla nostra filastrocca "un elefante si dondolava sopra il filo di una ragnatela e trovando la cosa interessante andò a chiamare un altro elefante, due elefanti si dondolavano sopra il filo, etc."

¹¹ Frase di una canzone.

Filhos? Não sou boba, só dois. Cuspi fora uns quatro ou cinco. Provoquei. “Eu confessor, me confesso a Deus, meu zeloso guardador, bendito sois vós, que olhe por mim” Na novela das oito, Lidiane era babá do menino Carlos Rodrigues Magnânimo. Ela ensinou a criança a rezar. Tudo era grande na casa dos Rodrigues Magnânimo. A casa, o carro, a mesa, o guarda-roupa, o tapete, tudo. O vestido de noiva da tia de Carlos Rodrigues vestia todo o caminho do altar. Atravessava de ponta a ponta o corredor de uma grande igreja. É tão bom ver novela. Não gosto de ver os crimes, roubos e nem noticiários de guerra. Novela me alivia, é a minha cachaça. Hoje, me lembro que exatamente hoje, há cinco anos, meu filho desceu o morro e caiu. Idago era tão bonito! Podia trabalhar na televisão, feito aquele negro que é ator. Podia ser cantor também. Tinha o dom. Cantava e assobiava tão bem quando era menino. Foi crescendo e ficando cada vez mais calado, irritado, brigando sempre comigo e com a irmã Bica. Tudo amolava Idago. Lembrei da musiquinha que aprendi com a minha mãe e acho que ela aprendeu com a mãe dela. Um dia Idago cantou assim para mim: “ uma mãe amola a gente, uma irmã amola a gente, um inimigo amola a gente, um policial amola a gente ” e foi dizendo uma porção de coisa que amolava a vida dele. Acho que para Idago, o mundo era só amolação.

Eu, Bica, sei um pouco do segredo. Um pouco do saber basta. O saber compromete, penso eu. Idago sabia, falou, dançou. Morreu. Feriu o código de honra, a palavra dada. A palavra que não se escreve, pois escrita está na palma e na alma de cada um. É preciso trazer sempre a mão aberta. O jogo é limpo. Traiu, caiu. Idago mereceu. Aliás, era traidor desde menino. Um bundão, safado. Na escola, era todo mundo, ou quase todos a destelhar a cantina para pegar a merenda armazenada. Uns subiam, outros vigiavam. Só queríamos os biscoitos, comer com antecedência, o que era nosso. Premiar a nossa fome anterior, a do momento e a posterior. Sei lá se era um jogo inocente ou maldoso. No outro dia debochávamos da cara dos professores. A diretora se descabelava toda. Ela sabia que era armação dos alunos.

Bambini? Non sono sciocca, all'inizio solo due. Più tardi ne sono spuntati circa quattro o cinque. Sono stata io. "Io confessore, mi confesso a Dio, mio zelante custode, benedetto sei tu, che mi proteggi". Ne *La Novela das oito*¹² Lidiane era la tata di Carlos Rodrigues Magnânimo. Era stata lei che aveva insegnato al bambino a pregare. Tutto era grande nella casa di Rodrigues Magnânimo. La casa, la macchina, il tavolo, l'armadio, il tappeto, tutto. L'abito da sposa della zia di Carlos Rodrigues occupava tutto lo spazio fino all'altare. Attraversava da un lato all'altro il corridoio di una grande chiesa. È così bello vedere le soap opera! Non mi piace vedere i crimini, le rapine o le notizie di guerra. Le soap opera alleviano la mia giornata, sono la mia *cachaça*. Mi ricordo che esattamente oggi, cinque anni fa, mio figlio scese dalla collina e cadde. Idago era così bello! Avrebbe potuto lavorare in televisione come quell'uomo di colore che è un attore. Avrebbe potuto anche essere un cantante, aveva un gran talento. Cantava e fischiava così bene quando era piccolo! Ma poi crebbe e divenne sempre più silenzioso, arrabbiato e discuteva sempre con me e sua sorella Bica. Tutto infastidiva Idago. Mi sono ricordata della canzoncina che ho imparato da mia madre e penso che anche lei l'abbia imparata dalla sua. Un giorno Idago me la cantò così: "una mamma ci disturba, una sorella ci disturba, un nemico ci disturba, un poliziotto ci disturba" e si mise a dire molte delle cose che lo infastidivano della sua vita. Penso che per Idago il mondo fosse solo una seccatura. Io, Bica, conosco un po' del segreto di mio fratello ma una piccola conoscenza è sufficiente. La conoscenza compromette, penso. Idago sapeva, parlò, danzò e morì. Aveva violato il codice d'onore, la parola data: quella che non si scrive perché la scritta sta nei palmi delle mani e nell'anima di ognuno. Bisogna sempre tenere la mano aperta. Il gioco è pulito ma lui ha tradito ed è caduto. Idago se l'è meritato. In realtà, era stato un traditore fin da quando era un ragazzo. Un piccolo stronzo. A scuola, tutti o quasi tutti devastavano la mensa per raccogliere la merenda che si trovava nei magazzini. Alcuni entravano, altri facevano da palo. Volevamo solo i biscotti, mangiare in anticipo ciò che era nostro. Premiare la nostra precedente fame, quella del momento e quella successiva. Non so se fosse un gioco innocente o malvagio. Il giorno dopo ci prendevamo gioco degli insegnanti. La direttrice si inviperiva tutta: sapeva che era una messinscena degli studenti.

¹² Soap opera brasiliana.

Sabia também que alguns tinham outras artimanhas. Traziam a coisa escondida por dentro do sapato, lá no cantinho da meia. E depois tudo transitava de mãos em mãos feito aquela brincadeira inocente de passa anel. Um dia Idago brigou com um da turma. Aí melou. Deu com a língua nos dentes. Vomitou tudo. Falou do telhado, dos biscoitos, do incenso proibido que, lá no fundo da escola ou até nos banheiros, adocicava o ar e também do talco mágico nos pés de alguns. Os grandes ficaram putos com ele. Mandaram dizer para mãe, que cuidasse da boca traidora do filho dela. Língua cortada não fala. Logo depois chegaram e pediram para que a mãe chamasse o peste. Um menino maior, que mancava devido a uma bala perdida, segurava com as mãos a boca de Idago. E outro derramou um vidro de pimenta pela goela adentro daquele que cultivava a língua venenosamente solta. Pimenta nos olhos dos outros não arde. Aquela ardeu nos olhos de mãe e até nos meus. Ela e Idago choravam. Eu quase. Pimenta talvez. Afinal meu irmão já não era tão inocente. Estava com onze anos; eu tinha doze. Ele já sabia o alcance de suas palavras. Sabia do alcance de falas como aquelas. As palavras, às vezes, feriam segredos e escorrega vam pela ladeira abaixo parando lá na delegacia.

Alguém cantou a pedra e o segredo foi rompido. A desgraça vaza dos poros da terra. O mundo explode. Seres de mil mãos agarram tudo. Nada escapa. Tudo se torna objetos agarráveis: gente, coisa, bicho... Às vezes me pego assustado diante da tevê. O mundo explode é aqui mesmo. Quem derramou o pó há de juntar toda a poeira. Faça amolada corta e pode ser um jogo lento, ótima tortura. Arranco os bagos do filho da puta que me traiu. Acerto as contas, as minhas. Levo o concluído e entrego ao bacana. Nunca falhei. Ele retira o que é dele e devolve o que é meu. Hoje não terá devolução alguma. Devo. Falta. A dívida do outro é minha dívida. É? O apartamento da chefia é bonito. Olhando para baixo vê o mar. Quero a morte lenta e calma. Quero boiar no profundo fundo do mar. Quero o fundo do mar-amor, onde deve reinar calmaria. É lá no profundo fundo que vou construir um castelo para a morada de meu filho. Bica, predileta minha, vai também. Ela sabe que da ponta da escopeta também sai carinho.

Sapeva anche che alcuni usavano delle astuzie: nascondevano le cose all'interno delle scarpe sotto l'arco del piede. E poi tutto passava di mano in mano come nell'ingenuo gioco dell'"indovina chi ha l'anello". Un giorno Idago fece a botte con uno della banda. Era crollato. Aveva fatto la spia. Aveva "vomitato" tutto: parlò della copertura, dei biscotti, dell'"incenso proibito" che, nel retro della scuola o persino nei bagni, addolciva l'aria e del "magico talco" sotto i piedi di qualcuno. I ragazzi più grandi si incazzarono con lui. Dissero alla madre di prendersi cura della bocca traditrice del figlio perché una lingua tagliata non parla.

Si presentarono a casa e chiesero alla madre di chiamare la peste. Un ragazzo più grande, che zoppicava a causa di una pallottola vagante che lo aveva ferito anni prima, tappava la bocca di Idago con le mani. Un altro versò un bicchiere di peperoncino nella bocca del ragazzo che "coltivava" quella lingua velenosa. Il peperoncino negli occhi degli altri non brucia. Bruciava però negli occhi di mia madre e persino nei miei. Lei e Idago stavano piangendo, io quasi. Sarà colpa del peperoncino, forse... Dopotutto, mio fratello non era così innocente. Aveva undici anni, io dodici. Ormai conosceva la portata delle sue parole. Conosceva la portata di parole come quelle. Le parole a volte potevano confessare i segreti e scivolare giù dalla collina fermandosi alla stazione di polizia.

Qualcuno svuotò il sacco e il segreto venne rotto. La miseria fuoriesce dai pori della terra. Il mondo esplose. Mille mani afferrano tutto. Nulla sfugge. Tutto diventa oggetto di presa: persone, cose, animali...A volte mi spavento davanti alla TV. Il mondo che esplose è proprio qui. Chiunque ha gettato la polvere la raccoglierà tutta. I coltelli dalla lama corta tagliano e possono essere un gioco lento, una grande tortura. Strapperò i testicoli del figlio di puttana che mi ha tradito! Sistemerò la faccenda. La porterò a termine e andrò al fresco. Non ho mai fallito. Lui prenderà tutto ciò che è suo e restituirà ciò che è mio. Oggi non ci sarà ritorno. Devo. Manca. Il debito dell'altro è il mio debito. È? L'appartamento del capo è bello. Guardando in basso si vede il mare. Voglio una morte lenta e calma. Voglio galleggiare sul mare fino a raggiungerne il fondo. Voglio il fondo del mare dove possono regnare l'amore e la calma. È laggiù nel profondo che costruirò un castello come casa per mio figlio. Bica, tesoro mio, vai anche tu. Lei sa che dalla punta del fucile può anche uscire amore.

No fundo do mar, mundo algum explode. Bica, dileta minha, a vida explode. Explode, ode, ode, ode... Mar-amor. O meu desejo é um castelo de areia? Nem sei... Um dia, copo de uísque na mão, de lá de cima olhei o mar. Eu era grande, no alto de tudo. O mar lá embaixo abrindo todo, todo. Grande é o mar.

Quando não estou com minha arma por perto, me borro de medo. Tenho vontade de chorar. Olhando o mar lá de cima, vi que pequeno sou eu. O outro, o que me fornece, estava na sala com os amigos e me chamou para dentro. É um pessoalzinho meio besta. Não tenho ilusão. O que temos em comum é o pó do qual somos feitos. É o pó que nos faz, mais nada. Mas o meu pó corre mais perigo. Meu pó vira cinza rápido.

Quem incendeia? Pode ser a polícia, pode ser qualquer um de nós mesmo, grupos rivais. Quero o fundo do mar. Quero a predileta minha e o meu putinho que nasceu. Um dia vou ser navegante. Vou comprar um barco-estrela com três lugares. Tou doido, viagem legal. A terra vai explodir no mundo-canal da televisão. Aqui fora já explode, malandro! A primeira vez eu não sabia aspirar tudo. Os desejos, os sonhos, a viagem, tudo se atracou na minha garganta. Nem falar eu podia. Um dia vou ser navegante. Quero fazer uma viagem profunda, pro fundo do mar-amor. Predileta minha, o putinho meu e eu, os três... A viagem funda que afunda. A vida vale? A dívida é minha? Com quem dividir essa dívida? Essa dívida? Dileta minha, putinho meu...

A babá Lidiane, da Novela das oito, acabou sozinha. Não gostei do final. Assisti outra novela em que a babá casou com o filho do patrão. Bonito, tudo muito bonito. Chorei de emoção. Quando choro diante de novela, choro também por outras coisas e pela vida ser tão diferente. Choro por coisas que não gosto nem de pensar. Dorvi é companheiro de Bica, minha filha. Fizeram um filho, meu primeiro netinho.

Acho que não terei tantos. Não vou deixar Bica virar mulher parideira. Isso de ter muitos filhos era do meu tempo. Nem eu virei. Que Deus me perdoe! Será que minha alma vai padecer no fogo do inferno? Outro dia me contaram que Dorvi está complicado. Eu pensei outro futuro para os meus filhos. Idago, pois é, acabaram com o garoto. Bica é tão inteligente. Na escola sempre se saiu bem, conseguiu estudar até a oitava série.

In fondo al mare, nessun mondo esplode. Bica, mia cara, la vita esplode. Esplode, ode, ode, ode...Mare-amore. Il mio desiderio è un castello di sabbia? Non lo so... Un giorno, con un bicchiere di whisky in mano, alzai lo sguardo verso l'orizzonte. Mi sentivo importante e in cima a tutto. Il mare laggiù abbracciava tutto. Grande è il mare! Quando non ho la mia pistola a portata di mano me la faccio sotto dalla paura. Guardando il mare da lassù mi resi conto di quanto fossi piccolo. L'altro, quello che mi faceva da fornitore, era in casa con gli amici e mi chiamò dentro. È un tipo tosto, una mezza bestia. Ma io non mi illudo. Ciò che abbiamo in comune è la polvere di cui siamo fatti. È la polvere che ci crea, nient'altro. Solo che la mia polvere sta correndo un maggiore pericolo. La mia polvere diventa grigia velocemente.

Chi lo ha appiccato? Potrebbe essere stata la polizia, potrebbe anche essere stato qualcuno di noi o uno dei gruppi rivali. Voglio il fondo del mare. Voglio la mia compagna e il mio piccolo neonato. Un giorno sarò un navigatore. Comprerò una "barca-stella" con tre posti. Sono pazzo ma sarà un viaggio fantastico. La terra esploderà nel mondo della televisione. Qui fuori sta già esplodendo, mascalzone! La prima volta non sapevo come "aspirare" tutto: i desideri, i sogni, il viaggio, tutto mi si era conficcato in gola. Non riesco nemmeno a parlare. Un giorno sarò un navigatore. Voglio fare un viaggio profondo fino al fondo del mare-amore. Io con la mia compagna e il mio piccolo, noi tre...Il viaggio profondo che affonda. La vita vale la pena? È mio il debito? Con chi dividerlo? Questo dubbio? Mia cara, mio piccolo...

Tata Lidiane de *La novella das oito* rimase da sola. Non mi piacque il finale. Guardai un'altra soap opera in cui la bambinaia si sposò con il figlio del padrone. Bello, tutto molto bello. Piansi per l'emozione. Quando piango di fronte a una telenovela piango anche per altre cose e perché la vita reale è così diversa. Piango per cose a cui non mi piace neanche pensare. Dorvi è il compagno di Bica, mia figlia. Ebbero un figlio, il mio primo nipote. Non penso ne avrò tanti. Non lascerò che Bica diventi una donna prolifica. Avere molti bambini era tipico del mio tempo ma io non lo feci. Dio perdonami! La mia anima soffrirà nel fuoco dell'inferno? L'altro giorno mi riferirono che Dorvi è un tipo compromesso. Pensavo ad un altro futuro per i miei figli. Idago, proprio lui, lo hanno ucciso. Invece Bica è così intelligente! A scuola ha sempre fatto bene ed è riuscita a studiare fino all'ottavo anno.

Gosta de televisão, mas tem a mania de implicar com as minhas novelas. Diz que eu vivo no mundo da lua. Engano dela.

Eu sei que Dorvi está complicado. Não tem culpa. Ou tem? Conseguiu estabelecer um ponto, arriscou a pele e mantém o próprio negócio, mas confiou na pessoa errada. E agora o pessoal do Baependi, o tal fornecedor, quer a paga. Disseram que, se Dorvi levou um banho, eles é que não vão se banhar na mesma água. Eu sempre gostei de Dorvi, menino que eu vi crescer. Regula idade com Bica, mas não é o companheiro que eu queria para ela. E acho que nem ela. Eu tenho esperanças de que Bica, a minha menina, não sei quando e como, terá outro destino. Desde pequena era atenta a tudo. Já teve outros namorados, inclusive um rapazinho crente. Bom menino, mas Bica não gostou dele. Dizia que ele era um banana. Eu não entendia por que. Um menino tão bom e ainda com a garantia de estar longe das drogas. Foi aí que ela encrespou.

Bica disse que ele era drogado sim. Drogado pela Bíblia, pelo pastor, pela igreja, enfim. Que nem vontade própria tinha. Não entendi nada, mas passei a observar o menino. Ele realmente parece uma pessoa sem sustância, sem a coragem de Dorvi. Essa diferença eu noto, mas não sei explicar. Acho que se Dorvi fosse crente, ele daria um bom cristão. Peço a vida para dar um bom tempo para ele. Dorvi está preso por um fio. Puxo o assunto com minha filha. Bica é escorregadia feito baba de quiabo.

Porra , o cara me deu um banho e eu estou escorregando na água dele, com sabão de lavar cachorro. O prazo dele está terminando e o meu também. Busco aquele putro no inferno, pois sei que os homens de Baependi vão me buscar também. Eles me catarão debaixo da saia da minha mãe, se preciso for. E a gente combinamos de não morrer. Que merda, selamos agora a própria morte. E o meu putinho e a diletta minha, onde estão? Bica é menina esperta. É mulher de muita visão. Penso no risco que estou correndo. Risco não, tudo já é certo. A solução está definida. O destino traçado. Não há recuo. Não estou aflito. Não estou desesperado. Não estou calmo. Não estou inocente ou culpado. Apenas estou sabendo que daqui a pouco, questão de um dia e meio, não estarei mais. Nem eu, nem ele. Acabo com ele, mas isto não resolve. Outros acabarão comigo. Nosso trato de vida virou às avessas. Morremos nós, apesar de que a gente combinamos de não morrer.

Ama la televisione ma ha l'abitudine di prendersela con le mie telenovela. Dice che vivo sulla luna. È la sua opinione. So che Dorvi è compromesso. Non ha colpa. O ce l'ha? Era riuscito a trovare un equilibrio, ha rischiato la pelle e si è dato da fare ma si è fidato della persona sbagliata. E adesso la gente di Baependi, il venditore, vuole i soldi. Dissero che se Dorvi si fosse fatto un bagno, loro non si sarebbero lavati nella stessa acqua. Mi è sempre piaciuto Dorvi, un ragazzo che ho visto crescere. Stessa età di Bica ma non è il compagno che volevo per lei. Penso che nemmeno lei lo volesse così. Spero che Bica, la mia bambina, non so quando e come, possa avere un altro destino. Fin da piccola era attenta a tutto. Ha avuto altri fidanzati, incluso un ragazzino credente. Un bravo ragazzo ma a Bica non piaceva. Diceva che era uno zerbino. Io non ho mai capito perché. Un ragazzo così bravo e così distante dal giro della droga! Ecco: lì si era raggelata. Bica disse che era drogato, eccome! Drogato della Bibbia, del pastore, della chiesa dopotutto non era poi così diverso. Non aveva nemmeno una volontà tutta sua. Io non capii niente ma mi misi ad osservare il ragazzo. Effettivamente sembrava davvero una persona senza sostanza, senza il coraggio di Dorvi. Questa differenza io la notai ma non seppi spiegarla. Penso che se Dorvi fosse credente potrebbe essere un buon cristiano. Chiedo alla vita di dargli ancora del tempo. Dorvi è appeso a un filo. Ne parlerò con mia figlia. Bica è viscida come la “bava” del *gombo*¹³. Cazzo! Il ragazzo mi ha fatto fare una doccia e sto scivolando nella sua acqua con il sapone per lavare i cani. Il tempo per lui sta scadendo così come il mio. Sto cercando quel ragazzino nell'inferno e so che gli uomini di Baependi cercheranno anche me. Mi tirerebbero fuori anche da sotto la gonna di mia madre se necessario. Ma abbiamo deciso di non morire. Che merda! Abbiamo siglato così la nostra stessa morte. E il mio piccolo e la mia amata dove sono? Bica è una ragazza intelligente, una donna con grande immaginazione. Penso al rischio che sto correndo. Che poi rischio non è visto che è già tutto deciso. La soluzione è già stata presa. Il destino è segnato. Non si torna indietro. Non sono preoccupato. Non sono disperato. Non sono calmo. Non sono innocente o colpevole. So soltanto che nel giro di un giorno e mezzo non ci sarò più. Né io né lui. Posso anche ucciderlo ma questo non cambierà nulla. Altri uccideranno me. La nostra vita è stata stravolta. Moriamo anche se abbiamo deciso di non morire.

¹³ gombo o *okra*, in portoghese *quiabo*: frutto tropicale.

A morte às vezes tem um gosto de gozo? Ou o gozo tem um gosto de morte? Não esqueço o gozo vivido no perigo de meu primeiro mortal trabalho, na minha primeira vez. Um dia os homens subiram o morro. O combinado era o enfrentamento. Até então eu só tinha feito trabalho pequeno. Vigiar, passar o bagulho, empunhar armas nos becos, garantindo a proteção dos pontos na calada da noite. Naquele dia mandaram que eu fosse enfrentar também. Eu tinha treze anos. No meio do tiroteio, esporrei, gozei. E juro que não era de medo, foi de prazer. Uma alegria tomava conta de meu corpo inteiro. Senti quando o meu pau cresceu ereto, firme, duro feito a arma que eu segurava nas mãos. Atirei, gozei, atirei, gozei, gozei... Gozei dor e alegria, feito outro momento de gozo que me aconteceu na infância. Eu estava com seis para sete anos e arranquei com as minhas próprias mãos, um dentinho de leite que dançava em minha boca. Minha mãe me chamou de homem. Cuspi sangue. Limpei a baba com as costas da mão, ainda tremendo um pouco, mas correspondi ao elogio. Eu era um homem. Tive um prazer intenso que brincou no meu corpo todo. Tive até um princípio de ereção. Hoje outro prazer ou desprazer formiga o meu corpo por dentro e por fora. Vou matar, vou morrer. É lá no mar que vou ser morrente. Mar-amor, mar-amar, mar-morrente. É no profundo do fundo, que guardarei para sempre as lembranças de meu putinho e da diletta minha. A casa de Neo caiu. Aprontou, dançou! Mais um, que não será o último, outros virão. Ele, Dorvi, Idago, Crispim, Antônia, Cleuza, Bernadete, Lidinha, Biunda, Neide, Adão e eu temos ou tínhamos (alguns já se foram) a mesma idade. Um ano e às vezes só meses variavam o tempo entre a data de nascimento de um e de outro. Alguns morreram também em datas bem próximas. Apalpo o meu corpo, aqui estou eu. Entre as mulheres quase todas ficaram menstruadas juntas, pela primeira vez. Brincávamos que íamos misturar as nossas regras e selarmos a nossa irmandade com o nosso íntimo sangue. Os meninos não sei que juras fraternas fizeram. Ah, sei! Dorvi repetia sempre que entre eles havia o pacto de não morrer. Entretanto Dorvi sumiu e Neo também. De Neo já temos notícia. Dançou ao som da música da escopeta de Dorvi. E Dorvi? Nem a mãe dele sabe, nem eu que sou sua mulher, só adivinho só.

La morte, a volte, può avere il sapore della gioia? O il piacere il sapore della morte? Non mi sono mai dimenticato del gusto del pericolo provato per la prima volta durante il mio primo lavoro mortale. Un giorno degli uomini salirono la collina. Il piano prevedeva di affrontarli. Fino ad allora avevo fatto solo dei piccoli lavoretti come fare il palo, passare “la roba”, impugnare le pistole nei vicoli garantendo la protezione dei luoghi di scambio nel cuore della notte. Quel giorno mi ordinarono di intervenire. Avevo tredici anni. Nel bel mezzo della sparatoria venni e godetti. E giuro che non era paura, era piacere. Il piacere mi aveva riempito il corpo. Me ne accorsi quando il mio cazzo si era rizzato fermo e duro come l'arma che tenevo tra le mani. Sparai, venni, sparai, venni, godetti... godetti per il dolore e la gioia. Mi ricordo anche di un altro momento di piacere che mi successe da bambino: avevo tra i sei e i sette anni e strappai via con le mie stesse mani un dentino da latte che mi ballava in bocca. Mia madre mi disse che ero ormai un uomo. Sputai il sangue e mi asciugai la saliva con il dorso della mano mentre ancora stavo tremando ma risposi al complimento. Ero un uomo. Provai un piacere intenso che mi percorse tutto il corpo. Ebbi persino un accenno di erezione. Oggi un altro piacere o dispiacere mi formicola il corpo dentro e fuori. Ucciderò, morirò. È là nel mare che sarò morto. Mare-amore, mare-amore, mare-morente. È là in fondo al profondo che conserverò per sempre i ricordi del mio piccolo e della mia amata.

La casa di Neo crollò tra le fiamme. Neo si preparò e danzò. Ne è morto un altro ma non sarà l'ultimo: ce ne saranno ancora. Lui, Dorvi, Idago, Crispim, Antonia, Cleuza, Bernadete, Lidinha, Biunda, Neide, Adaõ e io abbiamo o abbiamo avuto (alcuni sono già morti) la stessa età. Qualche volta solo pochi mesi o, al massimo un anno, separavano le rispettive date di nascita. Alcuni sono morti persino in giorni ravvicinati. Tastai ripetutamente il mio corpo: io sono ancora qui. Tra le donne la maggior parte di loro aveva avuto le prime mestruazioni in contemporanea. Scherzavamo sul fatto che avremmo mischiato le nostre regole e suggellato la nostra fratellanza con il nostro stesso sangue. I ragazzini non so che giuramenti abbiano fatto. Ah, a saperlo! Dorvi ripeteva sempre che tra loro c'era il patto di non morire. Purtroppo però scomparve e così anche Neo. Di Neo almeno abbiamo avuto notizie. Ballò al suono del fucile di Dorvi. E Dorvi? Non lo sa nemmeno sua madre né io che sono sua moglie, io posso solo intuire.

O que dizer para o nosso filho à medida que ele crescer. Quero outro futuro para ele. Será que ainda há dor por vir? E Dorvi? Não sei. E só faço escrever, desde pequena. Adoro inventar uma escrita. Um dia na escola, com meus sete ou oito anos, a professora passou um exercício. Era o de dividir as palavras em sílabas e a partir daí formar novas palavras. Eu já estava de saco cheio (força de expressão que menina não tem saco). Para desconsertar a moça, pedi para ir ao quadro escrever as que eu tinha formado. E escrevi pó, zoeira, maconha. E fui escrevendo mais e mais. Craque, tiro, comando leste, oeste, norte, sul, vermelho e verde também. Na verdade, naquele momento, eu já estava arrependida e queria voltar para o meu lugar. Se é que tenho algum. Mas escrever funciona para mim como uma febre incontrolável, que arde, arde, arde... A professora olhava querendo ser natural, a turma ria e eu escrevia. Gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida. Outro dia, tarde da noite, ouvi um escritor dizer que ficava perplexo diante da fome do mundo. Perplexo! Eu pedi para ele ter a bondade, a caridade cristã e que incluísse ali todos os tipos de fome, inclusive a minha, que pode ser diferente da fome dos meus. Falei, mas pelo menos naquele momento, me pareceu que ele fazia ouvidos moucos. Quem sabe os nossos Orixás que são Humanos e Deuses descrevam para esse escritor outras e outras fomes, aumentando assim, mais ainda, a perplexidade dele. Penso em Dorvi a todo o momento. Ele é para mim um presente incompleto e um futuro vazio. Provavelmente Dorvi não virá mais. Ele que tinha um trato de viver fincado nessa fala desejo: — A gente combinamos de não morrer. — Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa com violência os dois mundos. Ela sabe que a verdade da telinha é a da ficção. Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. Tenho fome, outra fome. Meu leite jorra para o alimento de meu filho e de filhos alheios. Quero contagiar de esperanças outras bocas. Lidinha e Biunda tiveram filhos também, meninas. Biunda tem o leite escasso, Lidinha trabalha o dia inteiro. Elas trazem as menininhas para eu alimentar.

Cosa dirò a nostro figlio quando sarà cresciuto? Voglio un altro futuro per lui. Arriverà altro dolore? E Dorvi? Non lo so. Non faccio altro che scrivere da quando ero piccola. Amo inventare nuovi testi. Un giorno a scuola, quando avevo sette o otto anni, l'insegnante ci diede da fare un esercizio. Dovevamo dividere le parole in sillabe e da lì formare nuove parole. Ero già con le "palle piene". Volendo stupire la maestra, chiesi di andare alla lavagna per scrivere le parole che avevo formato. E scrissi polvere, casino, marijuana e continuai a scriverne sempre di più. Crac, sparo, comando est, ovest, nord, sud, rosso e anche verde. In effetti, in quel momento, mi ero già pentita e volevo tornare al mio posto. Sempre che io ne avessi avuto uno. Ma scrivere funziona per me come una febbre incontrollabile che brucia in continuazione... L'insegnante mi guardava cercando di essere naturale, il gruppo rideva e io scrivevo. Mi piace scrivere parole intere, tagliate, composte, frasi, non frasi... Mi piace vedere le parole colme di significato o vuote come appese al filo del bucato. Parole cadute, raccolte, composte, inventate sul filo del rasoio della vita.

L'altro giorno, a tarda notte, sentii uno scrittore dire che era perplesso di fronte alla fame del mondo. Perplesso?! Gli chiesi di avere la bontà, la carità cristiana e di considerare ogni tipo di fame, compresa la mia che potrebbe essere diversa dalla fame dei miei... Gli parlai e, almeno in quel momento, mi sembrò che stesse facendo orecchie da mercante.

Forse i nostri *Orixás*, che sono umani e divinità, raccontano a questo scrittore di varie carestie aumentando così, ancora di più, la sua perplessità. Penso a Dorvi tutto il tempo. Lui è per me un presente incompleto e un futuro vuoto. Probabilmente Dorvi non tornerà più, proprio lui che aveva stretto un patto con la vita dichiarando: "Abbiamo deciso di non morire.". Ci deve essere un modo per non morire così presto e vivere una vita meno crudele. Vivo accusando le soap opera di mia madre. Tuttavia so che lei separa e distingue severamente i due mondi. Lei sa che la verità del piccolo schermo è finzione. Mia madre ha sempre cucito la vita con fili di ferro. Ho fame, un'altra fame. Il mio latte scorre e dà da mangiare a mio figlio e ai figli degli altri. Voglio trasmettere speranza ad altre bocche. Anche Lidinha e Biunda avevano figli, delle bambine. Biunda ha poco latte, Lidinha lavora tutto il giorno. Mi portano le loro piccole così che io dia loro da mangiare.

Entre Dorvi e os companheiros dele havia o pacto de não morrer. Eu sei que não morrer, nem sempre é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas. Meu filho dorme. Lá fora a sonata seca continua explodindo balas. Neste momento, corpos caídos no chão, devem estar esvaindo em sangue. Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...

Tra Dorvi e i suoi compagni c'era il patto di non morire. So che non morire non significa per forza vivere. Ci devono essere altri modi, magari più semplici. Mio figlio dorme. Là fuori quella musica sorda continua a far esplodere i proiettili. In questo momento, i corpi distesi a terra saranno ormai morti dissanguati. Io qui scrivo e ricordo un versetto che lessi un giorno: "Scrivere è un modo di sanguinare". Aggiungo: e di molto sanguinare, molto e molto.

3.15 Ayoluwa, a alegria do nosso povo

Quando a menina Ayoluwa, a alegria do nosso povo, nasceu, foi em boa hora para todos. Há muito que em nossa vida tudo pitimbava. Os nossos dias passavam como um café sambango, ralo, frio e sem gosto. Cada dia era sem quê nem porquê. E nós ali amolecidos, sem sustância alguma para aprumar o nosso corpo. Repito: tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo. Até a natureza mingua e nos confundia. Ora aparecia um sol desensolarado e que mais se assemelhava a uma bola murcha, lá na nascente. Um frio interior nos possuía então, e nós mal enfrentávamos o dia sob a nula ação da estrela desfeita. Ora gotejava uma chuva de pinguitos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos. E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejos para os nossos corpos. Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. E a todo instante eles partiam. E, com a tristeza da falta de lugar em um mundo em que eles não se reconheciam e nem reconheciam mais, muitos se foram. Dentre eles, me lembro de vô Moyo, o que trazia boa saúde, de tio Masud, o afortunado, o velho Abede, o homem abençoado, e outros e outros. Todos estavam enfraquecidos e esquecidos da força que traziam no significado de seus próprios nomes. As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de enfrentar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias. Como os homens, deslembavam a potência que se achava resguardada partir de suas denominações. E pediam veementemente à vida que esquecesse delas e que as deixasse partir. Foi com esse estado de ânimo que muitas delas empreenderam a derradeira viagem: vovó Amina, a pacífica, tia Sele, a mulher forte como um elefante, mãe Asantewaa, a mulher de guerra, a guerreira, e ainda Malika, a rainha. Com a ida de nossos mais velhos ficamos mais desamparados ainda. E o que dizer para os nossos jovens, a não ser as nossas tristezas? E até eles, os moços, começaram a se encafiar dentro deles mesmos, a se tornarem infelizes.

Ayoluwa, la gioia della nostra gente

Quando la piccola Ayoluwa, la gioia della nostra gente, nacque fu una bella notizia per tutti. Da tempo, nelle nostre vite, tutto era incerto. I giorni passavano come un caffè insapore e freddo. Ogni giorno passava senza un come né un perché. E noi stavamo lì, fiacchi, senza alcun sostentamento per raddrizzare il nostro corpo. Ripeto: tutti eravamo sul lastrico. Ci mancava tutto. Persino la natura si era indebolita e ci aveva confusi. In cielo c'era un sole spento che assomigliava a un fiore appassito in primavera. Provavamo un gran freddo nelle ossa e affrontavamo il giorno con fatica sotto l'azione nulla di quella stella spenta. Arrivò poi una pioggia debole che a malapena bagnava la punta delle nostre dita. Da lì iniziò a venir meno tutto: mani per lavorare, cibo, acqua, materia per i nostri pensieri e sogni, parole per le nostre bocche, canzoni per le nostre voci, movimenti, danza, desideri per i nostri corpi. I più anziani, ormai così pieni di sofferenza, si guardavano indietro e nel presente non riconoscevano più alcuna traccia del passato. Le loro lotte, il loro agire, il loro sapere: tutto sembrava essersi perso nel tempo. Che fare allora? Chiesero di poter morire. E in ogni momento se ne andavano. E con la tristezza della mancanza di uno spazio in un mondo in cui non si riconoscevano e che non li riconosceva più, molti se ne andarono. Tra questi ricordo: nonno Moyo, che ancora in buona salute, zio Masud, il fortunato, il vecchio Abede, l'uomo benedetto e tanti altri. Tutti si erano indeboliti e dimenticati della forza che portavano nel significato dei loro stessi nomi. Anche le donne anziane, che trovavano sempre dei modi per affrontare e superare il dolore, non credevano più nelle loro stesse capacità. Come gli uomini avevano trascurato la potenza nascosta dietro i loro nomi. Esortavano la vita a dimenticarsi di loro e lasciarle andare. Fu con questo stato d'animo che molti di loro intrapresero l'ultimo viaggio: nonna Amina, animo pacifico, zia Sele, donna forte come un elefante, madre Asantewaa, donna guerriera e anche Malika, la regina. Con il venire a mancare dei nostri anziani eravamo ancora più impotenti. E cosa dire ai nostri ragazzi i nostri giovani se non di non essere tristi? Ma anche loro, i giovani, cominciarono a chiudersi in loro stessi e a diventare infelici.

Puseram-se a matar uns aos outros, e a tentarem contra a própria vida, bebendo líquidos maléficos ou aspirando um tipo de areia fininha que em poucos dias acumulava e endurecia dentro de seus pulmões. Ou então se deixavam morrer aos poucos, cada dia um pouquinho, descrentes que pudesse existir outra vida senão aquela, para viverem. As mães, dias e noites, choravam no centro do povoado. A visão dos corpos jovens dilacerados era a paisagem maior e corriqueira diante de nossos olhos. O milagre da vida deixou de acontecer também, nenhuma criança nascia e, sem a chegada dos pequenos, tudo piorou. As velhas parteiras do povoado, cansadas de esperar por novos nascimentos, sem função, haviam desistido igualmente de viver. Tinham percebido na escassez dos partos, que suas mãos não tinham mais a serventia de aparar a vida. Nenhuma família mais festejava a esperança que renascia no surgimento da prole. As crianças foram esquecidas, ficando longe do coração dos grandes. E os pequenos, os que já existiam, como Mandisa, a doce, Kizzi, a que veio para ficar, Zola, a produtiva, Nyame, o criador, Lutalo, o guerreiro, Bwerani, o bem-vindo, e os bem novinhos, alguns sem palavras ainda na boca, só faziam chorar. Pranto em vão, já que os pais, entregues às suas próprias tristezas, desprezavam as de seus rebentos. O nosso povoado infértil morria à míngua e mais e mais a nossa vida passou a desesperançar... À noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho. A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido de seu nome. Toda a comunidade, mulheres, homens, os poucos velhos que ainda persistiam vivos, alguns mais jovens que escolheram não morrer, os pequenininhos que ainda não tinham sido contaminados totalmente pela tristeza, todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais.

Cominciarono a uccidersi l'un con l'altro o ad attentare alla loro vita bevendo sostanze velenose o sniffando un tipo di sabbia fine che in pochi giorni si accumulava e si induriva nei polmoni. Oppure si lasciarono morire poco a poco, ogni giorno un po' di più: increduli che ci potesse essere un'altra vita da vivere oltre a quella attuale. Le madri piangevano al centro del villaggio giorno e notte. La vista dei giovani corpi lacerati era un paesaggio orrendo ma ordinario davanti ai nostri occhi. Il miracolo della vita non accadeva più: non nacque più alcun bambino e, senza l'arrivo dei piccoli, tutto peggiorò. Le vecchie ostetriche del villaggio, stanche di aspettare nuove nascite, senza avere uno scopo, avevano rinunciato anche loro a vivere. Pensavano che, vista la carenza di nascite, le loro mani sarebbero tornate utili a porre fine alle loro vite. Nessuna famiglia celebrava più la speranza data dalla nascita della prole. I bambini furono dimenticati, rimanendo sempre più lontani dai cuori dei grandi. E i piccoli, quelli che già esistevano, come Mandisa, la bambina dolce, Kizzi, che era venuto per restare, Zola, una bambina produttiva, Nyame, il creatore, Lutalo, il guerriero, Bwerani, il benvenuto e quelli appena nati, che ancora non avevano il dono della parola, non facevano che piangere! Piangevano invano dato che i loro genitori, troppo presi dalle loro pene, ignoravano la tristezza dei loro figli. Il nostro villaggio ormai sterile stava morendo e le nostre vite cominciavano a perdere sempre di più la speranza: di notte, mentre ci radunavamo attorno a un fuoco fatto più di cenere che di fiamme, la più grande combustione veniva dai nostri lamenti. E in una di quelle notti fatte di parole meste, in un stato di tristezza assoluta, come se il dolore non dovesse mai più lasciarci, una donna, la più giovane seduta in quel cerchio, fece un bel discorso. Bamidele, la speranza, annunciò che avrebbe avuto un figlio. Da quel momento, non vi fu più nessuno che non fosse fecondato dalla speranza: un dono che Bamidele portava nel suo nome. Tutta la comunità, donne, uomini, i pochi vecchi rimasti in vita, alcuni giovani che avevano scelto di non morire, i piccoli che non erano ancora stati completamente contaminati dalla tristezza, rimasero tutti "incinti" del nostro bambino, l'essere che stava per arrivare. E prima, molto prima che noi lo scopriremmo, la sua vita era già stata scritta nella linea circolare del nostro tempo: proprio là era scritto che un altro nostro discendente dovesse venire al mondo per mano dei nostri antenati.

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer. E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual do nascimento, acolheu a criança de Bamidele. Uma menina que buscava caminho em meio à correnteza das águas íntimas de sua mãe. E todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas nós sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assustou. Sabíamos que estávamos parindo em nós mesmo uma nova vida. E foi bonito o primeiro choro daquela que veio para trazer a alegria para o nosso povo. O seu inicial grito, comprovando que nascia viva, acordou todos nós. E partir daí tudo mudou. Tomamos novamente a vida com as nossas mãos. Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria de nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução.

Eravamo pieni di speranza ma non ciechi di fronte a tutte le nostre difficoltà. Sapevamo di avere diverse questioni da risolvere. La nostra più grande difficoltà era quella di credere di nuovo nel valore della vita...ma siamo sempre riusciti a sopravvivere. Tra noi c'era ancora l'esperta Omolara, colei che era nata al momento giusto. Omolara era una levatrice che, avendo ripetuto con successo la storia della sua nascita, si era rifiutata di lasciarsi morire. E proprio nel momento in cui il miracolo della vita era comparso nel grembo di Bamidele, Omolara, colei che aveva il dono di far nascere nuove creature e conosceva tutti i rituali della nascita, accolse il piccolo di Bamidele: una bambina che cercava la sua strada attraverso lo scorrere delle acque "intime" di sua madre. E tutti noi, nell'istante in cui Ayoluwa nacque, sentimmo i nostri ventri contorcersi, persino gli uomini. Nessuno però si spaventò. Sapevamo che stavamo dando luce ad una nuova vita anche per noi stessi. Ed fu bello il primo grido di colei che era venuta a portare gioia al nostro popolo. Il suo primo vagito, segno che era nata viva, svegliò tutti. E da lì tutto cambiò. Riprendemmo in mano le nostre vite. Ayoluwa, gioia del nostro popolo, è ancora tra noi: non è venuta con la promessa di salvezza ma nemmeno per morire sulla croce. Non sto dicendo che questo mondo instabile si era ripreso ma Ayoluwa, la gioia della nostra gente, e sua madre, Bamidele, la speranza, continuano a fermentare il nostro pane quotidiano. E quando il dolore sopraggiunge mentre un occhio piange, l'altro guarda il tempo alla ricerca di una soluzione.

CAPÍTULO IV

Considerações finais

Este meu trabalho de tradução dos contos de Conceição Evaristo levou-me, após uma longa reflexão, a tirar algumas conclusões acerca não apenas da obra desta autora, mas das tarefas do tradutor, do ato de traduzir e das dificuldades de tradução e de compreensão inerentes aos textos. A tradução de um livro de contos é um trabalho que necessita de muita flexibilidade e conhecimento da língua portuguesa, mas também da língua italiana. A escritura de Conceição Evaristo embora pareça simples e talvez gramaticamente imperfeita por causa da origem social dos seus personagens, é, na verdade, muito íntima, complexa e profunda, no sentido de que as palavras usadas são escolhidas com muita atenção pela autora, com o objetivo de provocar e estimular o pensamento do leitor sobre as temáticas desenvolvidas no livro.

Nos contos, os problemas vividos pelas personagens assumem o caráter de denúncia, revelando a verdadeira face da negritude no Brasil. Além disso, as personagens exercem um papel fundamental para o reconhecimento e a valorização desse grupo étnico, isto é os afro-brasileiros. Por este motivo a linguagem utilizada foi minuciosamente escolhida e cada palavra contém diferentes interpretações. A linguagem empregada por Conceição é muito rica e diversificada. Muitas palavras estão ligadas às origens africanas, incluindo algumas referências religiosas, mas também há provérbios, rima infantil e, muitas vezes, relacionadas à cultura negra. Há também muitas palavras que provêm da linguagem oral, usadas exclusivamente nas favelas, e que, portanto, não se encontram no dicionário bilíngue português-italiano. Não foi fácil adaptar e traduzir para o italiano uma linguagem repleta de termos específicos da cultura das favelas brasileiras. Muitas vezes precisei eliminar algumas ou adaptá-las a um termo em um italiano correspondente. Embora tenha mantido o estilo da autora, que é sem dúvida inconfundível em sua forma de expressar as necessidades e vicissitudes dos afro-descendentes, esta tradução é muito pessoal e revela a minha visão acerca das histórias apresentadas. Espero que com esta tradução eu consiga divulgar esta importante autora na Itália, não apenas a sua obra mas as duras e tristes histórias tão atuais que ela veicula.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Barbara. *Conceição Evaristo: literatura e consciência negra*. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/>>
- BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CUTI, Luiz Silva. *O leitor e o texto afro-brasileiro*. In: FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Mazza Edições, 2002. pp. 19-36.
- DA SILVA, Stefani Edwiges da Silva. *A Saída-Escrita de Conceição Evaristo: A Literatura Afro-Brasileira como Estratégia de Sobrevivência e Emancipação do Negro*. Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. v. 14, n. 2. Maringá (PR), Brasil. 2009. Disponível em:<<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/1108>>
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. In: *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. V. 4 - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- _____. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, no 31- Brasília, janeiro/junho, 2008, pp. 11-22.
- EVARISTO, Conceição Maria. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- _____. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, pp. 17-31, 2009. Disponível em:<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>>
- _____. *Da representação à autoapresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira*. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, 2005, pp. 52-57. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2download/52%20a%2057.pdf>>

- EVARISTO, Conceição Maria. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Em: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre a poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2010, p.132-142.
- _____. *Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Disponível em <<http://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/1732-a-escrita-e-a-mem%C3%B3ria-emconcei%C3%A7%C3%A3oevaristo.html>>
- _____. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2o sem. 2009
Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>
- _____. Depoimento. Em: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011, v.4, pp.103-116.
- GOMES, Carlos Magno. *Marcas da violência contra a mulher na literatura*. *Revista Diadorim*, UFRJ, Rio de Janeiro. Volume 13, Jul. 2013. Disponível em:
<<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/viewFile/290/252>>
- GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. BRASIL. Ministério da Educação (Org.). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal no 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005.
- GOMES, Heloisa Toller. “*Visíveis e invisíveis grades*”: *vozes de mulheres na escrita afrodescendente contemporânea*. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, EDUFU, v. 12, n. 15, pp. 13-26, 2004. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/frame.htm>>
- IANNI, Octávio. *Literatura e consciência*. Em: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras,

Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4137/1/2009_OmardaSilvaLima.pdf>.

- LOBO, Luiza Leite Bruno. *Crítica sem juízo*. 2a Rio de Janeiro: Garamond, Ed. Revista, 2007.
- NASSIF, Luís. *A vida e a obra de Conceição Evaristo*. Cultura. GGN - *O Jornal de todos os Brasis*. 11-07-2016. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/a-vida-e-a-obra-de-conceicao-evaristo>>
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “*Escrevivência*” em *Becos da memória, de Conceição Evaristo*. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009, p. 621-623. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>>.
- PAIM, Luciane Lima De e Umbach Ketzer Rosani. *Duzu-Querença, Salina e Luamanda: uma representação da violência contra a mulher em Olhos d’Água de Conceição Evaristo*. Em *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, Dossiê no 20: Resignificando histórias, p. 175-188, jul. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/LA> – ISSN 1679-849X>
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Introdução. Um Tigre na Floresta de Signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- PEREIRA, Rodrigo Rosa Da. *A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: questões de gênero, raça e classe*. Em *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, no.49 Brasília set./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018493>
- PONCE, Eduardo Souza e GODOY, Maria Carolina de. Ancestralidade e identidade em Olhos d’Água. Em: *Anais eletrônicos do VIII Colóquio de Estudos Literários - diálogos e perspectivas: Universidade Estadual De Londrina - Departamento de Letras Estrangeiras Modernas*, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Eduardo%20Ponce%20e%20Maria%20Carolina%20Godoy_Texto%20Completo.pdf>
- SILVA, Francielle Suenia da e SILVA, Márcia Tavares. *A mulher e o morro: representação da mulher negra em Ana Davenga*. Em: *Anais do II Colóquio Internacional Literatura e Gênero - relações entre gênero, alteridade e poder*. Disponível em:

<http://s3.amazonaws.com/iciig_meueventoweb/ckeditor_assets/attachments/46/francielle.pdf>

